



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania

ROBERTO PEREIRA DE SOUZA FILHO

**A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE O
Programa Educacional de Resistência às Drogas e à
Violência – PROERD –
NA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL MANOEL VITORINO
EM
SALVADOR - BAHIA**

**Salvador
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROBERTO PEREIRA DE SOUZA FILHO

**A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE O
Programa Educacional de Resistência às Drogas e à
Violência – PROERD –
NA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL MANOEL VITORINO
EM
SALVADOR - BAHIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Kátia Siqueira de Freitas

**Salvador
2008**

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.
Setor de Cadastramento

Souza Filho, Roberto Pereira.

S729 A percepção da comunidade escolar sobre o Programa Educacional de Resistência às drogas e à Violência – PROERD - na Escola Pública Estadual Manoel Vitorino em Salvador – Bahia/ . _ Salva-
dor: UCSal – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, 2008.
137 f.

Orientador: Profa. Dra. Kátia Siqueira de Freitas

Dissertação apresentada a Graduação da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Sociais e Cidadania

1. Droga -Violência - Programa educacional 2. Droga -Violência - Comunidade escolar 3. Polícia Militar (Salvador – BA.) – Curso – Serviço de Ronda Escolar 4. Políticas sociais 5. PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência II. Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. III. Título.

CDU: 364.043 (043.3) (813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

ROBERTO PEREIRA DE SOUZA FILHO

**A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE
O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à
Violência – PROERD –
NA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL MANOEL VITORINO
EM
SALVADOR - BAHIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 20 de agosto de 2008

Banca Examinadora:

Denise Cristina Vitale Ramos Mendes – Prof^a. Dr^a.

Nilce Oliveira – Prof^a. Dr^a.

Kátia Siqueira de Freitas – Prof^a. Dr^a;

DEDICATÓRIA

Ao meu querido e saudoso pai que foi e é, para mim, exemplo de homem, pai e amigo;

A minha querida e amada mãe, que sempre me sustentou e sustenta com as suas orações, amor, carinho e compreensão;

A Tatiana, esposa dedicada, e as minhas filhas Júlia e Juliana, razões que me fazem buscar o conhecimento e a galgar lugares cada vez mais altos na minha vida acadêmica e profissional;

E aos meus irmãos, irmãs, cunhadas, cunhados e sobrinhos, eternos incentivadores, que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas, autor e consumidor dos céus e terra e tudo em que neles há, que me deu forças e sabedoria para poder vencer os obstáculos e alcançar mais esta vitória em minha vida.

À professora e orientadora Kátia Siqueira de Freitas, profissional competente e dedicada para com a mola mestra da formação do homem: A Educação. Pela dedicação e afincamento quando da minha orientação na construção deste trabalho, principalmente, nas pesquisas e no seu desenvolvimento. O MEU MUITO OBRIGADO;

Aos amigos Antonio Maurício Pitangueiras (Mauricinho), José Angelo Fantim (Angelo), Josete Ribeiro e Paulo Roberto Baqueiro (Baqueiro), pelo apoio e incentivo em todas as horas durante esta lida;

Às Professoras do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania pelos ricos ensinamentos, e em especial: Ângela Borges pelo incentivo e oportunidade de poder galgar mais este degrau na vida acadêmica; Inaiá Carvalho pelo apoio e orientação nas horas difíceis; Mary Garcia Castro pela ajuda e orientações e na entrevista.

Aos colegas do Curso de Mestrado, pelo apoio, além das trocas de experiências que foram de grande valia para o meu desenvolvimento nas atividades do curso. Em especial, à colega Maria Lins, amiga, incentivadora e ajudadora, que nos momentos de dificuldades, principalmente, quando das fontes de pesquisa, mostrou-me como proceder para a construção do conhecimento e aos amigos Ricardo Facó e Milton Jordão, pelas orientações, além dos momentos de descontração durante os anos de Mestrado.

À Polícia Militar do Estado da Bahia, quando comandada pelo Excelentíssimo Senhor Coronel QOPM Antonio Jorge Ribeiro de Santana, a qual me proporcionou a oportunidade de estudar um Programa de Políticas Públicas executado por esta Sesquicentenária Milícia de Bravos; ao Sr. Cel QOPM Wilson Raimundo Dultra Pereira, amigo guiado por DEUS, que sempre me ajudou e me orientou nos momentos de dificuldade, indicando, muitas vezes, o caminho a ser trilhado; Ao amigo e irmão Maj PM Josenilton da Hora Silva, servo de DEUS e que muito me ajudou nesta caminhada, estendendo-me as mãos nos meus momentos difíceis; ao amigo Maj PM Gilfer dos Santos Nascimento pela ajuda e incentivo nesta lida; aos Sd PM Sérgio Cosme de Miranda (Miranda), Renilson e Góes (Mulundu), amigos nas horas mais difíceis e que muito me apoiaram e me auxiliaram quando nas dificuldades em conciliar as atividades da Polícia Militar com as acadêmicas;

Às amigas e ex-alunas: Adriana Brandão e Mônica (FTC-FSA); Thaís, Cristiane, Daniele, Verônica Queiros, Verônica Carvalho, Andréia Chagas, Carolina Borges, da Faculdade da Cidade do Salvador, pelas palavras de incentivo e apoio;

À Escola Estadual Manoel Vitorino, em especial às Prof^{as}. Jaciara Santos e Raquel da Silva, que de forma muito educada e gentil, concorreram de maneira fundamental para a consecução deste trabalho; às Prof^{as}. Márcia Kalô, Terezinha do Santos Lima que muito contribuíram na seção de informações para este trabalho; aos alunos da 5ª série, turma B que colaboraram na entrevista do Grupo Focal.

Ao Comando da Vigésima Sexta Companhia Independente de Polícia Militar – 26ª CIPM, sendo que em especial: ao 1º Ten QOPM Assis, à 1ª Sgt PM Joane, Sd PM 1ª CI Bispo e Batista, pelas informações que foram de grande valia.

Ao Comando da Décima Sétima Companhia Independente de Polícia Militar – 17ª CIPM que de maneira gentil, apresentaram os Sd PM 1ª CI Almiro e Jucineia Lima

aplicadores do PROERD 2006, na escola Estadual Manoel Vitorino, que de forma marcante contribuíram para a consecução deste trabalho;

Aos Policiais Militares da Administração do PROERD na PMBA: Cap QOPM Elismar Leão, 1ª Ten QOPM Suzane Ribeiro Melo e à 1ª Sgt PM Grazielle Souza que contribuíram na cessão dos dados sobre o PROERD e na entrevista em um dos grupos focais.

RESUMO

Este trabalho examinou a percepção da Comunidade Escolar sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência na Escola – PROERD, aplicado na Escola Estadual Manoel Vitorino no ano de 2006. Foi usada a metodologia qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram constituídos pela Comunidade Escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino, envolvida na aplicação do PROERD no ano de 2006; Policiais Militares que aplicaram o Curso; os PM que trabalham na Vigésima Sexta Companhia Independente de Polícia Militar –26ª CIPM, no serviço de Ronda Escolar e os que trabalham na Administração Central do Programa. A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, grupos focais e análise de documentos do PROERD. A aplicação do programa, segundo a percepção da Comunidade Escolar, é de grande valia para a prevenção as drogas e a violência no ambiente escolar. Contudo, é evidente a necessidade de se flexibilizar o PROERD, adaptando-o à realidade de cada localidade onde for aplicado. Alguns dos achados são contraditórios. Há discrepâncias entre as declarações de professores, funcionários, alunos PM da Ronda Escolar: para os dois primeiros, não há violência na escola estudada; os dois últimos afirmam o contrário. A pesquisa sinaliza a importância do PROERD acontecer nas cinco últimas séries do ensino fundamental e também no ensino médio.

Palavras – Chaves: drogas, percepção, Polícia Militar, políticas sociais, PROERD, violência.

ABSTRACT

En este trabajo se ha examinado la percepción de la Comunidad Escolar sobre el Programa Educacional de Resistencia a las Drogas y Violencia en la Escuela – PROERD, aplicado en la Escuela Estadual Manuel Vitorino en el año de 2006. Fue usada la metodología cualitativa. Los sujetos de la investigación fueron constituidos por la Comunidad Escolar de la Escuela Estadual Manoel Vitorino, involucrada en la aplicación del PROERD en el año de 2006; Policías Militares que aplicaron el Curso, los PMs que trabajan en la Vigésima Sexta Compañía Independiente de Policía Militar – 26ª CIPM, en el servicio de Ronda Escolar y los que trabajan en la Administración Central del Programa. La obtención de los datos fue realizada a través de encuestas semi-estructuradas, grupos focales y análisis de documentos del PROERD. La aplicación del programa, según la percepción de la Comunidad Escolar, es de gran valía para la prevención de las drogas y la violencia en el ambiente escolar. Ahora bien, es evidente la necesidad de que se haga flexible el PROERD, adaptándolo a la realidad de cada localidad donde sea aplicado. Algunos de los hallazgos son contradictorios. Hay discrepancias entre las declaraciones de los profesores, funcionarios, alumnos, PM de la Ronda Escolar: para los dos primeros no hay violencia en la escuela estudiada; los dos últimos afirman lo contrario. La investigación señala la importancia de que el PROERD se aplique en las cinco últimas series de la enseñanza básica y también en la enseñanza media.

Palabras llave: drogas, percepción, Policía Militar, políticas sociales, PROERD, violencia.

Lista de Ilustrações

Quadro 1	Escolas e Alunos da Cidade de Salvador – BA e RMS	38
Quadro 2	Escolas e Alunos da Bahia na Região do Interior	39
Quadro 3	Pessoal do PROERD no Estado da Bahia	39
Quadro 4	Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Masculino no ano de 2005	43
Quadro 5	Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Feminino no ano de 2005	43
Quadro 6	Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Masculino no ano de 2006	44
Quadro 7	Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Feminino no ano de 2006	45
Quadro 8	Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Masculino no ano de 2007	45
Quadro 9	Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Feminino no ano de 2007	46
Quadro 10	Delitos Cometidos por Adolescentes, no bairro de Brotas, no ano de 2005	47
Quadro 11	Delitos Cometidos por Adolescentes, no bairro de Brotas, no ano de 2006	47
Quadro 12	Delitos Cometidos por Adolescentes, no bairro de Brotas, no ano de 2007	48
Quadro 13	Alunos Matriculados na Escola Manoel Vitorino no ano de 2006.	49
Quadro 14	Turma V1 – Concluintes do PROERD 2006.	50
Quadro 15	Turma V1 – Concluintes do PROERD 2006, Por Idade.	50
Quadro 16	Turma V1 – Concluintes do PROERD 2006, Situação no Ano de 2007	50
Quadro 17	Turma V2 – Não Concluintes do PROERD 2006.	50

Quadro 18	Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2005	52
Quadro 19	Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2005	53
Quadro 20	Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Feminino no ano de 2005	54
Quadro 21	Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2005	54
Quadro 22	Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2006	55
Quadro 23	Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2006.	56
Quadro 24	Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2006.	56
Quadro 25	Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2006.	57
Quadro 26	Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2007.	58
Quadro 27	Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2007.	59
Quadro 28	Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2007.	60
Quadro 29	Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2007.	61
Quadro 30	Atores Participantes da Pesquisa de Coleta de Dados	88
Quadro 31	Ocorrências nos Colégios do bairro de Brotas no ano de 2005.	94
Quadro 32	Ocorrências nos Colégios do bairro de Brotas no ano de 2006.	95
Quadro 33	Ocorrências nos Colégios do bairro de Brotas no ano de 2007.	96
Quadro 34	Tipos de Ocorrência na Escola Manoel Vitorino no ano de 2005.	97

Quadro 35	Tipos de Ocorrência na Escola Manoel Vitorino no ano de 2006.	97
Quadro 36	Tipos de Ocorrência na Escola Manoel Vitorino no ano de 2007.	98

Lista de Tabelas

Tabela 1	Uso de Drogas por Sexo e Idade	25
Tabela 2	Tipo de Droga Usada Por Idade	26
Tabela 3	Uso de Drogas Durante os Anos de 1987 a 2004.	27

Lista de Siglas e Abreviaturas

- 1 **CEDEP** – Centro de Documentação e Estatística Policial
- 2 **Cap QOPM** – Capitão do Quadro de Oficiais da Polícia Militar
- 3 **Cel QOPM** – Coronel do Quadro de Oficiais da Polícia Militar
- 4 **CIPM** – Companhia Independente de Polícia Militar
- 5 **CNGG** - Conselho Nacional dos Comandantes - Gerais das Polícias Militares e Corpo de Bombeiros Militares do Brasil.
- 6 **DAI** – Delegacia do Adolescente Infrator
- 7 **Maj QOPM** – Major do Quadro de Oficiais da Polícia Militar
- 8 **PM** – Policial Militar
- 9 **PM** – Policiais Militares
- 10 **PMBA** – Polícia Militar do Estado da Bahia
- 11 **PROERD** – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
- 12 **PROERD – BA** - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência na Bahia
- 13 **RMS** – Região Metropolitana de Salvador
- 14 **RI** – Região do Interior
- 15 **Sd PM 1ª CI** – Soldado Primeira Classe da Polícia Militar
- 16 **1ª Sgt PM** – Primeira Sargento da Polícia Militar
- 17 **1ª Ten QOPM** – Primeira Tenente do Quadro de Oficiais da Polícia Militar
- 18 **SPO** – Seção de Planejamento Operacional da Polícia Militar do Estado da Bahia
- 19 **12º BPM** – Décimo segundo Batalhão de Polícia Militar
- 20 **18º BPM** - Décimo Oitavo Batalhão de Polícia Militar

- 21 **1ª CIPM** – Primeira Companhia Independente de Polícia Militar
- 22 **2ª CIPM** – Segunda Companhia Independente de Polícia Militar
- 23 **5ª CIPM** – Quinta Companhia Independente de Polícia Militar
- 24 **9ª CIPM** – Nona Companhia Independente de Polícia Militar
- 25 **11ª CIPM** – Décima Primeira Companhia Independente de Polícia Militar
- 26 **13ª CIPM** – Décima Terceira Companhia Independente de Polícia Militar
- 27 **14ª CIPM** – Décima Quarta Companhia Independente de Polícia Militar
- 28 **16ª CIPM** – Décima Sexta Companhia Independente de Polícia Militar
- 29 **17ª CIPM** – Décima Sétima Companhia Independente de Polícia Militar
- 30 **26ª CIPM** – Vigésima Sexta Companhia Independente de Polícia Militar
- 31 **31ª CIPM** – Trigésima Primeira Companhia Independente de Polícia Militar
- 32 **39ª CIPM** – Trigésima Nona Companhia Independente de Polícia Militar
- 33 **40ª CIPM** – Quadragésima Companhia Independente de Polícia Militar
- 34 **41ª CIPM** – Quadragésima Primeira Companhia Independente de Polícia Militar
- 35 **48ª CIPM** – Quadragésima Oitava Companhia Independente de Polícia Militar
- 36 **49ª CIPM** – Quadragésima Nona Companhia Independente de Polícia Militar
- 37 **50ª CIPM** – Quinquagésima Companhia Independente de Polícia Militar

- 38 **52ª CIPM** – Qüinquagésima Segunda Companhia Independente de Polícia Militar
- 39 **58ª CIPM** – Qüinquagésima Oitava Companhia Independente de Polícia Militar

Lista de Símbolos

- 1 **PROERD** – Mostra a União das Forças entre a Escola e a Polícia Militar. 80

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	21
CAPITULO 1		
2	Introdução	23
3	Justificativa	42
	3.1 Escolas e o PROERD	53
4	Relevância do Estudo	
5	Objeto do Estudo	56
6	Objetivos	69
	6.1 Objetivos Geral	70
	6.2 Objetivos Específicos	70
CAPITULO 2		
7	Referencial teórico-conceitual	71
	7.1 A Escola	74
	7.2 Violência	76
	7.3 Violências na Escola	81
	7.4 PROERD	85
	7.5 As Lições do PROERD – As Características de sua cartilha	88
CAPITULO 3		
8	Metodologia	92

8.1 Coletas de dados	95
8.1.1 Os alunos	97
8.1.2 As professoras e as funcionárias	97
8.1.3 A vendedora	98
8.1.4 Os policiais militares	99
8.1.5 A cientista social	100
8.1.6 Dados oficiais sobre os índices de violência	101
8.2 Análise dos Dados	101

CAPÍTULO 4.

9	Considerações Finais	109
	9.1 Sugestões	113
10	Referência	118
11	Apêndices	125
12	Anexos	128

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho estudou a percepção de uma comunidade escolar em relação ao Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência – PROERD, aplicado por integrantes da Polícia Militar do Estado da Bahia – PMBA, no ano de 2006, que tem como objetivo a prevenção ao uso de drogas e violência por crianças escolarizadas na Escola Estadual Manoel Vitorino, localizada no bairro de Brotas, na cidade de Salvador - Bahia.

Este trabalho está dividido em três capítulos:

O primeiro capítulo constitui-se na introdução. Discute, dentre outras questões, algumas facetas do ser humano com relação às questões de violência e o uso de drogas, a relevância do estudo desenvolvido, o PROERD, a escola, campo empírico da pesquisa, o objeto de estudo, os objetivos: geral e específicos e as questões norteadoras que versam sobre percepção da comunidade escolar (professores, alunos e funcionários da Escola Estadual Manoel Vitorino, e os policiais), sobre a aplicação do PROERD aos alunos matriculados na 4ª série, no ano de 2006.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico-conceitual que embasa o trabalho de campo, as discussões e a análise dos dados coletados. Foram tomados como referência teóricos do porte de Abromoway e Castro, Candau, Rojo, Tavares dos Santos, Zaluar, Freire Costa, Feffermann, Rodrigues, Charlot, Debardieux, Sposito, outros igualmente importantes. Nele é feita uma abordagem sobre: a violência nos diversos aspectos; a escola como espaço de construção do conhecimento, espaço socializador e tanto *lócus* quanto instrumento utilizado por programas sociais para a divulgação de uma cultura da não violência; a violência e como ela se apresenta na escola; o PROERD, como ele é aplicado e as suas lições de resistência ao uso das drogas e a não- violência.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia que foi aplicada, que foi de cunho qualitativo, a coleta e como foi realizada esta coleta com os alunos, funcionários, Policiais Militares da 26ª CIPM, Professoras e PM que trabalham na Administração Central do PROERD na Bahia e os que aplicaram o Programa no ano de 2006, além de uma entrevista com uma Cientista Social e a análise dos dados. Tomamos como referências os seguintes autores: Minayo, Bardin, Chizzotti, Cohen e Franco, Freitas.

O quarto capítulo discute de forma mais contundente os achados à guisa de conclusão e sugestões para a ampliação das políticas e programas voltados para eliminar o uso indevido das drogas e da violência entre crianças, jovens, adultos escolarizados.

Nos anexos, estão os documentos das agências às quais foram solicitados dados: ao Centro de Estatística e Documentação Policial - CEDEP, à Delegacia do Adolescente Infrator – DAI, aos Comandos da Décima Sétima Companhia Independente de Polícia Militar – 17ª CIPM e à Vigésima Sexta Companhia Independente de Polícia Militar - 26ª CIPM, os dados relativos às ocorrências do CEDEP e da DAI, as respostas dos grupos focais e entrevistas, e também os anexos, com a portaria de criação do PRORD no Estado da Bahia.

Nos apêndices estão os instrumentos usados nas entrevistas e nos grupos focais, além da entrevista realizada com uma cientista social especialista no tema.

Capítulo 1

2 INTRODUÇÃO

O ser humano no seu ciclo de vida passa por fases que são caracterizadas por faixas etárias que vão da infância à velhice, hoje conhecida também como a terceira idade. Dentre estas faixas, as que mais se destacam, para efeito deste estudo, são a infância e a adolescência, uma vez que o PROERD é aplicado intencionalmente com crianças na faixa etária compreendida entre os 09 aos 12 anos.

Segundo o Art. 2º, da Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA: são consideradas crianças, todas as pessoas até “doze anos de idade incompletos”, e adolescentes aquelas entre “doze e dezoito anos de idade”. Para efeito deste trabalho, foi adotada a definição do ECA, em que a adolescência é compreendida dos 10 aos 18 anos, como definição concebida pela Organização Mundial de Saúde – OMS, em que a adolescência compreende o período de 10 a 20 anos.

As experiências de vida do ser humano acontecem desde a sua formação no ventre materno, mas é na convivência com o ambiente social familiar e escolar que seus hábitos e atitudes sofrem forte influência, inclusive a dos colegas e a das experiências vividas em grupos de colegas na escola. Através de contatos interativos com a sociedade em que vive, o ser humano passa a conhecer novas pessoas e a formar novas idéias de valor que podem ser considerados bons ou nocivos à própria pessoa e a sociedade. A formação do ser humano e a transformação das sociedades são influenciadas por hábitos e costumes, que podem contribuir de forma positiva ou negativa para a formação do seu caráter e da forma de se relacionar com o mundo circundante.

Nos últimos anos, um grande número de crianças e adolescentes vem se destacando de forma negativa com ações violentas e agressivas. Essas ações podem ser, dentre outras questões, sintomas de problemas sociais decorrentes das privações, discriminações, uso de drogas ou a combinação de vários desses elementos. Contudo, este trabalho limita-se a estudar a percepção da comunidade escolar, referente à aplicação de um programa de políticas públicas, voltado para a prevenção da violência e do uso indevido de drogas por crianças de 9

a 12 anos, matriculadas na 4ª série, no ano de 2006, na Escola Estadual Manoel Vitorino, localizada no bairro de Brotas, na cidade de Salvador – Bahia. Neste bairro, encontram-se estabelecidas, no seu espaço geográfico, as classes socioeconômicas: alta, média e baixa.

Segundo Charlot (2002), a agressividade é uma disposição biopsíquica reacional; a frustração, inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer, leva à angústia e à agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal (*agredire* é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo). A referida autora enfatiza o uso da força, do poder, e da dominação.

A violência, muitas vezes, é decorrente da condição socioeconômica, em que os membros de uma sociedade vivem, ou incorporada mediante processos observados de violência exibidos por familiares, filmes e outros elementos, ou por comportamentos transformados pelo uso das drogas lícitas e ilícitas.

Mas o que são as drogas?

Segundo Abramoway e Castro (2005), drogas são definidas, em um sentido amplo, como qualquer substância capaz de exercer um efeito sobre o organismo. As drogas chamadas psicotrópicas ou psicoativas – palavra originária do grego que pode ser traduzida como aquilo que age sobre a mente – alertam os sentidos, induzem à calma ou à excitação, potencializam alegrias, tristezas e fantasias. Desse modo, drogas são substâncias químicas e ou orgânicas, utilizadas para fins comerciais, ou não, pois são usadas em drogarias (farmácias), indústrias, tinturarias, produtos de limpeza e outros, a fim de serem comercializados e suprir as necessidades do homem. Porém, grande parte dessas substâncias estão sendo utilizadas de forma abusiva e indevida.

O problema das drogas não é exclusivo da nossa sociedade. A história do homem possui registros de que algumas substâncias são e foram utilizadas como entorpecentes desde os primórdios da humanidade. Mas, é a partir do século XX que as drogas constituem-se num relevante problema psicossocial, devido a sua incontrolável disseminação e seu consumo exacerbado, que fez e faz com que toda a sociedade venha refletir sobre este grave mal..

Quando nos reportamos aos primórdios das civilizações, notamos que as opiniões sobre as drogas mudaram de forma drástica, tendo em vista o conhecimento sobre seus efeitos, na maioria das vezes nocivos. O que era conhecido sobre o uso das drogas, versava sobre a sua utilização nas cerimônias

tribais, cerimônias essas de cunho religioso e de boas-vindas. O vinho, por exemplo, foi largamente usado pelos povos antigos e continua sendo usado nas missas da Igreja Católica.

Segundo Pratta e Santos (2006), as drogas foram utilizadas, através dos tempos, por grupos variados com fins religiosos, culturais, medicinais, de prazer, místicos, psicológicos e climatológicos, e até mesmo, como forma de buscar a transcendência, as alterações do estado de ânimo e da própria consciência. As drogas eram também utilizadas com o propósito de obter força e coragem nas lutas do trabalho, ou até mesmo, nas lutas de honra pessoal ou coletiva.

O Brasil, assim como outros países, vem com o passar dos anos se defrontando com o grave problema de uso indevido de drogas por crianças e adolescentes. Este problema tem acarretado conseqüências danosas, tanto para a família como para a sociedade, em geral, sendo que em particular para a escola, que ultimamente tem sido palco de graves problemas, com aumento dos índices de violência, que têm suas gêneses, na maioria das vezes, nas drogas.

Na tabela 1, vê-se que, em geral, o uso de drogas psicotrópicas, exceto tabaco e álcool tem aumentado a cada ano entre estudantes do ensino fundamental e médio das redes municipal e estadual do Brasil, segundo pesquisa do Observatório Brasileiro de Informação Sobre Drogas – OBID, do Governo Federal, em estudos publicados no ano de 2005.

Tabela 1: Uso de Drogas Por Sexo e Idade

Tipos de Uso	Sexo			Idade (Anos)				
	M	F	NI	10–12	13-15	16-18	>18	NI
Uso na vida	23,5	21,7*	23,7	12,7	23,1	29,2	34,7	25,1
Uso no ano	20,4	18,8*	20,6	10,2	20,3	26,5	29,2	21,3
Uso no mês	15,6	13,9*	16,1	7,6	14,5	20,4	24,0	17,6
Uso freqüente	3,5	2,6*	3,4	1,3	2,9	4,7	5,1	3,3
Uso pesado	2,3	1,7	2,3	0,9	1,9	3,0	3,6	2,2

Fonte: OBID 2005 (www.obid.senad.gov.br/OBID/Portal/index.jsp)

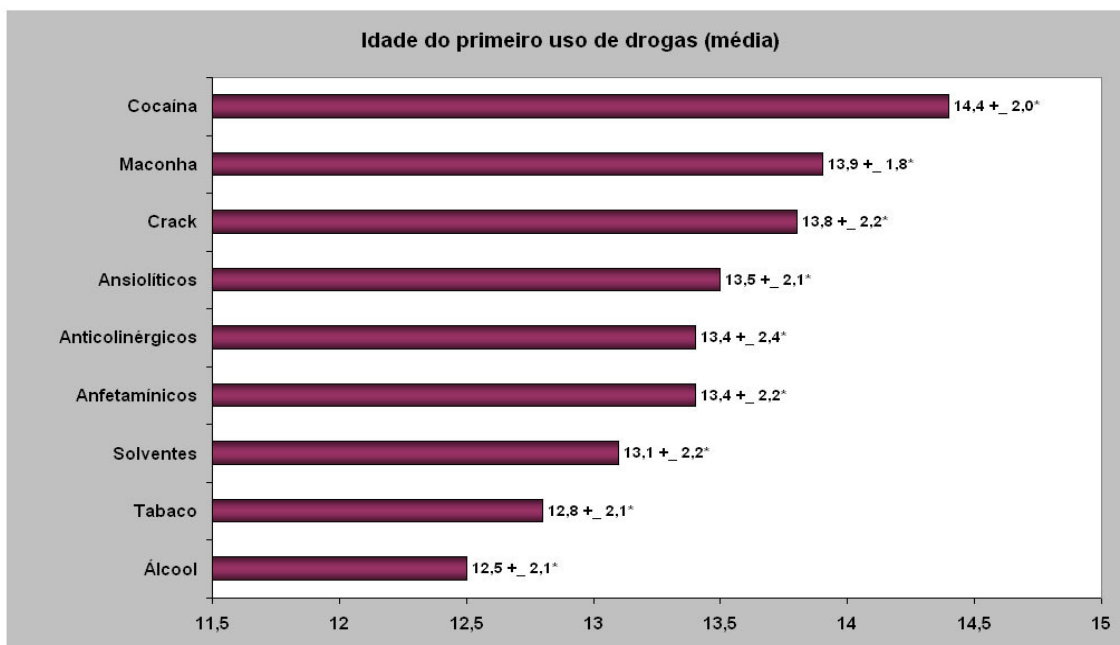
NI: dados não informados pelos alunos

O uso de drogas psicotrópicas, por estudantes do ensino fundamental e médio das redes municipal e estadual do Brasil, segundo dados expressos em porcentagem, levando-se em conta os tipos de usos e as diferentes drogas, individualmente, é bastante alto.

A análise estatística da pesquisa realizada pelo OBID, no ano de 2005, na Tabela 2, mostra que a idade em que ocorre o primeiro uso das drogas

consideradas lícitas é cada vez mais cedo, a exemplo do álcool e do tabaco. Em contrapartida, o uso de drogas como crack, maconha e cocaína, tem ocorrido a partir dos 13 anos.

Tabela 2: Tipo de Droga Usada Por Idade



Fonte: OBID 2005 (www.obid.senad.gov.br/OBID/Portal/index.jsp)

Os dados apresentados mostram que cada vez mais cedo as pessoas estão passando a consumir drogas, sendo que de acordo com os dados apresentados a cocaína está em primeiro lugar quanto ao uso. Por isso, o Brasil, segundo estudo da Organização das Nações Unidas – ONU e Organização dos Estados Americanos – OEA, divulgado pelo jornal Folha *on-line*, na sua edição de 15/01/2008, é considerado como o 3º país da América do Sul com relação ao uso e consumo de cocaína.

É possível observar na Tabela 3, segundo levantamento da OBID do ano de 2005, que na cidade de Salvador – BA, entre os anos de 1989 e 1993, houve um decréscimo no uso de duas drogas lícitas: o álcool e o tabaco. Além da ocorrência do mesmo fenômeno, em relação ao uso da maconha e dos solventes (drogas ilícitas). Apesar de o início, mais intenso, das campanhas de prevenção ao uso de drogas, ter ocorrido a partir do final da década de 1990 e início do novo século, podemos constatar, segundo o mesmo levantamento, que o arrefecimento do consumo destas substâncias, só começou a ocorrer, a partir do ano de 1997 e 2004.

Tabela 3: Uso de drogas durante os anos de 1987 a 2004

Salvador – BA					
Drogas	Anos dos Levantamentos				
	1987(%)	1989(%)	1993(%)	1997(%)	2004(%)
Álcool	79,9	80,0	77,7	79,5	63,1
Tabaco	17,9	22,8	19,3	30,5	17,7
Maconha	1,7	1,6	2,4	8,3	3,4
Cocaína	0,2	0,4	0,4	1,0	1,6
Solventes	18,4	17,6	13,1	14,4	11,9

Fonte: OBID 2005 (www.obid.senad.gov.br/OBID/Portal/index.jsp)

O problema das drogas continua sendo bastante alarmante para a sociedade brasileira. Contudo, não como tem sido nos dias de hoje. Seu uso varia, significativamente, de acordo com o contexto socioeconômico dos consumidores. Ao contrário do que se pode imaginar, a maior ameaça de dependência química não está nas drogas consideradas ilícitas, mas, no uso do álcool e no tabaco, que são drogas lícitas quando usadas por pessoas maiores de 18 anos.

O álcool tem-se tornado um dos maiores problemas em termos de saúde pública, tendo em vista a facilidade ao seu acesso, fato que tem propiciado o desenvolvimento do quadro do alcoolismo. Dentre algumas das consequências do uso indevido desta substância, está a questão da violência urbana, que vem ganhando um lugar de destaque, inclusive nas escolas de ensino fundamental.

A sociedade tem sido afetada com o uso indevido dessas substâncias, em particular, o álcool. A parcela da sociedade que se destaca com um considerável índice de uso de álcool e tabaco, são as crianças e adolescentes. As crianças e adolescentes vêm sofrendo novos desafios a cada dia que passa. São pressões de companheiros de escola para que compartilhem experiências com substâncias causadoras de dependência química e/ou psíquica; e através, muitas vezes, de influências negativas da imprensa escrita, falada e televisada que abordam com grande destaque esse tipo de droga.

Esse tipo de abordagem ocorre por meio das propagandas que são veiculadas, diuturnamente, além de se apresentarem estarem, muitas vezes, em forma de cartaz, *outdoor* e *baner*, nos mais diversos locais, inclusive próximos às escolas.

O ser humano usa algumas substâncias de forma equivocada, substâncias que servem para tratamentos de saúde, sendo fabricadas e comercializadas pela indústria e/ou comércio. É sabido que o uso delas proporciona alterações no comportamento humano, através de sensações transmitidas na mente, que é o principal órgão afetado.

As alterações psicológicas, provocadas pelo uso inadequado dessas substâncias, como álcool, maconha, cocaína e *crack*, que são as drogas mais usadas, vêm influenciando diretamente nas relações vivenciadas pelo homem, num primeiro momento com a sua família e conseqüente na sociedade na qual está inserido, sendo que esta mudança influenciará, direta ou indiretamente, no seu rendimento escolar, na transformação do seu comportamento, podendo mesmo desencadear atitudes violentas e de incivilidade, além de ocasionar seqüelas e dependências físicas e/ou psíquicas irreparáveis.

As drogas estão classificadas como lícitas e ilícitas.

As drogas lícitas são conhecidas como drogas institucionalizadas, a exemplo das bebidas alcoólicas, do tabaco, dos solventes e da cola para as quais não existe proibição por lei para a sua comercialização, que é feita através de estabelecimentos autorizados também para tal finalidade: farmácias, bares, restaurantes, barracas de praias, bancas de revistas, *delicatesses*.

Segundo Abramoway e Castro (2005), o álcool é a droga de uso mais freqüente, entre crianças adolescentes, seguida, a distância, pelo tabaco, pelos inalantes (solventes, colas) e pelos medicamentos psicotrópicos.

As drogas ilícitas são aquelas que não têm autorização para serem comercializadas. Elas são vendidas na clandestinidade por pessoas, conhecidas por traficantes, que se utilizam muitas vezes de outras, denominadas de vapor ou avião, para a venda destas substâncias. Dentre as drogas consideradas ilícitas temos a maconha, cocaína, lança-perfume, *crack*, ópio, LSD.

Pesquisadores do Grupo de Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas – Grea, do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), analisaram prontuários de 105 adolescentes de 10 a 17 anos, tratados no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP entre 1993 a 2000, constataram que 90% dos meninos têm atraso escolar acima de um ano, enquanto as meninas a porcentagem é de 66%. Por causa das drogas, 78% dos meninos abandonaram a escola contra 52% das meninas. Os meninos e meninas tratados no Instituto de Psiquiatria começaram a usar drogas com a mesma idade (em média, aos 12 anos). O álcool é consumido por 100% deles, a maconha por 86,7% e a cocaína por

73,3% das meninas e 64,4% dos meninos. O motivo para o início do uso das drogas, em ambos os sexos, é a curiosidade. Essa foi a razão apontada por 78,3% dos meninos. O índice entre as meninas sobe para 81,8% (CASTELÕES, 2002, p.2).

As drogas são utilizadas, na sua grande maioria, ou quase que totalidade por pessoas compreendidas nas mais diversas faixas etárias, principalmente, entre os 10 e 12 anos, segundo últimos levantamentos e, até na juventude. Mas, este quadro tem sido modificado com o passar dos anos, pois pessoas com idades ainda menores, segundo pesquisas desenvolvidas por Abromoway e Castro, já estão usando drogas.

Crianças entre 10 e 12 anos (...) declaram que usam drogas com frequência. (...), quanto maior a idade, maior a frequência de uso de drogas. A exposição às drogas (já experimentaram e usam com frequência) apresenta porcentuais crescentes segundo as diferentes faixas etárias. (...) jovens que fazem uso de drogas a partir dos 10 anos de idade comprovando o que a literatura vem chamando a atenção – de que é cada vez mais precoce a iniciação que crianças e adolescentes vêm fazendo de drogas ilícitas (ABRAMOWAY e CASTRO 2005, p. 66-67).

Dentre os efeitos nocivos causados pelo uso inadequado e freqüente destas substâncias podemos destacar a violência.

A violência nos últimos anos tem aumentado de forma assustadora. Uma de suas gêneses está no uso das drogas lícitas, mas, na maioria das vezes, às drogas ilícitas, pois o comportamento violento, na maioria das vezes, está ligado à reação psicológica que acontece após a utilização dessas substâncias.

Mas o que fazer para reduzir ou acabar o consumo das drogas?

Muito já foi pensado e debatido pelos mais diversos setores da sociedade, visando à elaboração de estratégias para a redução do uso ou fim do consumo das drogas ilícitas, que são nocivas ao homem e à sociedade. Campanhas foram criadas e veiculadas com esse fim, sendo que dentre elas as que mais têm sortido efeito são as de prevenção.

Os problemas com as drogas lícitas e ilícitas, quanto ao seu uso abusivo, não é uma realidade recente. Mas, o Brasil só passou a se preocupar com esse problema, a partir da década de 1990.

Segundo Canelotti e Soares (2005), o Brasil, até os anos 1990, era um país em que pouco se pesquisava sobre esse assunto, tendo a ausência de

investigações científicas levado, para além da negligência, a equívocos relacionados à importação de modelos de outras realidades.

Mas, com o avanço do número de pessoas contaminadas pelo vírus HIV e a preocupação da propagação dessa tão grave doença, haja vista um dos meios de transmissão ser o compartilhamento de seringas, que apesar de descartáveis não são usadas como tal, as autoridades brasileiras passaram a se preocupar com a implantação de programas de prevenção ao uso de drogas por ser um dos meios de contaminação com o vírus da AIDS.

Segundo Castro e Abramovay (2002), a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura – UNESCO - passou a investir em projetos que visam a *“educação preventiva contra o abuso de drogas”*; o principal exemplo é o Projeto de Prevenção, Educação e Drogas – PEDDRO, em parceria com a Comissão Europeia, que enfoca a *informação, formação de pessoas e o intercâmbio de conhecimentos*, considerando *a escola, a família e a comunidade os lugares privilegiados para uma ação preventiva*.

Prevenir é o ato ou efeito que significa evitar, dispor com antecipação ou chegar antes de.

Ao relacionar esta ação com as drogas, podemos constatar que o ato de desenvolver um trabalho informativo e conscientizador, com o qual possamos mostrar os efeitos danosos do consumo e do uso abusivo das drogas, lícitas e ilícitas, vem evitar o envolvimento do ser humano com este tipo de substância, que usada incorretamente poderá trazer efeitos danosos e devastadores para a saúde do homem e da sociedade.

A informação subsidia a reflexão crítica acerca do tema, possibilitando um diálogo aberto e confiável entre os sujeitos da prevenção. Representa um dos componentes dos programas de educação preventiva e não a educação, propriamente, dita. A informação eficiente é aquela que possibilita uma análise em relação às opções possíveis, quais sejam: o uso racional e responsável de drogas ou os benefícios da abstinência (CANELOTTI e SOARES, 2005, p.9).

Agindo desta forma poderemos: evitar, impedir, retardar, reduzir ou minimizar o uso e os prejuízos relacionados com estas substâncias psicoativas.

Os programas de prevenção, num primeiro momento, deveriam mostrar o que são as drogas, seguido dos efeitos da sua ação sobre o organismo, em especial a mente do ser humano. O que isto acarreta para a sociedade em geral e, em

particular, no relacionamento familiar. A família é de fundamental importância quando da implantação deste tipo de programa, pois o fortalecimento dos laços fraternos entre os indivíduos e os grupos sociais nos quais ele está inserido, é de relevância para a compreensão sobre as causas do consumo das drogas.

A prevenção ideal é aquela em que se conscientiza o indivíduo e não parte para o ato de proibir. Pois, se ao invés de conscientizar aplicamos uma ação de cunho repressiva, sem antes mostrar os efeitos danosos, podemos incorrer no risco de despertarmos, em alguém, a vontade de experimentar algo que está sendo proibido, vontade esta que é inerente ao caráter do homem.

Um trabalho de prevenção, voltado para a redução dos riscos e danos provocados pelo consumo de drogas, vem ponderar se o consumo de drogas pode ser eliminado por completo. Segundo Soares (1997 apud CANELOTI e SOARES 2005), pela ótica da redução de riscos e danos, as drogas lícitas como álcool, tabaco e medicamentos são as que acarretam mais problemas à sociedade, devendo ser também objeto de prevenção.

Para Carlini-Cotrim (1992 apud CANELOTI e SOARES 2005) não se deveria interferir no direito que o cidadão tem sobre seu próprio corpo. O uso de drogas propriamente dito não, necessariamente, interferiria de modo negativo sobre a sociedade. Porém, esta afirmação não é verdade. O uso e o consumo abusivos de drogas, além de ocasionar efeitos danosos ao corpo do homem, pode direta ou indiretamente interferir na sociedade.

A competência do Estado sobre o consumo de drogas, deveria circunscrever-se às ações que interferem diretamente na sociedade, isto é, os danos relacionados à saúde e à violência principalmente. Portanto, seria sobre esses danos, e não sobre o arbítrio dos cidadãos sobre si mesmo que deveriam recair as políticas de prevenção ao uso de drogas; o que configura em programas realistas, eficientes, eticamente corretos, e providos de credibilidade (CANELOTI e SOARES, 2005, p.4).

Mas, por que prevenir?

O consumo de drogas está começando cada vez mais cedo na vida do ser humano. O uso e consumo destas substâncias vêm começando nos anos de fundamental importância para a formação cultural, social e intelectual.

O primeiro contato com a droga geralmente ocorre na adolescência, uma vez que esta fase é marcada por muitas e profundas mudanças, tanto físicas quanto psíquicas, as quais tornam o adolescente mais vulnerável. Ou seja, por viverem um corpo e uma

mente em constante transformação, fato que pode provocar sofrimento psíquico, os adolescentes constituem um grupo de risco em relação ao consumo de drogas. Entretanto, a vulnerabilidade característica dessa etapa, pode ser agravada pelo próprio sentimento de onipotência presente nessa fase, uma vez que o adolescente sente-se indestrutível e imune a qualquer problema da saúde vivenciado pelas outras pessoas (PRATTA e SANTOS, 2006, P. 4).

Os primeiros contatos com as drogas ocorrem nos mais diversos ambientes e, neste caso, é de fundamental importância a interação entre família, escola e sociedade, para se poder trabalhar um processo de prevenção que seja eficaz no uso e consumo destas substâncias. Segundo Schenker e Minayo (2005 apud PRATTA e SANTOS 2006), os fatores de risco e de proteção em relação ao uso de drogas estão relacionados a seis domínios da vida: o individual, o familiar, o midiático, os amigos e a comunidade da convivência, que apresentam relações entre si.

A atração pelas drogas está cada vez mais cedo. Esta constatação também é feita por integrantes das Polícias Civil e Militar. Segundo Wislei Salomão, Delegado-Adjunto da Delegacia da Criança e do Adolescente de Brasília – DF, crianças e adolescentes entre 09 e 13 anos, além de consumirem drogas, são usados por grandes traficantes, como peça fundamental – e de baixo custo – para a venda de drogas.

Esta situação ocorre pelo fato de algumas crianças viverem em situação de risco. Para Schenker e Minayo (2005), o risco é inerente à vida, ao movimento e à possibilidade de escolha. Viver é correr risco e por isso a incerteza é um componente essencial da existência e igualmente do conceito de risco.

Para tentar minimizar esta situação de risco em que se encontram as nossas crianças e adolescentes brasileiras, com relação às drogas e à violência na sociedade, o Estado resolveu investir e incentivar políticas, programas e ações de prevenção ao uso e consumo de drogas, no sentido de tentar minimizar esse problema. As políticas públicas voltadas para esse fim deram lugar a programas de cunho social, especialmente, a partir da década de 1990. Além desta preocupação, a violência também tem sido foco de atenção do Estado, haja vista o fato de ela possuir em uma das suas gêneses o uso, consumo e tráfico de drogas.

Com intuito de proteger preventivamente as crianças, pois estas são um dos alvos das quadrilhas de pessoas ligadas ao tráfico e consumo de drogas, o Estado através de patrocínio de leis e programas, em conjunto com a escola, as

famílias e a comunidade, passou a agir mais ostensivamente no combate ao uso de drogas e a violência. O envolvimento destes três setores da sociedade é considerado como uma das variáveis importantes na orientação e formação das nossas crianças e jovens no sentido de torná-los menos susceptíveis às influências dos grupos e colegas envolvidos com substâncias ilícitas, ou usuários inadequados de substâncias lícitas, que terminam por se tornar tão nocivas à saúde e ao bem-estar coletivo tanto quanto as drogas ilícitas.

Inicialmente, o Estado passou a desenvolver, inspiradas no Programa de Tolerância Zero que teve a sua gênese nos Estados Unidos da América do Norte, ações de combate ao uso indiscriminado ao tráfico de drogas. Porém, a forma de se abordar o problema, muitas vezes levava as pessoas a um estímulo em querer descobrir o que havia por trás dessa proibição. Para CANELOTI e SOARES (2005), a informação alarmista e a repressiva ou a “pedagogia do terror” mostram-se ineficientes e poderiam até mesmo suscitar o desejo de desafiar o mal e afrontar o que é proibido.

Assim, no intuito de proteger as nossas crianças desse tão terrível problema, o governo optou por aplicar ações preventivas ao uso e consumo de drogas. Segundo Schenker e Minayo (2005), proteger é uma noção que faz parte do contexto das relações primárias e do universo semântico das políticas sociais. Significa, sobretudo, oferecer condições de crescimento e desenvolvimento, de amparo e de fortalecimento da pessoa em formação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA aborda a necessidade de princípios básicos para a formação da criança e do adolescente, principalmente, no que se refere à proteção, à segurança e à cidadania, sendo assim, esse grupo social é definido pelo ECA como cidadão sujeito a direitos, merecedor de prioridade, de atenção e de cuidados.

O uso e o consumo de drogas têm aumentado entre as crianças e adolescentes. Estudos têm mostrado que cada vez mais cedo o uso dessas substâncias tem crescido, sobretudo, com as crianças de idade entre 10 e 12 anos, sendo que uma das drogas é o álcool.

Quanto ao uso de drogas, estudos tanto no Brasil como em outros países, mostram que o álcool é a droga mais amplamente utilizada entre adolescentes e entre escolares. Esse uso tem início precoce, uma vez que quase metade dos estudantes entre 10 e 12 anos já

fizeram uso de álcool. Embora taxas de uso tenham sido crescentes com a idade, isto não aconteceu em relação ao uso pesado de álcool, sugerindo que aqueles indivíduos que apresentarão um beber problemático já iniciaram com essa característica. O tabaco mostrou taxas de uso inferiores ao álcool em quase todas as categorias, exceto quanto ao uso pesado, e não mostrou predomínio de uso quanto ao sexo. O último levantamento realizado nas 10 capitais mostrou tendência ao crescimento do uso pesado de tabaco em três cidades: Porto Alegre, Curitiba e Salvador. Entre as drogas de uso ilícito, entre os adolescentes mais jovens (10 e 15 anos), os solventes continuaram ocupando a primeira posição, sendo mais consumidos que a maconha. O uso dessas drogas predominou nos meninos, quando comparados às meninas (TAVARES, BÉRIA e LIMA, 2001, p. 9).

Políticas Públicas de Prevenção consistem em ações que visam à redução do uso ou consumo das drogas. Elas vêm fornecer informações sobre a sua composição, os prejuízos causados pelo seu consumo, além dos males que trazem para a vida do ser humano: na família e na sociedade. Esta prevenção é feita através de diversos programas. A Polícia Federal trabalha com o Programa chamado Brasileirinho e a Polícia Militar, por exemplo, implementou o PROERD.

A prevenção pode ocorrer em várias modalidades, sem excetuar a ação de evitar ou retardar o experimento do uso das drogas; pela conscientização das pessoas que já tiveram contato com estas substâncias ou ocasionalmente a utilizam, mostrando os efeitos causados por elas. Esta ação tem por finalidade evitar uma possível transformação de usuário para dependente. Por fim, ao tratamento do uso nocivo ou dependência, existem programas como: Alcoólatras Anônimos – AA, a Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcanti – ARD-FC aplicado pela Faculdade de Medicina da Bahia – FAMEB, Associação Vida, em Santa Catarina, dentre outros.

Antes da aplicação de programas de prevenção é necessário se fazer uma classificação do usuário de drogas, pois ambos, programa e usuário, estão ligados e, deste modo, poderá ficar mais fácil de entender a ação preventiva, e esta ação esta baseada no usuário.

(...) a) usuário ocasional, como sendo aquela pessoa que não apresenta interação prolongada com a droga, utilizando-a apenas em reuniões sociais ou em momentos exclusivos; b) Usuário habitual, mas com controle psicossocial, ou seja, aquele que é um usuário contumaz da droga eleita, porém apresenta esse uso demarcado por um limite hipotético, que sempre o faz retornar ao

convívio social e funcional; (...) c) usuário dependente, sem controle psicossocial, ou seja, é o usuário compulsivo, pois a droga eleita para a ser o eixo da sua vida, o centro de suas atenções, culminando com sua desestruturação psicossocial (RODRIGUES, 2003, p. 44).

Pedrosa (1995) destaca que as crianças começam a aprender o que é droga, quando observam os adultos em busca de tranqüilizantes ao menor sinal de tensão ou nervosismo. Aprendem também quando ouvem seus pais falarem das doses de café que são necessárias para mantê-los acordados, ou ao sentirem o cheiro da fumaça de cigarros.

Nesse sentido, Santander (2002) observa que os adultos têm sempre argumentos consistentes para justificar seus comportamentos, mas em verdade trata-se de um modelo comportamental impulsivo e descontrolado. Baseados nesses modelos de comportamento, o ser humano em fase de formação pode copiá-los no tocante a como se relacionam com as drogas.

Não é muito difícil encontrar pessoas que ao primeiro sinal de desconforto, sofrimento e/ou nervosismo, lancem mão do uso de remédios, de uma bebida alcoólica, de um cafezinho, de um cigarro, ou até mesmo de chocolate ou de doce, com o intuito de tentar sanar o sentimento ora vivido.

As drogas são coisas e, no entanto, são personalizadas, são demonizadas estão em nós, os desejos, as vontades de consumir drogas e, então, somos nós e não elas, o problema social do consumo de drogas. Quando transformamos as drogas no bandido, nos isentamos de qualquer culpa e saímos por aí como vítimas de um Lobo Mau mítico. Nós queremos as drogas porque a nossa sociedade – esta que nos oferece absolutamente tudo, desde que sejamos consumidores válidos – nos incita a emoções para além do que ela nos oferece pronta-entrega, fast-food, anulando a nossa fantasia com seus efeitos especiais sobre todas as nossas possibilidades de criação (ESPINHEIRA, 2007, p. 51).

A história mais recente mostra que as reações da sociedade frente ao uso de substâncias tóxicas são muitas vezes tão ambíguas, quanto incoerentes. Se tentarmos formular uma visão panorâmica a respeito das reações de uma cultura frente a uma determinada substância tóxica, podemos identificar três fases distintas: ignorância, alerta e controle ou liberação (SANCHEZ, 1982, p.5).

Se analisarmos os princípios básicos desse modelo de comportamento dependente, poderemos observar num imenso quantitativo de adultos e de pais que, sem a menor consciência do que estão fazendo, ensinam aos filhos e alunos que os

problemas podem ser solucionados com a ajuda de uma substância química, substância esta que não é alimento.

Seguindo esta linha de raciocínio, a droga utilizada de maneira errada não é algo de bom, principalmente, em se tratando da modificação estrutural do organismo, no tocante ao seu funcionamento, que além de trazer modificações no comportamento de quem possa ingerir, acarretando problemas físico e/ou mental para essa pessoa, até mesmo quando do tratamento para os comedores compulsivos.

Segundo Bullock (1999 apud RIBEIRO et al 2002), drogas são substâncias que afetam tanto o sistema nervoso central quanto a percepção que o indivíduo tem do meio.

Dentre alguns programas de prevenção ao uso e consumo de drogas destacamos o PROERD. A sua principal característica é o envolvimento de atores que fazem da sociedade como um todo: alunos, de pais, professores, líderes comunitários e a polícia militar, esta deixa de ser uma Instituição usada para repressão, e passa a fazer um trabalho de prevenção.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, além e colocá-los a salvo de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. § 1º, inciso VII – programa de prevenção e atendimento especializado à criança e ao adolescente dependente de entorpecente e drogas afins (CF, 1988, Art. 227).

O PROERD é um Programa com caráter social, posto em prática pela Polícia Militar, junto aos alunos da 4ª série que se encontram na faixa etária de 09 a 12 anos e que tem como princípio ensinar as crianças a reconhecerem e resistirem às drogas, além de instruí-las a resistir, na prática, a certas pressões e ofertas.

A Polícia Militar vem envidando esforços no sentido de proporcionar, através do PROERD, a oferta de atividades educacionais em sala de aula, no intuito de inserir no público-alvo do Programa, a necessidade de desenvolver as suas potencialidades, ajudando a preparar para o futuro uma geração consciente do exercício de sua cidadania.

Tendo por base o projeto Drug Abuse Resistance Education - D. A. R. E., criado em 1983 nos Estados Unidos, hoje sendo desenvolvido em 58 países e desde

2002, em todos os Estados do Brasil, o PROERD fornece informações aos estudantes sobre álcool, tabaco e outras drogas, além de orientar os estudantes a tomar decisões e as conseqüências de seus comportamentos. Trabalha a auto-estima desses pré-adolescentes, ensinando-lhes a resistir às pressões que os envolvem.

O início do Programa na escola compreende uma reunião com pais, educadores e funcionários, no sentido de divulgar o programa e orientar o engajamento e a participação de todos os atores envolvidos no processo.

O policial deverá comparecer à escola, fardado, uma vez por semana, ao longo de um semestre, acompanhado do professor da turma, para ministrar as aulas aos estudantes. A presença de policiais militares nas escolas, para a aplicação do PROERD, tende a aumentar também a possibilidade de redução de outros problemas locais, afetos à segurança pública, aproximando a PM e a própria entidade de ensino à comunidade.

O PROERD é aplicado por Policiais Militares que possuem o Curso de Formação de Instrutores PROERD. E, em momento algum, será concebida a autorização de serem ministradas aulas fora do padrão deste Programa. Os policiais militares para serem instrutores passam por uma seleção rigorosa, sendo submetidos a um Curso de 80 horas/aulas, aplicado por Mentores do Programa, os quais receberam treinamento de uma equipe Norte-Americana no curso "Menthor Officer".

No Curso de Formação de Instrutores, os policiais além de conhecerem a doutrina do Programa, aprendem técnicas e métodos de ensino infantil, dependência das drogas no tocante às características, às causas, ao tratamento e à toxicologia que são os efeitos das drogas. A fim de tratar dos assuntos específicos mencionados, o Curso tem sempre a participação de uma pedagoga, um psiquiatra e um farmacêutico.

O Programa é aplicado nas escolas públicas e/ou particulares, no período de um semestre, através de aulas com duração de aproximadamente 60 minutos semanais, totalizando no atual modelo 10 (dez) lições constantes de uma cartilha que o aluno recebe, e nela aprende dentre outros ensinamentos a resistir às pressões negativas do grupo e a valorizar a auto-estima; ressalta-se que em nenhum momento o aluno tem acesso ou manuseia substâncias entorpecentes.

Quando da execução do Programa, o estudante recebe uma cartilha e um “kit” de comunicação visual composto de 01 camiseta e 01 boné com a logomarca do Programa, que são distribuídos no dia da formatura, juntamente, com um certificado de conclusão do curso, quando o aluno formando, presta o compromisso diante da Polícia, da Escola e da Família de resistir às drogas e à violência.

O PROERD não foi implantado para preencher um hiato que é atribuído à Polícia Militar pelas Constituições Federal, Estadual e o Estatuto da Criança e do Adolescente, desenvolvendo nas crianças atitudes voltadas a resistir à pressão da oferta. Ele é concebido como uma das ações da Política Nacional Sobre Drogas – PNSD, que foi implementada, de acordo com o Art. 5º Decreto nº. 3.696, de 21 de dezembro de 2000 e 18 do Regimento Interno do Conselho Nacional Antidrogas - CONAD, tendo como destaques de suas diretrizes:

Dirigir as ações de educação preventiva, de forma continuada, com foco no individual e seu contexto sociocultural, buscando desestimular o uso inicial de drogas, incentivar a diminuição do consumo e diminuir os riscos e danos associados ao seu uso indevido. E fundamentar as campanhas e programas de prevenção em pesquisas e levantamentos sobre o uso de drogas e suas conseqüências, de acordo com a população-alvo, respeitadas as características regionais e as peculiaridades dos diversos segmentos populacionais, especialmente nos aspectos de gênero e cultura (Art. 1º E 2º, 2005, p. 5).

Na Bahia, o PROERD foi implementado, a partir do ano de 2002, tendo a sua atuação nas mais diversas regiões e cidades do Estado, sendo aplicado em 822 (oitocentas e vinte e duas) escolas e, conseqüentemente, trabalhado com 92.411 (noventa e duas mil quatrocentas e onze crianças), até hoje:

Quadro 1: Escolas e Alunos da Cidade de Salvador – BA e RMS

Local: Salvador – Bahia e RMS		
Ano	Escolas	Alunos
2003	07	661
2004	11	991
2005	13	1.387
2006	17	1.928
2007	29	3.224
2008	71	7.943
Total	148	16.134

Fonte: PROERD-BA 2008

Quadro 2 : Escolas e Alunos da Bahia na Região do Interior

Local: Bahia RI		
Ano	Escolas	Alunos
2003	53	8.829
2004	61	9.725
2005	68	10.034
2006	79	11.993
2007	97	16.922
2008	318	18.774
Total	676	76.277

Fonte: PROERD-BA 2008

O seu quadro funcional é composto de:166 (cento e sessenta e seis) instrutores, 09 (nove) mentores e 04 (quatro) *masters*, atuando em todo Estado.

Quadro 3: Pessoal do PROERD no Estado da Bahia

Quadro Resumo de Pessoal do PROERD - BA		
Qualificação	Localização	
	Capital e RMS	RI
Instrutor	81	85
Mentor	2	7
Máster	-	4
Total	83	96
Total Geral		179

Fonte: PROERD-BA 2008

O Programa de prevenção ao uso de drogas e violência na escola, quando aplicado na Escola Estadual Manoel Vitorino, no bairro de Brotas, na cidade de Salvador – BA, no ano de 2006, foi destacado, pela participação da sociedade através dos pais, 02 (duas) professoras da Escola e pessoas ligadas à liderança comunitária e 66 (sessenta e seis) estudantes, sendo a maior turma selecionada nessa escola até o momento.

Desse ano de 2002 ao de 2008, o PROERD formou 18.774 (dezoito mil setecentos e setenta e quatro) alunos das 318 (trezentas e dezoito) na Cidade de Salvador - BA e na região Metropolitana de Salvador – RMS.

3 JUSTIFICATIVA

Estudar a aplicação de um programa de políticas sociais, voltado para a prevenção do uso indevido de drogas e violência por crianças e adolescentes brasileiras, é de fundamental importância para identificar suas potencialidades e aspectos susceptíveis de contínua melhora dada à relevância que estas políticas e programa têm para o bem-estar e segurança da sociedade.

O presente trabalho se propôs a esta finalidade, tendo em vista que o PROERD é aplicado pela Polícia Militar do Estado Bahia, e é de fundamental importância saber a percepção da comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino, para identificar o grau de satisfação e podermos propor melhorias e mudanças estratégicas a fim de contribuirmos, cada vez mais, para uma sociedade livre do poder das drogas e da violência.

A Polícia Militar da Bahia, desde o ano de 2002, começou a aplicar o PROERD na rede estadual de ensino, em instituições públicas e particulares, nas mais diversas regiões do Estado da Bahia, alcançando 76.277 (setenta e seis mil, duzentos e setenta e sete) participantes entre alunos e alunas, com idade de 09 a 12 anos, período da pré-adolescência, segundo o Programa, muito embora o ECA, não faça menção a este tipo de faixa etária.

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD oferece atividades educacionais voltadas à prevenção ao uso de drogas e à violência nas instituições de ensino. Ele vem sendo executado em todo o Brasil a partir do ano de 1992 e foi implantado no Estado da Bahia, pela primeira vez no ano de 2002.

Nossa preocupação com o tema, prende-se ao fato de ter vivido, como uma das atividades laborativas, a função de 1º Sargento do Quadro de Praças da Polícia Militar da Bahia – PMBA- e exercido a atividade de docente, lecionando, inclusive, no Colégio da Polícia Militar. Desde então, uma das nossas apreensões tem sido o envolvimento de crianças e adolescentes com as drogas e violência.

Dentre as nossas responsabilidades, trabalhamos em atividades de conscientização e prevenção ao uso de drogas e violência. Mas, a grande

dificuldade era a falta de programas que pudessem nos auxiliar nesta árdua missão, que é a prevenção e o combate às drogas e à violência na escola, até que em 2002, a Polícia Militar do Estado da Bahia iniciou o trabalho com o PROERD

A relevância do tema é evidente numa sociedade cada vez mais conturbada por inúmeros problemas sociais e por altas taxas de drogas e violência entre crianças e adolescentes como indicam Alba Zaluar (2001), Canelotti e Soares (2005), Castelões (2002), Debardieux (2001), Dias (2002), Elismar Santander (2003), Espinheira (2008) Ferrari (2006), Franscischini e Neto (2007), Freitas e Souza (2007), Ivone Freire (2005), Marisa Fefferman (2006), Moreira e Andreoli (2006) Neto (2005), Oliveira (2002), Pratta e Santos (2006), Rojo (2002), Schenker e Minayo (2005), Silva (2004) Tavares, Béria e Lima (2001) Uchoa (2002), Vera Candau (2005) e Werthein (2008), que discutem esses dados.

Policiais das diversas Organizações Policiais Militares – OPM em especial os integrantes das Companhias Independentes de Polícia Militar – CIPM, dedicados à questão social, pois estas Unidades Policiais Militares fazem parte do Projeto de Polícia Cidadã, são capacitados para desenvolver atividades lúdicas em sala de aula entre os estudantes. Técnicas e métodos de ensino infantil, tratamento de dependência de drogas e noções de toxologia, aprendidas no treinamento, capacitam os policiais a lidarem, com questões tão delicadas entre os estudantes do ensino fundamental. Os alunos são incentivados a elevar a auto-estima, a ter responsabilidade consigo e com a sociedade, inclusive com o bem-estar social e a cidadania.

De acordo com a metodologia do curso, o policial militar ministra aula do PROERD na escola uma vez por semana, acompanhado do professor da turma. Os encontros têm uma hora de duração, sendo que todo o material está copilado numa cartilha com 17 lições, de 60 minutos e é distribuído com os alunos participantes. O Programa é desenvolvido com as crianças, matriculadas na 4ª série, visando mantê-las afastadas das drogas lícitas e ilícitas.

O curso de habilitação de Instrutores do PROERD tem uma carga horária de 80 horas/aulas, e conta em seu corpo docente com profissionais que atuam em áreas voltadas à prevenção, como: Saúde; Educação; Psicologia e Legislação.

O corpo de instrutores é composto por policiais militares voluntários, os quais são selecionados, observando-se a conduta moral, as experiências policiais e

a habilidade para desenvolver atividades socioeducativas em sala de aula. Além desses, outros requisitos são necessários para ser instrutor, tais como:

- ser voluntário;
- ter experiência em atividade educacional;
- ter facilidade de comunicação;
- ter criatividade;
- não ser fumante;
- não fazer uso abusivo de álcool.

O contexto da pesquisa, o bairro de Brotas, que está localizado nas proximidades do Centro da Cidade de Salvador, tem a sua população classificada como classe média, cujo contingente é de aproximado 200.000 (duzentos mil) habitantes, tendo como problemas o uso de drogas e violência, principalmente, em algumas escolas.

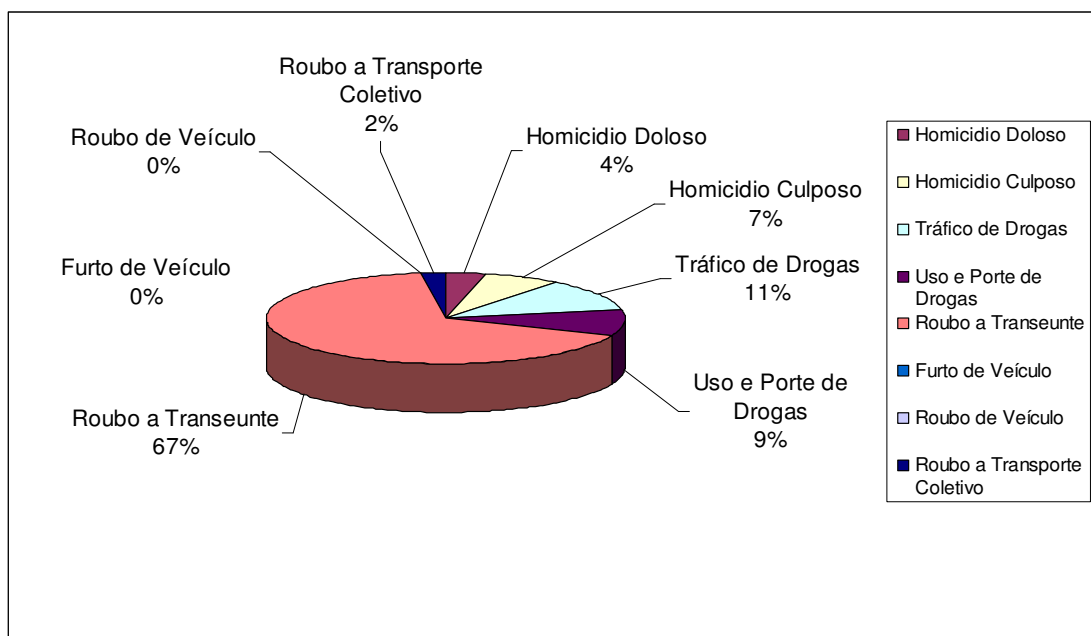
Apesar do privilégio de sua localização, o bairro de Brotas possui as suas áreas de riscos e vulnerabilidade, como a Invasão da Polêmica, o Candeal, Saldanha, Baixa do Cacau. Alguns alunos da Escola Estadual Manoel Vitorino são moradores desses lugares, daí o interesse na execução deste trabalho, a fim de saber sobre a percepção da comunidade em relação à aplicação do PROERD, junto aos alunos matriculados na escola e que são moradores destas localidades.

Segundo dados estatísticos da Delegacia do Adolescente Infrator – DAI, a violência no referido bairro, articulada ao envolvimento com drogas tem crescido a cada ano.

A seguir, apresentamos dois mapas da região do bairro de Brotas que situam a escola pesquisada e áreas onde residem as diversas classes sociais, que variam desde residentes de invasão – área de risco social – à classe considerada alta. Estes mapas ilustram relevância do cuidado especial que o Estado oferece às crianças e adolescentes.

Em seguida, são apresentados os quadros que resumem a incidência de problemas sociais no bairro de Brotas e outras Regiões da cidade de Salvador.

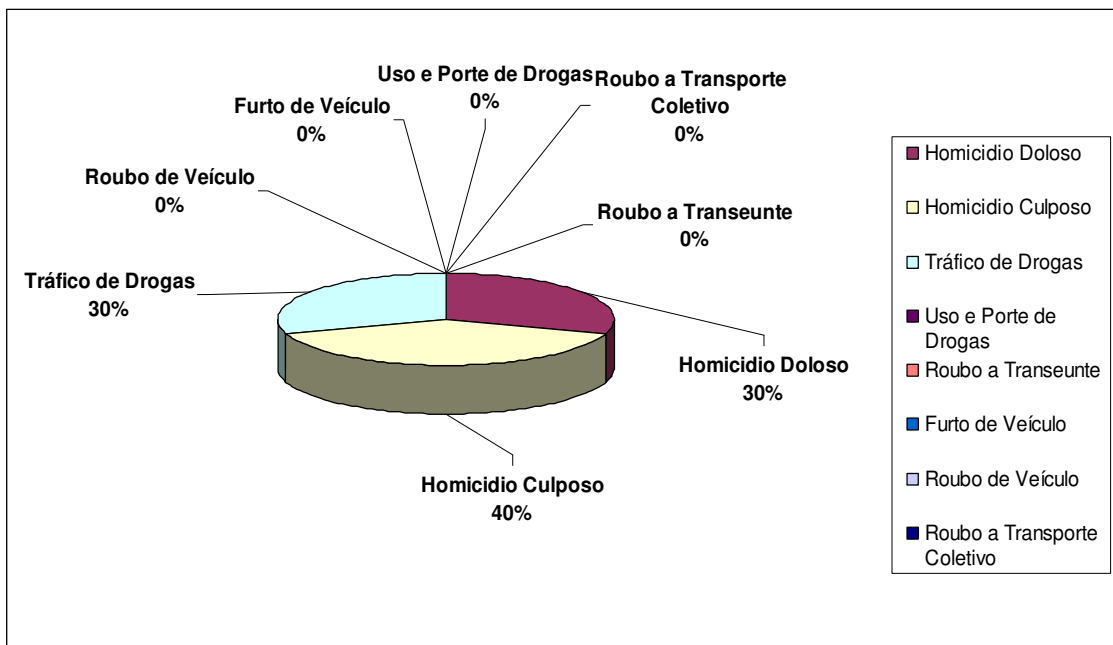
**Quadro 4: Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Masculino
no ano de 2005**



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008

No ano de 2005, entre crianças e adolescentes do sexo masculino, nos delitos com os maiores números de incidência estão os roubos a transeuntes, seguidos do tráfico e uso de drogas, segundo o quadro 1.

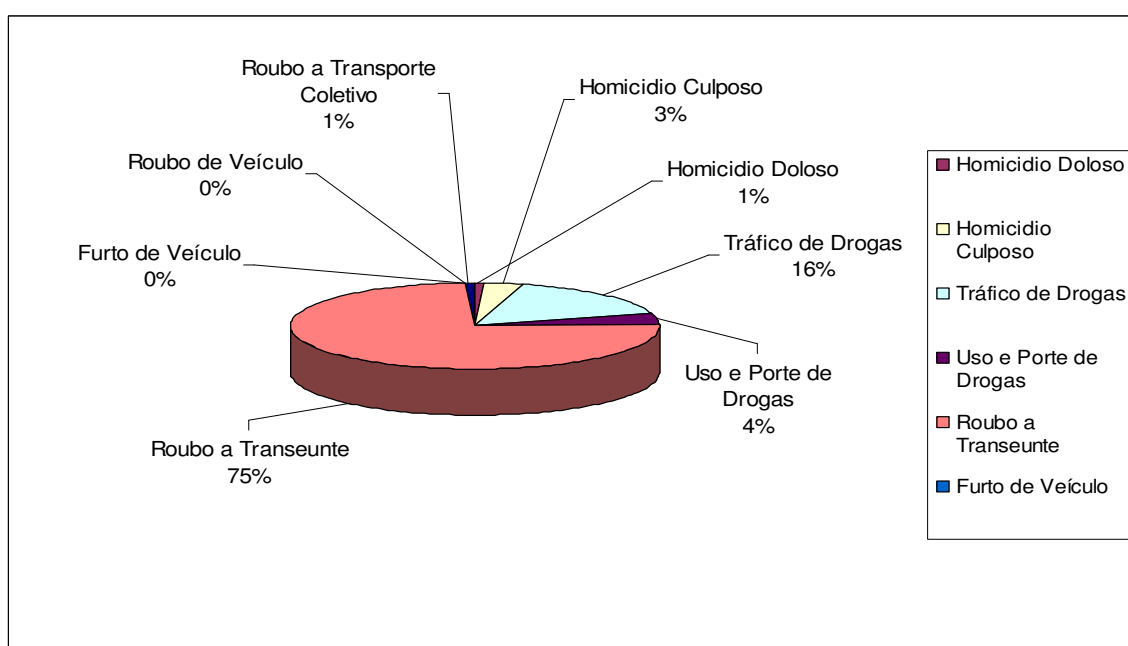
**Quadro 5: Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Feminino
no ano de 2005**



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008.

O quadro 2 mostra as incidências, em termos de delitos, envolvendo crianças e adolescentes do sexo feminino, registradas na DAÍ, no ano de 2005. Dentre os delitos podemos notar um percentual considerável nos crimes contra a vida, os homicídios dolosos e culposos. Em seguida, as incidências relacionadas às drogas, vêm no mesmo percentual dos homicídios dolosos.

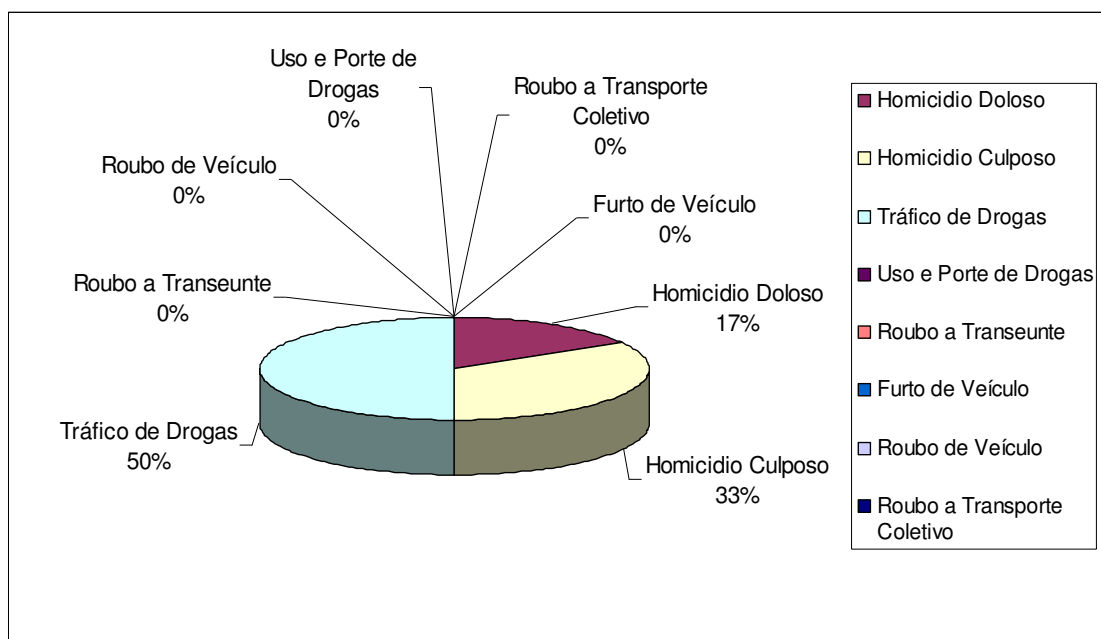
Quadro 6: Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Masculino no ano de 2006



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008

As incidências no ano de 2006, entre crianças e adolescentes do sexo masculino, segundo o quadro 2, nos mostram um aumento nos delitos relacionados a roubo a transeuntes e ao tráfico de drogas, em se comparando com o ano anterior. Isto nos sinaliza uma ligação entre estes dois tipos de delitos.

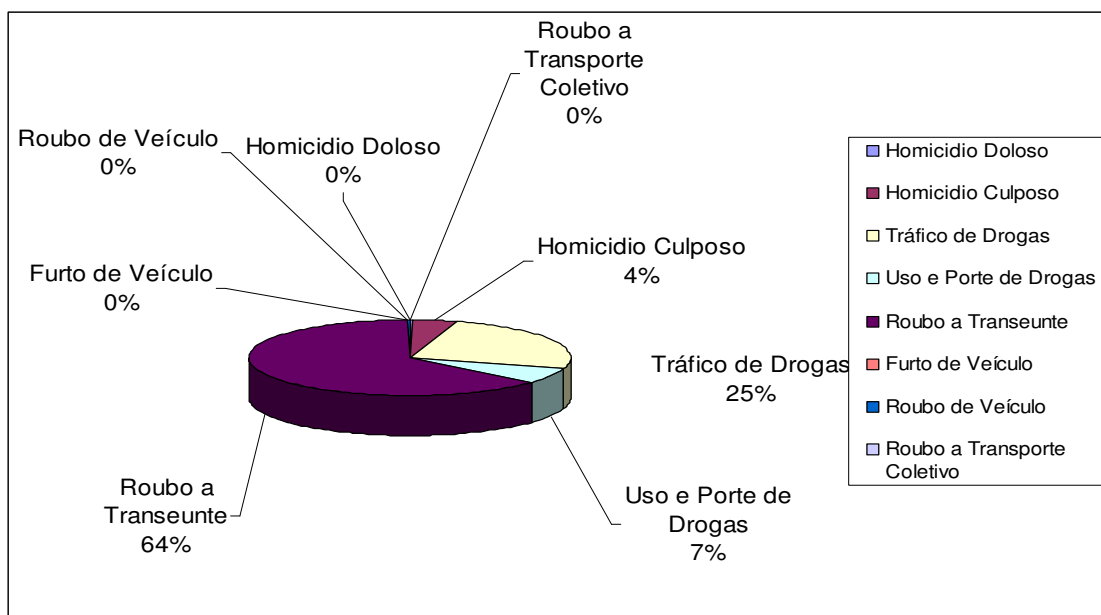
Quadro 7: Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Feminino no ano de 2006



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008.

Os índices de violência dos homicídios dolosos e culposos, a sua soma é a quantidade relacionada ao tráfico de drogas, segundo o quadro 4. Estas ocorrências, registradas no ano de 2007, estão relacionadas aos adolescentes e crianças do sexo feminino. Outrossim, sucedeu quase que o dobro das ocorrências relacionadas às drogas.

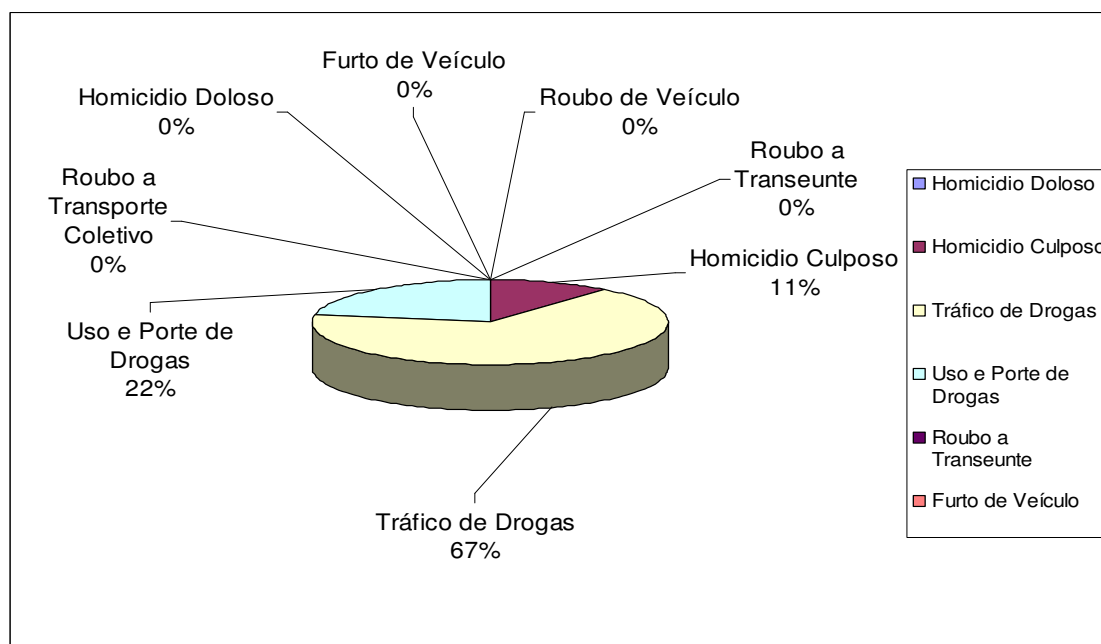
Quadro 8: Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Masculino no ano de 2007



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008.

No ano de 2007, as ocorrências relacionadas às crianças e adolescentes do sexo masculino, segundo o quadro 5, tiveram a sua maior incidência entre os roubos a transeuntes e ao tráfico de drogas. Podemos constatar que houve um sensível aumento nos índices de tráfico de drogas, tendo essa incidência quase que dobrado em comparação ao ano anterior.

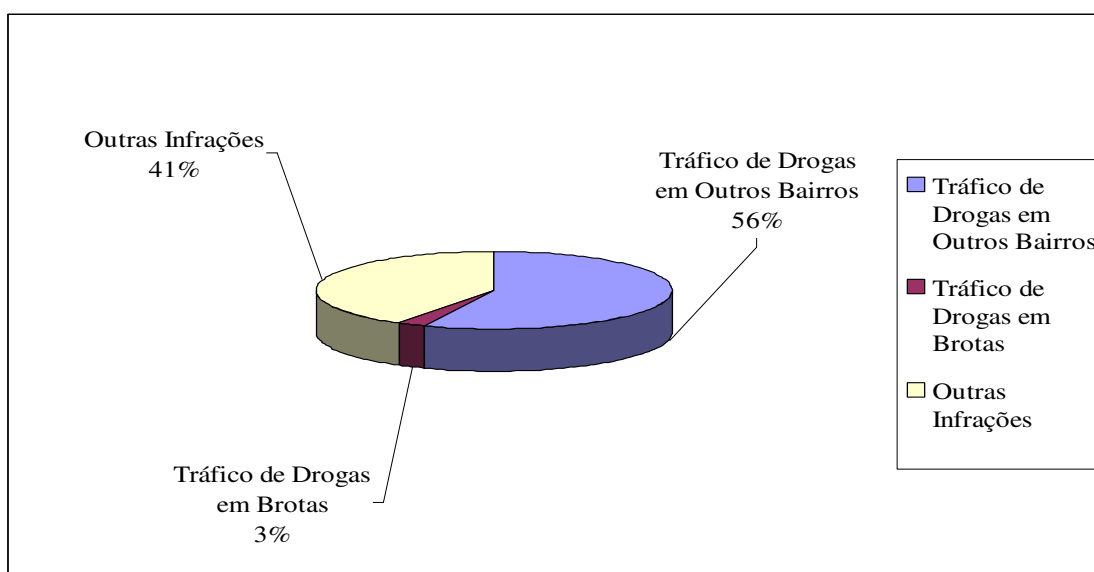
Quadro 9: Delitos Cometidos por Adolescentes do Sexo Feminino no ano de 2007



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008.

As ocorrências ligadas às crianças e adolescentes do sexo feminino, no ano de 2007, segundo o quadro 6. Estes índices nos mostram, um sensível aumento no tráfico de drogas, chegando a quase ser o dobro da soma dos outros índices de ocorrências demonstrados neste quadro. Esta situação nos leva a constatar que as investidas do tráfico de drogas estão sendo, cada vez mais, nas crianças e adolescentes.

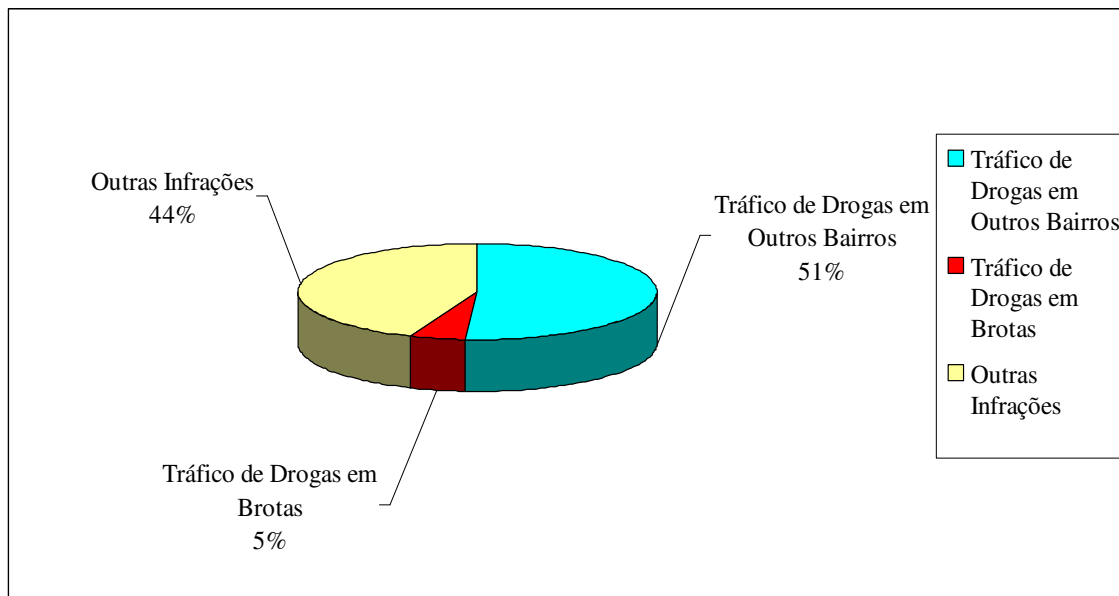
Quadro 10: Delitos Cometidos por Adolescentes, no bairro de Brotas, no ano de 2005



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008.

O Quadro 7 nos mostra que dentre as ocorrências registradas na DAÍ, no ano de 2005, o tráfico de drogas no bairro de Brotas era num percentual de 3 % (três por cento), irrelevante se comparado ao percentual correspondente ao do da Cidade de Salvador – BA.

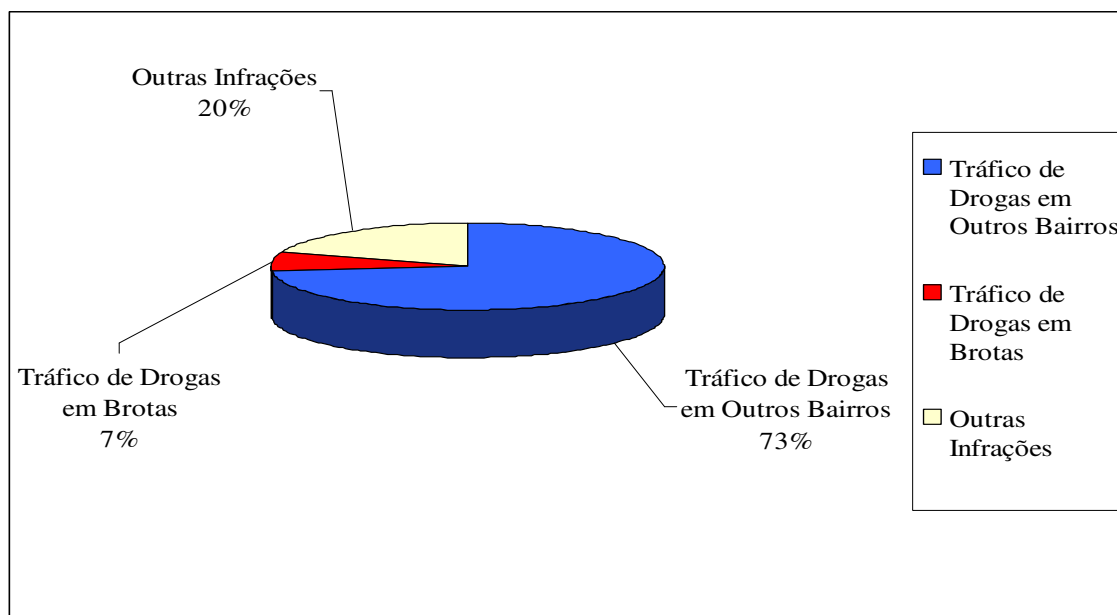
Quadro 11: Delitos Cometidos por Adolescentes, no bairro de Brotas, no ano de 2006



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008

As ocorrências registradas pela DAÍ, ligadas ao tráfico de drogas no ano de 2006, tiveram um aumento de 66,7% (sessenta e seis, sete por cento) em relação ao ano de 2005, no bairro de Brotas. Em contrapartida, verificou-se uma redução de 9,8% (nove, oito por cento) no tráfico de drogas em relação a outros bairros, além de um aumento de 7,3% (sete, três por cento) de outros tipos de delitos, que podem ter ligação ou não com as drogas. Este aumento de percentual ligado ao tráfico de drogas, nos leva a concluir que cada vez mais, adolescentes estão se envolvendo neste tipo de delito, ratificando a idéia de que é preciso trabalhar com esta faixa etária para evitar a propagação deste mal e o aumento destes índices.

Quadro 12: Delitos Cometidos por Adolescentes, no bairro de Brotas, No ano de 2007



FONTE: Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ 2008

O quadro 9 registra que no ano de 2007, houve uma redução sensível em torno de outras infrações ligadas a menores, infrações registradas pela DAÍ. Por outro lado, nota-se que há um aumento cada vez maior de ocorrências ligadas ao tráfico de drogas no bairro de Brotas, sendo que este aumento foi de 40% (quarenta por cento) em relação ao ano de 2006, seguido por um aumento de 43,13% (quarenta e três, treze por cento) em outros bairros.

Este aumento nas ocorrências ligadas ao tráfico de droga nos mostra, infelizmente, que as nossas crianças e adolescentes estão cada vez mais vulneráveis à ação nefasta dos traficantes de drogas. Aliás, este fenômeno ocorre também em outros países.

3.1 A Escola e o PROERD

A Escola Estadual Manoel Vitorino funciona nos turnos matutino, das 07h10min às 11h40min; vespertino, das 13h10min às 17h30min e noturno das 19h00min às 21h00min. Nos turnos matutino e vespertino funcionam da 4ª à 8ª séries do Ensino Fundamental. No turno noturno, funcionam as séries do: Educação de Jovens e Adultos - EJA 2, que é composto das 5ª a 8ª séries; Estágio 4, com as 5ª e 6ª séries e Estágio 5, com as 7ª e 8ª séries, todas do Ensino Fundamental.

A escola no ano de 2006 teve 1270 (um mil duzentos e setenta) alunos, além de um quadro com 145 (cento e quarenta e cinco) docentes, para atendimento dos alunos nos três turnos.

Quadro 13: Alunos Matriculados na Escola Manoel Vitorino no ano de 2006

Total Geral de Alunos Matriculados					
1.270 (um mil duzentos e setenta)					
Matutino		Vespertino		Noturno (EJA)	
Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
269	283	238	248	131	101
Total	552	Total	486	Total	232

FONTE: Escola Manoel Estadual Vitorino 2008.

O PROERD vem sendo realizado na Escola Estadual Manoel Vitorino desde o ano de 2004. Mas, a turma de destaque foi a do ano de 2006, devido ao número maior de participantes: 66 (sessenta e seis); sendo 33 (trinta e três) meninos e 33 (trinta e três) meninas. Nos anos de 2004, a turma teve um total de 57 (cinquenta e sete) alunos, sendo 36 (trinta e seis) meninos e 21 (vinte e uma) meninas, e em 2005, 50 (cinquenta) alunos, sendo 30 (trinta meninos) e 20 (vinte) meninas.

No ano de 2006, o PROERD foi aplicado para os alunos matriculados na 4ª série, turmas V1 e V2, que funcionavam no turno vespertino, num total de 66 (sessenta e seis) alunos, sendo que dessa seleção apenas 56%, 37 (trinta e sete) participaram até o final.

Segundo a Coordenadora Pedagógica, os 34% que não concluíram o curso, tiveram o seu desligamento motivado pelo comportamento inadequado, segundo as pessoas que aplicaram o PROERD 2006. Mas, não foi possível identificar que comportamento inadequado foi esse.

O número de alunos participantes, fornecido pela secretaria da escola, está assim distribuído:

Quadro 14: Turma V1 – Concluintes do PROERD 2006

Sexo	Aprovados	Reprovados	Evasão	Total
Meninos	14	04	01	21
Meninas	16	01	01	16
Total	30	05	02	37

FONTE: Escola Estadual Manoel Vitorino – 2007

Quadro 15: Turma V1 – Concluintes do PROERD 2006, Por Idade

Sexo	Idade (anos)					Total
	09	10	11	12	15	
Meninos	02	06	09	02	01	20
Meninas	02	07	05	03	-	17
Total	04	13	14	05	01	37

FONTE: Escola Estadual Manoel Vitorino – 2007

Quadro 16: Turma V1 – Concluintes do PROERD 2006

Situação no ano de 2007

Sexo	Matriculados na 5ª série	Transferidos	Total
Meninos	11	03	14
Meninas	15	01	16
Total	26	04	30

FONTE: Escola Estadual Manoel Vitorino - 2007

Quadro 17: Turma V2 – Não Concluintes do PROERD 2006

Sexo	Aprovados	Reprovados	Transferidos	Evasão	Total
Meninos	06	04	01	02	13
Meninas	06	09	-	01	16
Total	12	13	01	03	29

FONTE: Escola Estadual Manoel Vitorino - 2007

Durante o ano de 2006, foi detectado pela direção da escola 01 (um) caso de uso de bebida alcoólica, envolvendo 01 (um) aluno, e outro caso, por uso de cigarro, envolvendo 01 (uma) aluna nas dependências da Escola.

O PROERD realizou no dia 09 de novembro de 2006, a solenidade de formatura com 37 (trinta e sete) dos 66 (sessenta e seis) participantes da fase inicial de aplicação do Programa. A turma de conclusão foi composta de 20 (vinte) meninos e 17 (dezesete) meninas, todos, alunos da 4º série do Ensino Fundamental da Escola Estadual Manoel Vitorino, após um processo de aprendizado e de conscientização, desenvolvido pelos policiais militares em sala de aula, no período de cinco meses. O Programa tem como objetivo principal afastar cada vez mais crianças e adolescentes das drogas e da violência.

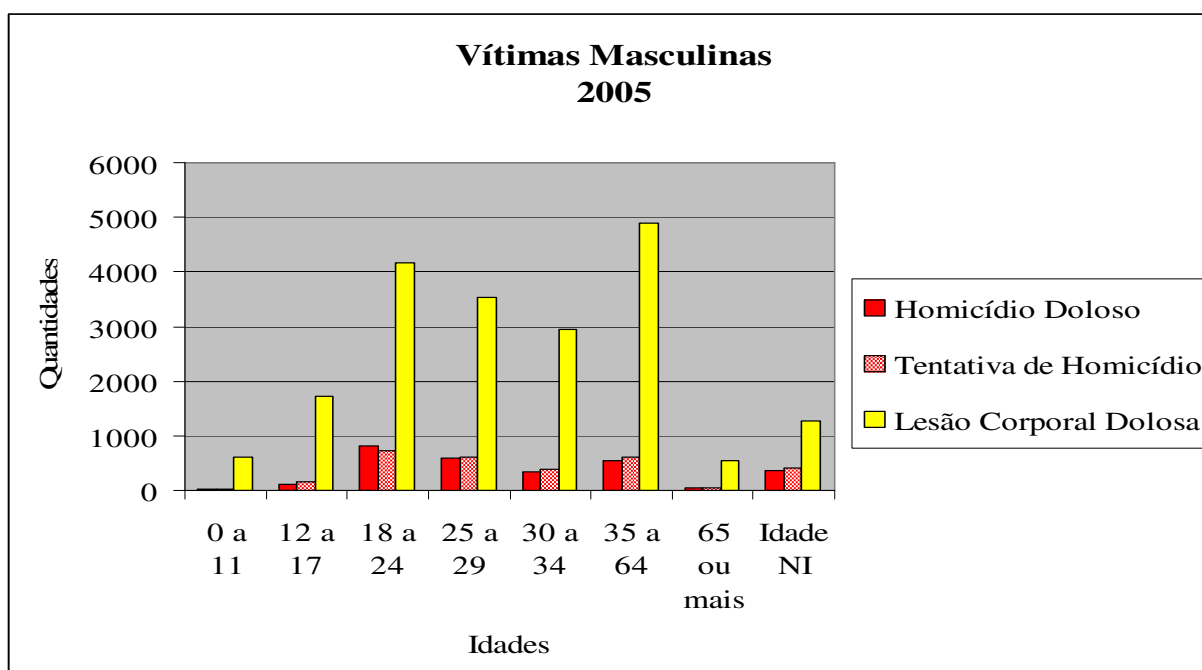
A solenidade teve a participação do Comandante da 26º CIPM, um Tenente Coronel e um Capitão PM que representaram o Instituto de Ensino e Extensão da PMBA, a Diretora e Vice-Diretora da Escola Estadual Manoel Vitorino e

a Professora Márcia Kalô, responsável, juntamente com a PM, pela aplicação do PROERD na Escola.

4 Relevância do Estudo.

A violência nos últimos anos tem se tornado um problema que atinge à sociedade brasileira como um todo. Em levantamento feito pelo Centro de Estatísticas da Polícia Civil do Estado da Bahia - CEDEP, dados das ocorrências dos últimos anos vêm comprovar esse aumento de violência, relacionada às drogas ou não.

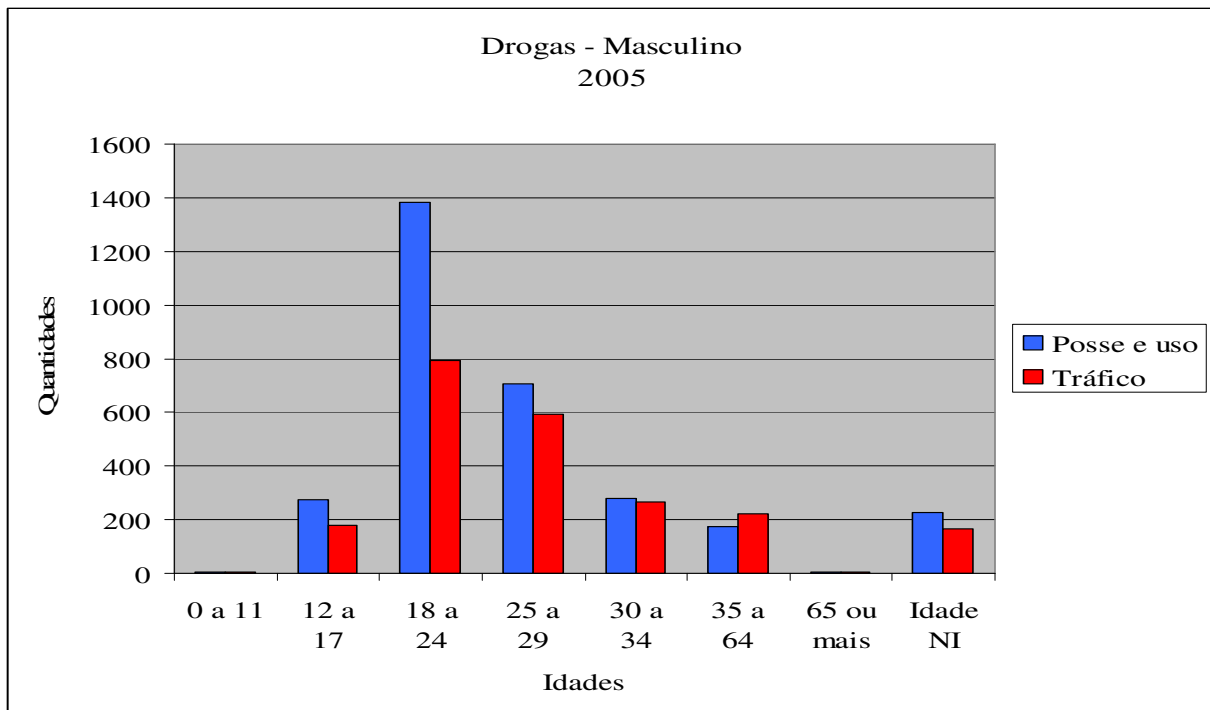
Quadro 18: Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2005



Fonte: CEDEP 2008

As ocorrências, tendo como características pessoas do sexo masculino, registradas pelo CEDEP, segundo o quadro 10, nos mostram que a maioria das vítimas de homicídio doloso, no ano de 2005, tinham idades entre 18 e 24 anos. As maiores incidências de vítimas de tentativas de homicídio e lesões corporais, por sua vez, encontram-se numa faixa etária entre 35 a 64 anos.

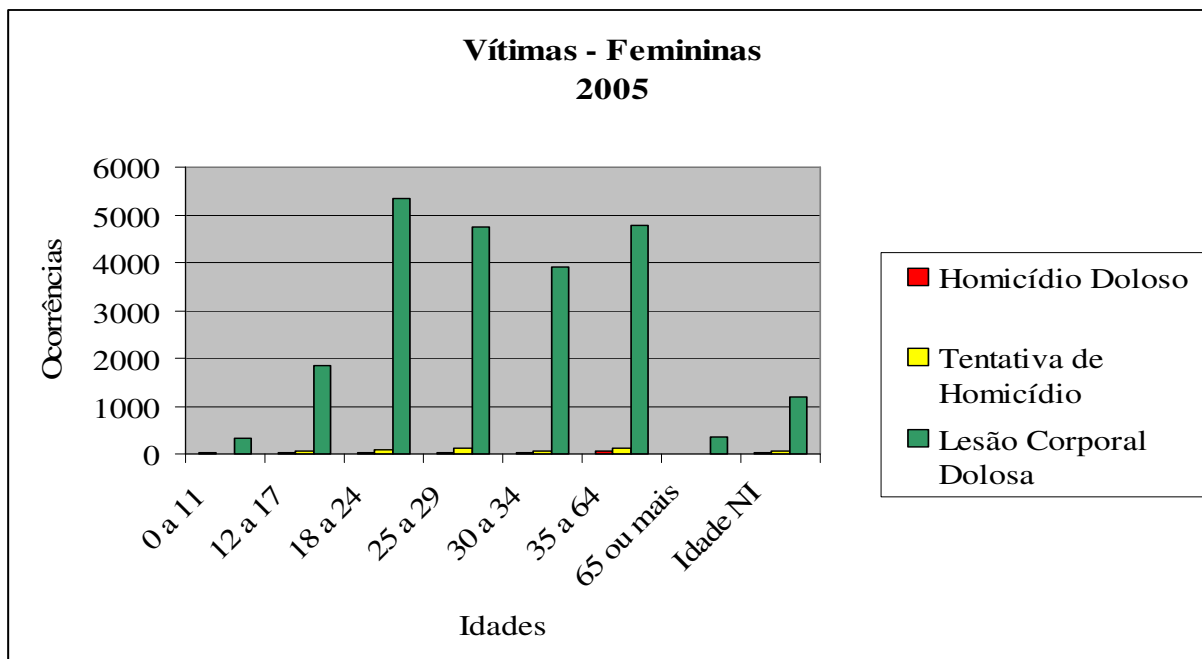
Quadro 19: Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2005



Fonte: CEDEP 2008

De acordo com o quadro 11, no ano de 2005, as maiores incidências, entre pessoas do sexo masculino que estão relacionadas à posse e uso com o tráfico de drogas, estiveram, também, relacionadas a uma população com idade entre 18 e 24 anos. Outrossim, a incidência de posse e uso, em quantidades de ocorrências, foi 224,5% (duzentos e vinte e quatro, cinco por cento) a mais que as ocorrências ligadas ao tráfico.

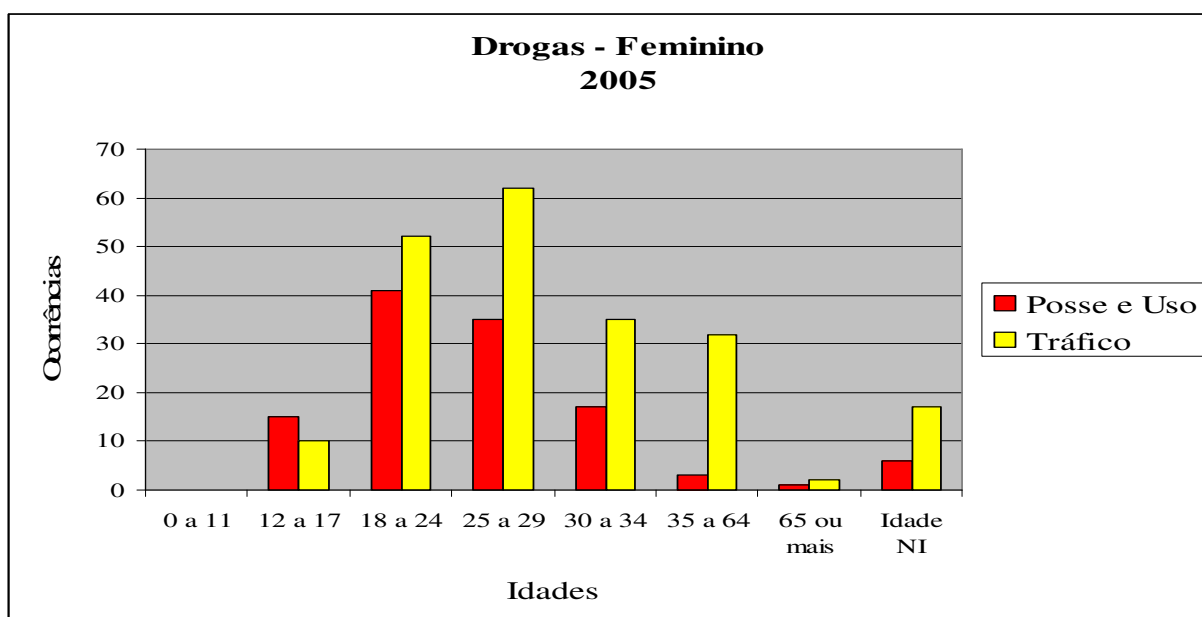
**Quadro 20: Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Feminino,
no ano de 2005**



Fonte: CEDEP 2008

No ano de 2005, segundo o quadro 12, a maioria das ocorrências, envolve pessoas do sexo feminino. Estas ocorrências estão relacionadas a lesões corporais e tentativas de homicídio, sendo que as vítimas tinham idade entre 18 e 24 anos.

Quadro 21: Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2005

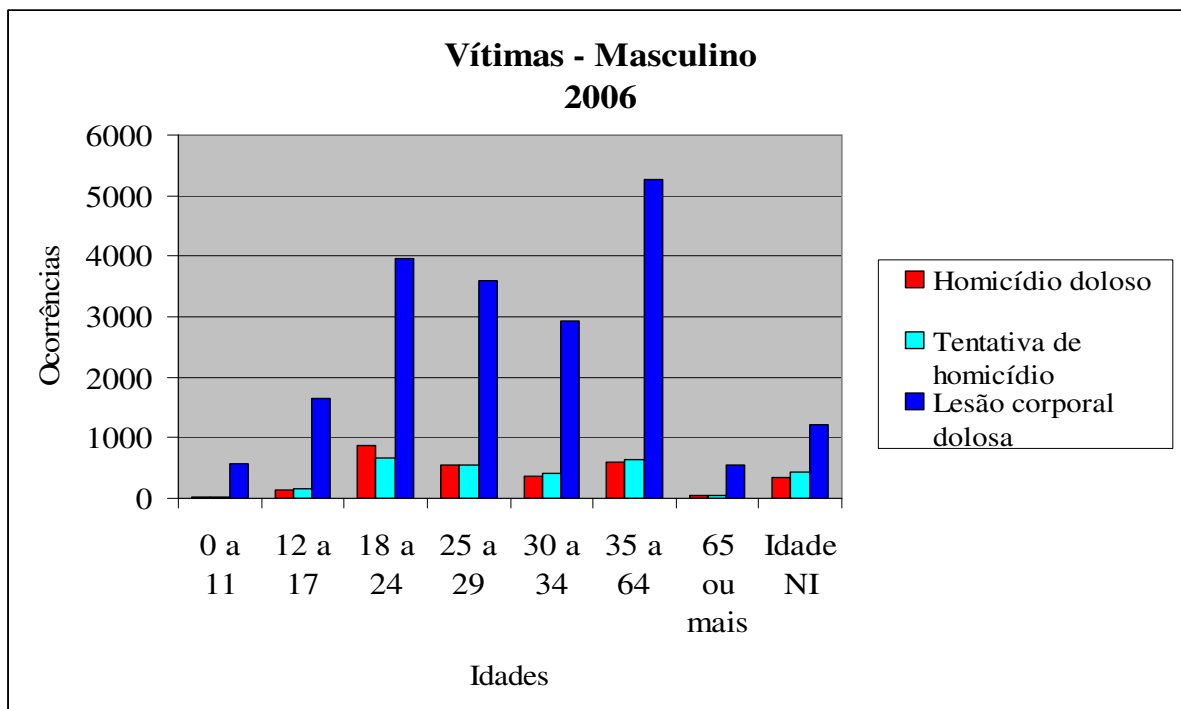


Fonte: CEDEP 2008

As ocorrências ligadas ao tráfico, posse e uso de drogas, no ano de 2005, que estão demonstradas no quadro 13, mostram que estes índices relacionam,

peças do sexo feminino, com idades entre 25 a 29 anos ao tráfico, e entre 18 e 24 anos ao porte e uso de drogas.

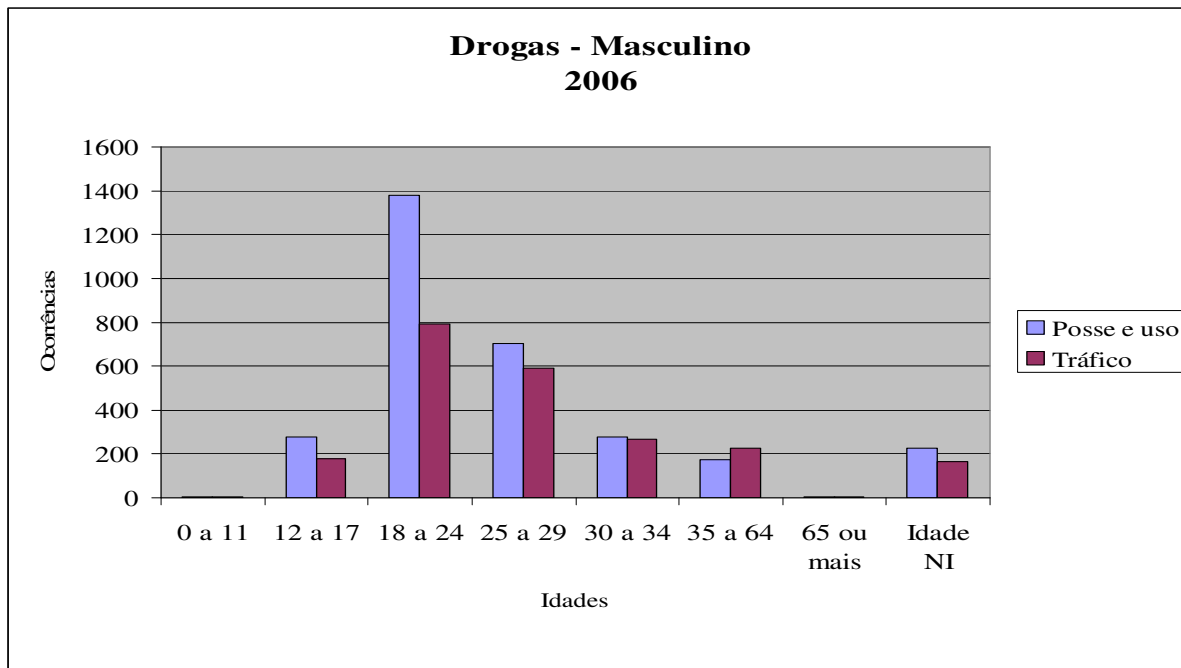
Quadro 22: Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2006



Fonte: CEDEP 2008

No ano de 2006, a maioria das ocorrências, do tipo lesões corporais dolosas, cometidas por pessoas do sexo masculino, conforme o quadro 14, com exceção de as ligadas às drogas, tiveram maiores incidências entre as faixas etárias compreendidas entre 35 a 64 anos. Já os homicídios dolosos estão relacionados às pessoas do sexo masculino, com idades entre 18 a 24 anos.

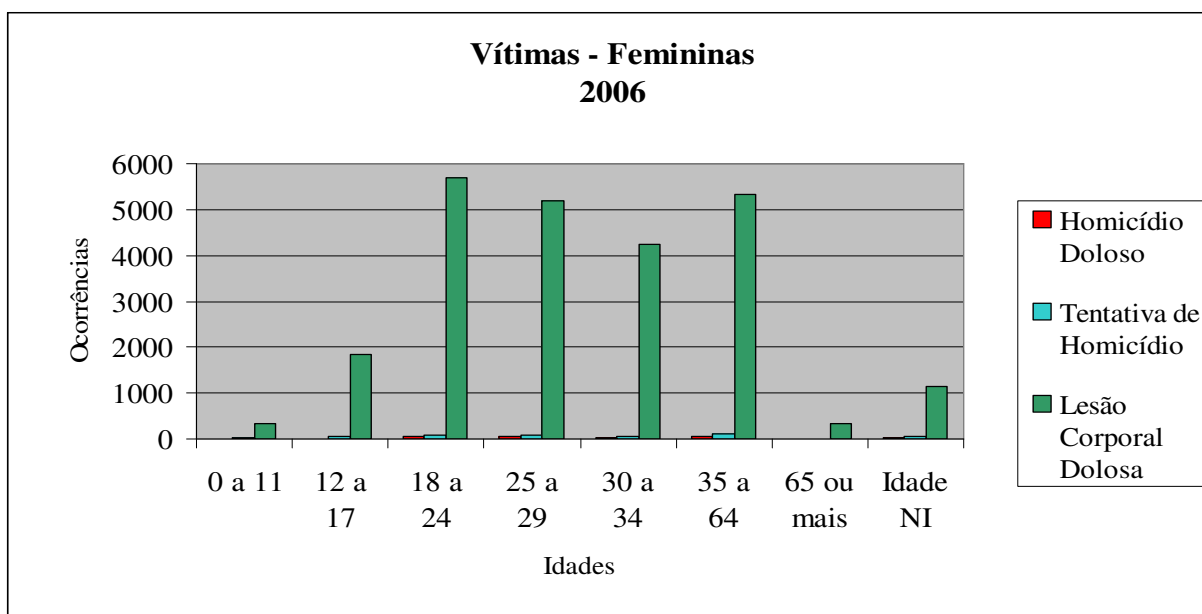
Quadro 23: Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Masculino no ano de 2006



Fonte: CEDEP 2008

As ocorrências relacionadas ao quadro 15, no que consiste ao tráfico, a posse e o uso de drogas com pessoas do sexo masculino, tiveram a sua incidência nas faixas etárias compreendidas entre os 18 e 24 anos.

Quadro 24: Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2006.

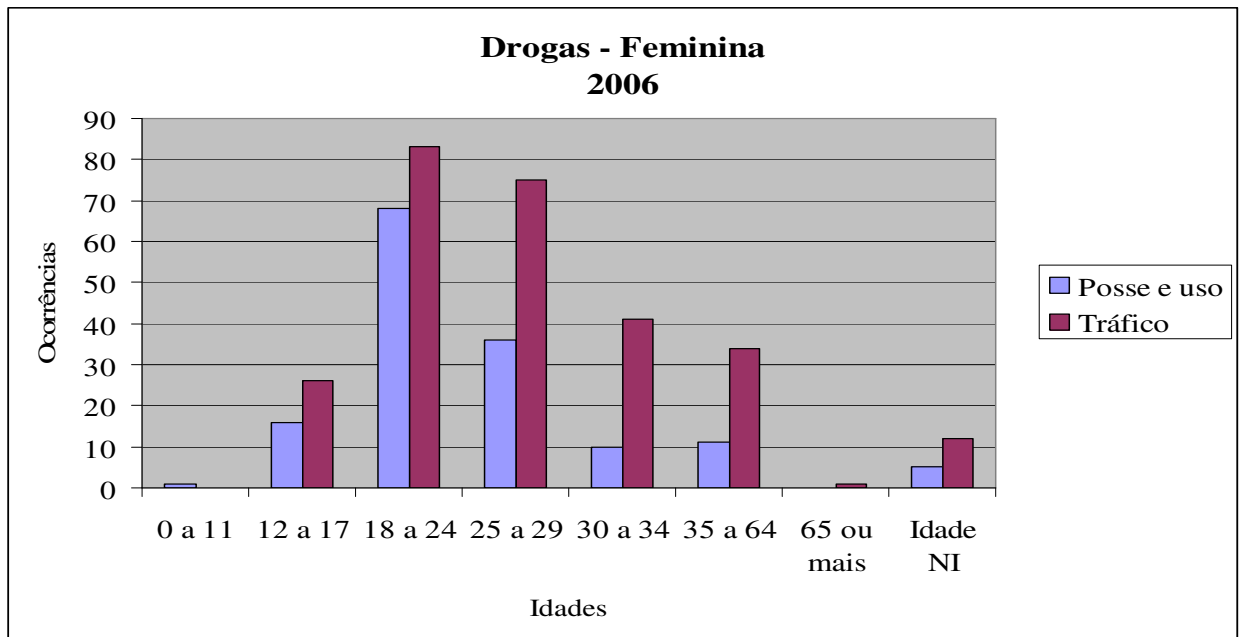


Fonte: CEDEP 2008

As vítimas de homicídio do sexo feminino, relativas ao ano de 2006, segundo o quadro 16, foram na sua maioria pessoas com idades numa faixa etária

entre 18 e 24 anos. As ocorrências de crimes de homicídio e tentativa de homicídio doloso, por sua vez, estão compreendidas numa faixa etária entre 18 a 24, 25 a 29, 30 a 34 e 35 a 64 anos.

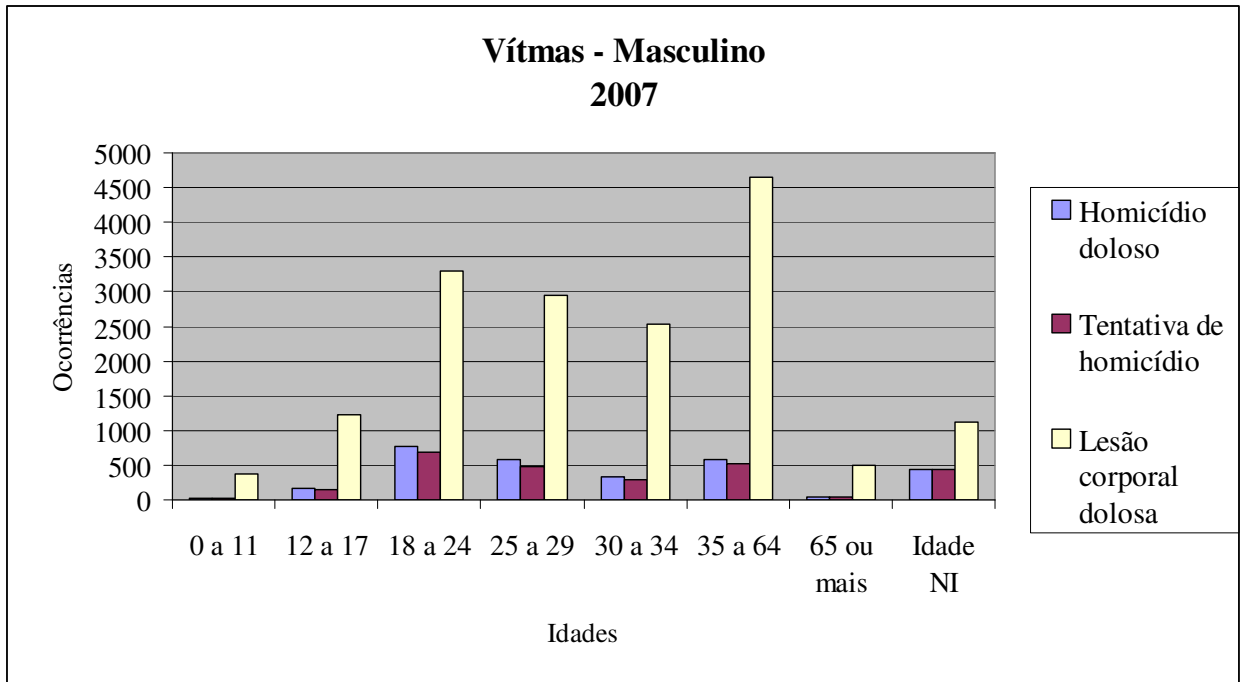
Quadro 25: Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2006



Fonte: CEDEP 2008

As ocorrências com pessoas do sexo feminino com ligações ao tráfico, posse e uso de drogas, segundo o quadro 17, no ano de 2006, teve a sua maior incidência entre pessoas com idades entre 18 a 24 anos. Notamos que houve um aumento deste tipo de delito em relação ao ano de 2006, levando-se em conta a faixa etária das pessoas envolvidas nas ocorrências registradas pelo CEDEP.

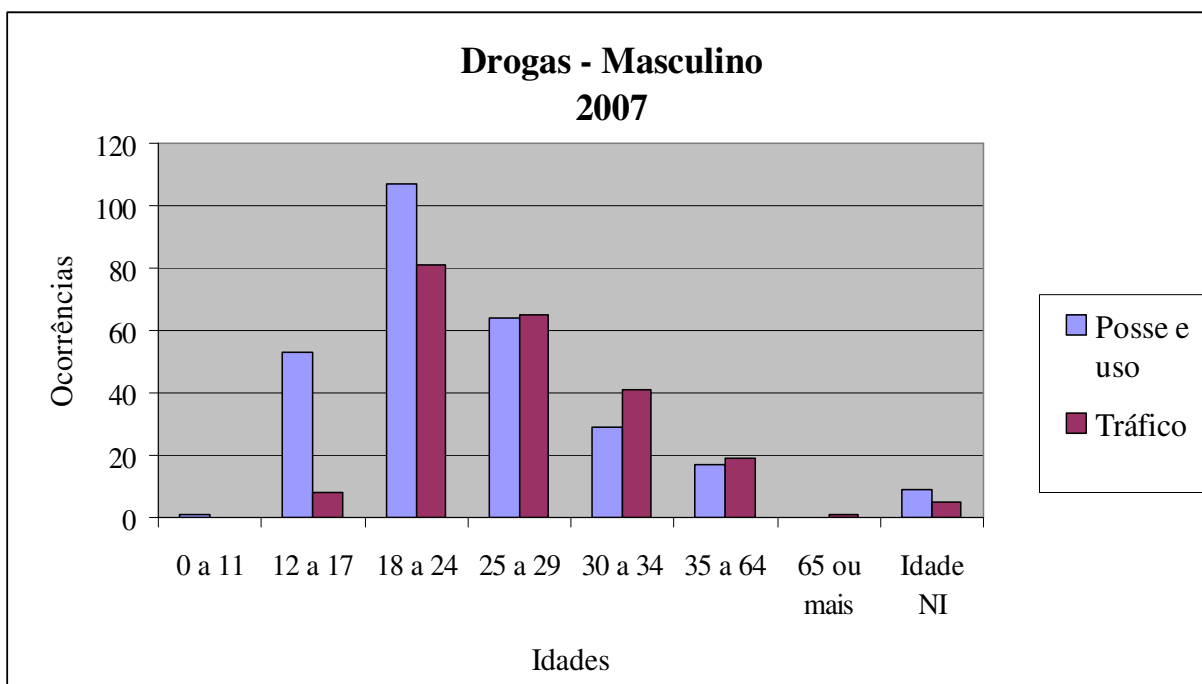
Quadro 26: Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2007



Fonte: CEDEP 2008

No ano de 2007, segundo o quadro 18, os delitos relacionados a homicídio e tentativa de homicídio doloso, estão relacionados a pessoas do sexo masculino, nas faixas etárias compreendidas entre 18 a 24 anos. Já os crimes de lesão corporal, com pessoas do sexo masculino, ocorreram com pessoas numa faixa etária entre 35 a 64 anos.

Quadro 27: Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas, com Pessoas do Sexo Masculino, no ano de 2007

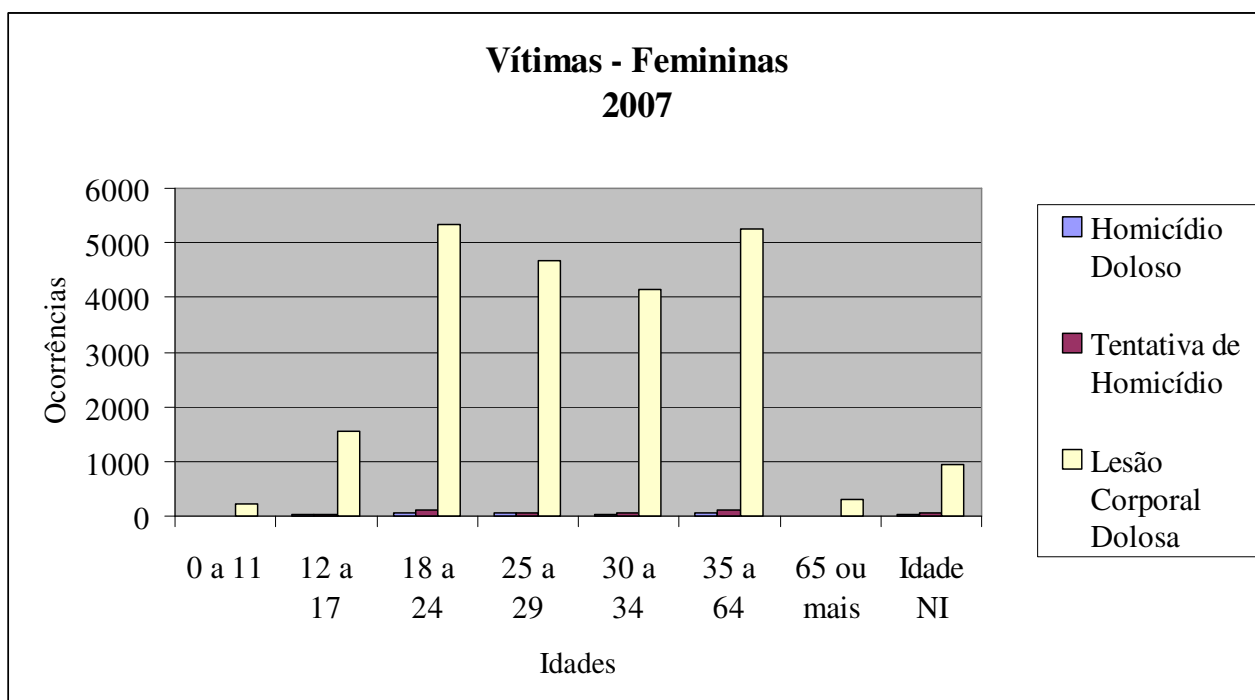


Fonte: CEDEP 2008

As ocorrências relacionadas ao tráfico, posse e uso de drogas, com pessoas do sexo masculino, no ano de 2007, segundo o quadro 19, teve uma incidência maior entre pessoas com faixa etária compreendida entre os 18 a 24 anos. Podemos constatar que ocorreu um aumento, significativo, deste tipo de delito em relação aos anos de 2005 e 2006.

Quadro 28: Ocorrências Policiais com Pessoas do Sexo Feminino,

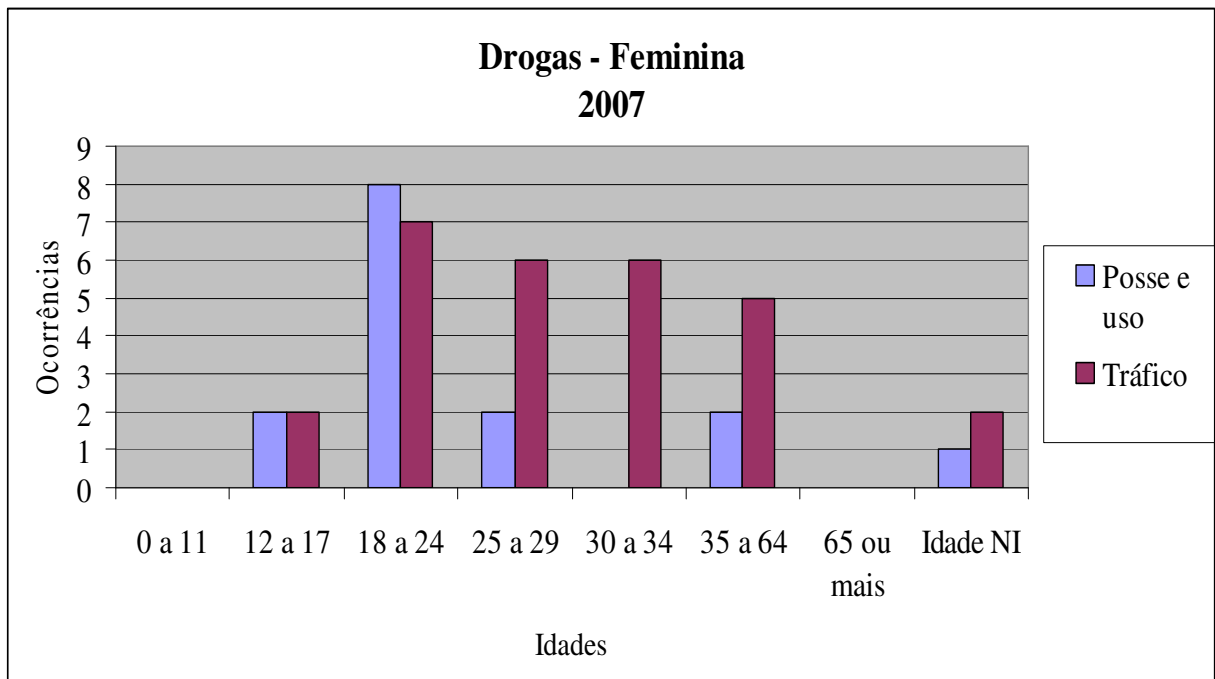
no ano de 2007



Fonte: CEDEP 2008

A incidência de lesão corporal, no ano de 2007, segundo o quadro 20, relacionada a pessoas do sexo feminino, teve um sensível aumento em relação aos anos de 2005 e 2006, no tocante a pessoas com faixa etária entre 18 a 24 anos, segundo as ocorrências registradas pelo CEDEP.

Quadro 29: Ocorrências Policiais, ligadas às Drogas com Pessoas do Sexo Feminino, no ano de 2007



Fonte: CEDEP 2008

As ocorrências entre pessoas do sexo feminino, no ano de 2007, segundo o quadro 21, são relacionadas ao tráfico, posse e uso de drogas e tiveram uma incidência maior entre pessoas na faixa etária compreendida entre 18 a 24 anos. Foi constatado que este aumento foi sensível, em se comparando com os anos de 2005 e 2006.

Estes índices de violência, infelizmente, vêm cada vez mais atingindo o entorno da escola e/ou até a escola e a sua comunidade. Por isso, escola tem se transformado num dos lugares em que esta situação vem descaracterizando o ambiente para o qual ela foi criada, devido à ação das gangues, à depreciação dos valores morais, sociais, à auto-estima, à honradez, aos direitos e deveres do homem.

A violência na escola realiza, de algum modo, um estranho retrocesso. Estranho dado que a violência é, por definição, a negação da palavra e do diálogo, sendo o que precisamente deveria permanecer fora da escola. Retrocesso em relação à capacidade do sistema educativo de se ampliar cumprindo com sua função de transmissão de valores e de conhecimento de uma geração à outra. Paradoxalmente, no momento em que o sistema público logra expandir-se a vastos setores sociais e ter função educativa integradora, de acesso ao mundo social e do trabalho, a violência parece instalar-se nos locais de ensino, pondo em questão a capacidade dos sistemas de educação para

transformação em sistemas de integração social VISCARDI (1999 apud CHRISPINO e CHRISPINO, 2002, p. 12,13).

Deste modo, podemos notar que a escola tem se transformado numa caixa de ressonância deste fenômeno altamente nocivo e prejudicial, não só para os alunos, mas para toda a comunidade escolar.

O reconhecimento da violência no espaço escolar como uma das novas questões sociais globais parece ser um caminho interpretativo fecundo desse fenômeno social caracterizado como um enclausuramento do gesto da palavra. Essa nova questão social global, configurada por manifestações de violência contra a pessoa, por roubos, furtos, depredações, até mesmo por assassinatos, que se repetem em um conjunto expressivo de sociedades nos últimos dez anos, vem evidenciando que estamos em face de uma conflitualidade que se coloca em risco a função social da escola de socialização das novas gerações: o que se percebe é a instituição escolar enquanto um locus de explosão de conflitos sociais OHASAKO e CHARLOT (1997 apud TAVARES SANTOS,2001, p.1).

A preocupação com a percepção da comunidade sobre a aplicação do programa é de fundamental importância, pois para alguns autores como:

Cuijpers, (2002), Ennett et al (1994) apud Moreira, Silveira e Andreoli (2006) as intervenções preventivas mais frequentemente adotadas, entretanto, caminham na direção oposta. Um exemplo é o programa educacional de resistência às drogas e à violência, que pode ser caracterizado como um modelo derivado da proposta de “guerra às drogas”. É similar ao programa americano de educação para a resistência ao abuso de drogas (DARE), o qual já foi amplamente avaliado e mostrou-se ineficaz.

Daí a relevância e a preocupação, pois, através da percepção do grau de satisfação da comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino, mudanças poderão ser de fundamental importância para o sucesso da sua aplicação no futuro.

5 OBJETO DO ESTUDO

O objeto de estudo é a percepção da comunidade escolar com relação à aplicação do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD, no ano de 2006, na Escola Estadual Manoel Vitorino, situada no Bairro de Brotas, na Cidade de Salvador – Bahia.

6 OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção da comunidade escolar sobre a aplicação do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD, no ano de 2006, na Escola Estadual Manoel Vitorino, situada no bairro de Brotas, na cidade do Salvador – Bahia, entre crianças na faixa etária entre 09 e 12 anos, do sexo feminino e do sexo masculino, matriculadas na 4ª série, no turno vespertino, visando identificar estratégias de melhorias do PROERD – tanto na sua constituição quanto na sua implementação e impactos decorrentes, além de buscar subsídios para políticas e projetos sociais mais amplas.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar a percepção da comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino, sobre a satisfação da aplicação do PROERD aos alunos da 4ª série, no ano de 2006.
- b) Identificar os limites e potencialidades do PROERD.
- c) Oferecer subsídios para futuros programas de prevenção às drogas e à violência nas escolas.
- d) Contribuir para o melhoramento na aplicação do PROERD.

7 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Como visto, anteriormente, o problema das drogas no mundo tem tomado níveis alarmantes, a cada dia que passa. Para a sociedade de um modo geral, os desdobramentos deste grave problema têm ocasionado efeitos danosos, não só nas famílias, mas no trabalho, no comércio, e em particular, nas escolas públicas e privadas, pois o uso indevido de drogas atualmente afeta todas as classes sociais.

Para Pons Diaz e Berjano Peirats (1999), ao falar de drogas, muitas vezes não se pensa nas chamadas drogas institucionalizadas, ou seja, nas substâncias cuja presença e consumo são plenamente integrados nas pautas de comportamento social, que gozam do respaldo da tradição histórico-cultural e cuja produção, venda e consumo não são penalizados.

Esse é um dos principais problemas enfrentados no combate ao uso de drogas, classificadas como lícitas, pois com a facilidade de divulgação aliada à aquisição, este tipo de ação torna-se cada vez mais difícil. Igualmente, esta situação tem ainda como um dos principais agravantes a utilização feita pelos pais e outros membros da sociedade, colocando desta forma em risco o êxito do principal objetivo deste programa.

Segundo Abromoway e Castro (2005), quanto mais cedo se dá o início do uso de drogas, maior a chance de o indivíduo se tornar um usuário regular e apresentar problemas decorrentes desse uso, pois quanto mais cedo uma substância psicoativa atuar no cérebro imaturo, maior a probabilidade de ocorrerem atrasos no desenvolvimento e prejuízos cognitivos, com suas respectivas repercussões.

O contato inicial com o mundo das drogas ocorre no ambiente mais próximo e freqüentado pelo ser humano e, muitas vezes esse ambiente é o da família.

A influência da família sobre o consumo dos jovens a partir de padrões de comportamento e das posturas dos pais, como um provável fator de interferência no comportamento dos filhos, é necessário, para se poder detalhar hábitos relacionados com a freqüência do uso de bebidas alcoólicas e outros tipos de drogas.

A partir de certos comportamentos de permissividade para com os filhos, estes poderão começar a fazer uso dessas substâncias, que muitas das vezes são oferecidas por colegas e amigos, a exemplo do filme e do livro, *Meu nome não é Johnny*, relato que mostra como os adolescentes têm contato com as drogas, e como são conduzidos a usá-las e traficá-las.

O fato de não existir um controle mais eficaz, nas propagandas das drogas consideradas lícitas, em particular o álcool e o tabaco, contribui para que o primeiro contato ocorra com mais facilidade, tendo como conseqüência a criação de um ambiente, que poderá levar ao uso e consumo de outras drogas, aumentando nas estatísticas a quantidade de usuários, eventuais ou não, e dos dependentes.

Segundo pesquisa desenvolvida por Abromoway e Ruas (2005), a existência, no entorno da escola, de estabelecimentos comerciais, que vendem bebidas alcoólicas: bares, barracas, botequins, *delicatessen* têm contribuído para essa situação. Em 63% das escolas observadas, verificou-se que os alunos freqüentam esses estabelecimentos, reunidos em pequenos grupos ou até mesmo em turmas, para consumirem bebidas alcoólicas, algumas vezes, desviando o seu trajeto e faltando às aulas; e o que é pior, essas reuniões terminam sempre no envolvimento de ações e práticas violentas.

Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). (...) A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra. (...) em ambos os casos, o resultado é o mesmo uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é alvo da ação violenta (BOTTOMORE, 1988, apud CANDAU, 2005, p.140).

Nesse sentido, a violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Na violência a ação é traduzida como violência pela vítima, pelo agente ou pelo observador. Para FUKUI (1991 apud CANDAU, 2005), a violência quando ocorre há desejo de destruição.

La más tradicional es la que El llama violencia física. Consiste en no matar, em no vivir em guerra, em no acosar físicamente , em no hacer daño corporal a nadie. Muchos “noes”. Por esta razón, a la paz que se opone a la violencia física se llama paz negativa o paz em eliminar la guerra. La segunda clase de violencia es la violencia estructural. No son solo lãs personas físicas quienes producen daño al prójimo; es uma violencia sibilina, algunos la justifican como algo necesario y útil.... La violencia estructural se desenvuelve a través de hechos positivos. No niega, apenas prohíbe. Más bien ordena y manda, señala metas y objetivos. Propone con mano suave

proyectos creíbles, pero engañosos em fondo intenciones. (ROJO, 2002, p.242)

A violência entre os homens é um problema universal que existe desde a criação, numa luta incessante entre forças do bem e do mal. Contudo, muitos pesquisadores, como Zaluar, Tavares dos Santos, em particular, antropólogos, educadores, psicólogos e sociólogos, vêm buscando alternativas em forma de programas, a fim de tentar conter esta onda avassaladora.

As diferentes formas de violência presentes em cada um dos conjuntos relacionais que estruturam o social podem ser explicadas se compreendermos a violência como um ato de excesso, qualitativamente distinto, que se verifica no exercício de cada relação de poder presente nas relações sociais de produção do social. A idéia de força, ou de coerção, supõe um dano que se produz em outro indivíduo ou grupo social, seja pertencente a uma classe ou categoria social, a um gênero ou a uma etnia, a um grupo etário ou cultural. Força, coerção e dano, em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder. Pode-se verificar empiricamente na sociedade brasileira a seletividade social das vítimas: trabalhadores urbanos, moradores de bairros populares, pais, crianças, mulheres, jovens, negros, índios. Do sexo masculino: acidentes de trânsito, homicídios, armas de fogo; jovens e adolescentes: abuso sexual; violência doméstica (contra crianças, idosos, mulheres): contra crianças, castigos corporais e maus-tratos; violência sexual contra as mulheres e o aumento do registro da violência doméstica (TAVARES DOS SANTOS, 2004 p. 7).

A violência não se encontra somente nas ações violentas, mas está também atrelada ao consumo de drogas. A maneira de agir, maneira esta que pode ser um gesto de intimidação, uma palavra proferida e a ingestão de qualquer substância que venha causar efeitos danosos ao corpo, é um ato de violência. Sendo assim o uso de substâncias tóxicas é uma violência contra si próprio.

7.1 A Escola

A escola é um espaço onde ocorre, concomitantemente, o processo de interação, de busca pelo conhecimento, (os filhos não herdam dos pais o conhecimento), e de ajuda na formação do caráter, que por sua vez, é um dos principais elementos na construção salutar da cidadania.

A escola exerce um papel de fundamental importância no processo de educar, que é o caminho necessário para a formação do cidadão, haja vista ser a ação educativa a sua legitimação.

Há uma tríade funcional atribuída à instituição escolar. Segundo Aquino (1996), existem três dimensões relacionadas à função da escola, mas dentre elas destacam-se as funções epistêmica e socializante.

No que diz respeito à função epistêmica, a escola tem por finalidade a transmissão do conhecimento adquirido pela humanidade ao longo do tempo, sendo que nos nossos dias este objetivo tem recebido uma grande ajuda, tendo em vista o surgimento de novas tecnologias e formas mais lúdicas de aprendizagem. A escola é também um local de convivência e de aprendizagem social.

O homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar se re-criar como Ser Humano. Esse deverá incorporar uma natureza distinta das outras criaturas. Ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência. (...) A formação humana resulta de um ato intencional, que transforma a criatura biológica em um novo ser, um ser de cultura. Esse ato denomina-se Educação (RODRIGUES, 2001, p.6).

Na escola o homem adquire conhecimentos que são de fundamental importância para a sua formação intelectual, pois na sua vida secular ele necessitará destes conhecimentos para interagir não só no ambiente de trabalho, mas também nos diversos ambientes em que ele convive. Segundo RODRIGUES (2001), educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o seu pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação.

Na função socializante, a escola é concebida como meio de desenvolver e manter entre as pessoas, relações significativas de interatividade, pois devido à pluralidade de comportamentos, existe uma troca de experiências, que muitas vezes, influencia na mudança de comportamento. “A criança bem socializada é aquela que aprendeu a adiar agora o prazer para ter sucesso e recompensa no porvir” ADAM (1994 apud AUGUSTO, 2007).

Essa mudança pode ocorrer de forma benéfica, através de uma transformação no caráter, levando o estudante a se tornar um ser de postura

exemplar e comportamento ilibado, ou de forma maléfica, transformando-o numa pessoa violenta e à margem da sociedade.

A escola, apesar de não ser capaz de resolver, nem de compensar as desvantagens sociais, pode influenciar e agir, positivamente, sobre um processo de interação, desenvolvendo programas com ações voltadas para o processo ensino-aprendizagem e que objetivem trabalhar na erradicação ou diminuição deste fenômeno que é a violência.

A aplicação de programas, imbuídos no combate ao uso de drogas e à prática da violência na escola, tem sido de grande valia, principalmente, quando aplicado a grupos de estudantes que fazem parte das operações concretas.

É nesta fase, que a criança passa a formar as idéias de valores no tocante a conceito de subordinação social, que poderá ajudá-la a se ajustar na vida em sociedade. A agressividade que poderá fazer parte do seu caráter, poderá vir de contatos com colegas, familiares ou de qualquer outro meio em que ela venha a interagir.

7.2 Violência

A violência é algo que acompanha o homem desde os primórdios dos tempos. É uma situação na qual o ser humano tem suas ações tolhidas ou violadas, por imposição de pessoa(s) e/ou grupo(s) social (is), de forma manipulada e/ou imposta, pelo uso da força, ou através de persuasão.

A dificuldade na definição do que é violência e de que violência se fala é o termo ser polifônico desde a sua própria etimologia. Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor. Emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente (ZALUAR, 1999, p. 8).

Podemos também conceituar violência como: Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). (...) A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando opera através de uma alteração do ambiente físico na qual a vítima se encontra. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo; uma modificação prejudicial do estado físico em que o

indivíduo ou grupo que é alvo da ação violenta (BOTTOMORE 1988 apud CANDAU, 2005).

Segundo Minayo e Souza (2001), a violência passou também a ser encarada como um problema de saúde pública, pois a sua incorporação tem ocorrido sob condições de não romper a racionalidade médica positiva, e segundo o Código Internacional de Doenças - CID da OMS, ela é considerada como “causas externas”.

Violência é toda a ação, e manifestação de agressividade, conflito ou indisciplina, a qual se manifesta numa diversidade múltiplas de formas, em que se viola, agride, denigre, altera de forma abrupta e/ou sutil, o homem e/ou o grupo no qual ele se encontra inserido, podendo esta violência, que pode ser um estado ou não, a outros homens ou grupos.

Podemos deste modo, considerar violência como um dispositivo de excesso de poder, uma prática disciplinar que produz um dano social, atuando em um diagrama espaço-temporal, a qual se instaura como uma justificativa racional, desde a prescrição de estigmas até a exclusão, efetiva ou simbólica. Esta relação de excesso de poder configura, entretanto, uma relação social inegociável porque atinge, no limite, a condição de sobrevivência, material ou simbólica, daqueles que são atingidos pelo agente da violência TAVARES dos SANTOS *et al.*(1988 apud ZALUAR e LEAL, 2001, p.148).

Os primeiro sinal de violência que a história nos relata, aconteceu com o assassinato de Abel por seu irmão Caim. A partir deste momento, outras situações de violência surgiram: a escravização dos Israelitas no Egito, a escravização dos povos à época dos descobrimentos, a Crucificação de Cristo, os moinhos satânicos, a Santa Inquisição, a opressão da classe proletária, os golpes militares.

A violência pode ser encontrada nos mais diversos ambientes sociais, como exemplo, na família, no trabalho, na igreja, no esporte e até mesmo na escola, haja vista ela ser, muitas vezes, característica da personalidade do homem ou grupo social.

Para CAMARA, SARRIETA e CARLOTTO (2007), A violência parece instalada desde muito cedo na vida de um indivíduo, desde o contexto familiar, considerando a violência doméstica, até o escolar, tendo como cenário uma sociedade incapaz de suprir as necessidades básicas, educativas e humanizadoras para seus indivíduos.

A violência permeia várias práticas, despojando o indivíduo de seus direitos como indivíduo (causando transtornos físicos e psíquicos) e como cidadão. Tais práticas, à medida que são desvendadas apenas, parcialmente, tornam-se, por isso, formas de manipulação, por serem práticas de dominação (FEFFERMANN, 2006, p. 164).

A violência vai de encontro aos primórdios da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a qual tem nos artigos: 4º e 5º: “A liberdade consiste em poder fazer tudo o que não prejudique o outro; assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem limites senão aqueles que assegurem aos outros membros da sociedade o gozo desses mesmos direitos. Esses limites não podem se determinados senão pela lei. A lei não pode vedar senão as ações prejudiciais à sociedade...”

As práticas emanadas pela violência são, na maioria das vezes, oriundas de ações agressivas, ações estas emanadas transmitidas de maneira oral e/ou através de ações que ocasionam lesões corporais, que na sua maioria deixam seqüelas como forma de se lembrar do(s) seu(s) algoz(es).

Deparamo-nos com uma forma de sociabilidade, a violência, na qual se dá a afirmação de poderes legitimados por uma determinada norma social, o que lhe confere a forma de controle social: a violência configura-se como um dispositivo de controle, aberto, e contínuo. Força, coerção e dano em relação ao outro, enquanto atos de excesso, presentes nas relações de poder – seja no nível macro, do Estado, seja no nível micro, entre grupos sociais -, vêm configurar a violência social contemporânea. A violência seria a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea (TAVARES DOS SANTOS, 2002, p. 2).

Coadunando com essa reflexão de Tavares Santos (1999), Ventura (1999) ressalta que: a violência pode ainda se associar ao prazer, ao consumo e à criação de identidade, construindo, na interação com o universo, que media e com aquele da criminalidade, a glória intensa e fugaz.

Em alguns nichos sociais, a violência faz parte da cultura dos seus integrantes, pois é através dela que se chega ao poder, além de ser o principal instrumento de dominação, dentre os seus pares e os seus principais opositores.

Esta prática é contumaz entre os traficantes e líderes de gangues do crime organizado.

Segundo Feffermann (2006), o aumento da violência decorre, em particular, da ação de jovens do sexo masculino moradores de grandes cidades, que destituídos de força para agir não percebem a capacidade que têm de modificar a si próprios e ao mundo. A ameaça do medo constante gera conseqüências: falta de solidariedade, indiferença em relação à miséria, tolerância com a corrupção e impunidade; a situação banal da violência torna-se um forte aliado para sua precipitação.

Ainda, segundo Zaluar, é comum associar-se violência, como um mero instrumento usado com maior ou menor intensidade, a um estado social permanente e excessivo na sociedade como um todo ou entre os excluídos, explorados ou denominados.

Este instrumento é o meio pelo qual o homem é coagido a praticar, na maioria das vezes, atos que não está acostumado a praticar, que vão de encontro ao seu caráter, pois os resultados podem trazer prejuízos, não só para a sua vida, bem como a pessoas que fazem parte da sua sociedade.

A violência pode ser concebida como sendo uma cultura, pois a cultura pode ser concebida, segundo Burke (1989) como um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas em que ela é expressa ou encarnada.

Em algumas sociedades, a violência faz parte da sua cultura, pois ela é usada como forma de afirmação, intimidação, demonstração de força e esta cultura segundo, Rocha (1999), são referências externas ao indivíduo e, principalmente, na trama compartilhada de significados, valores e atitudes, aí se encontraria onde se encontraria a violência.

A imoralidade da cultura da violência consiste justamente da disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição previa para qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima. (...) a cultura da violência, valorizando a utilização da força, constrói uma nova hierarquia moral. O universo social simplifica-se monstruosamente entre fracos e fortes. (...) na banalização dos delitos e na amplificação dos riscos, floresce o medo social. (...) a fantasia da violência paralisa nosso pensamento e nossas ações (COSTA, 1993, 84 – 86).

O tráfico de drogas e as associações com pessoas ligadas a esta prática, vem contribuindo, e muito, para o aumento da violência, afetando a estrutura do tecido social, e demandando das autoridades, uma posição firme de combate e repressão a esta atividade nefasta, que é o comércio de drogas ilícitas.

A droga é uma das causas dos problemas atuais em nossa sociedade, mas na verdade, é consequência, por exemplo, de vários fatores sociais como: grande valorização do prazer, crises de identidade social e de valores, mal-estar social e uma sociedade fortemente consumista e competitiva (RODRIGUES, 2003, p. 51).

Vivemos numa sociedade que dá mais valor ao hedonismo, pois a busca pelo prazer está acima de qualquer outra coisa, principalmente, na fase pré-adolescente, fase esta que é onde começam a ocorrer mudanças lentas, em função do momento, tendo em vista um consenso em torno da necessidade de programas de prevenção e/ou conscientização.

Os indivíduos que vivem na mais absoluta miséria, com um trabalho que não oferece condições dignas de sobrevivência, ou que no dia-a-dia, se deparam e convivem com as atrocidades da delinquência do capitalismo selvagem, com a perversão da injustiça que pune alguns e acoberta outros, são levados a romper com o pacto social, vindo à tona tudo o que ficou reprimido no nível inconsciente, explicando-se, assim, o grande surto de violência e de delinquência expressas, em especial na realidade brasileira (PELLEGRINO, 1993, p.06).

A prevenção é a melhor maneira que se tem para o combate ao uso de drogas. A escola, neste momento, é de suma importância no desenvolvimento dessa ação, pois utilizará métodos que poderão despertar nos alunos o sentimento de se auto-preservar e no que diz respeito ao experimento e uso dessas substâncias tão nocivas a sua saúde e à sociedade.

A relação entre usuário e droga constitui-se de uma tríade entre: a personalidade do usuário (psicológico), o produto que ele consome (farmacologia) e o meio no qual o consumo evoluiu (contexto cultural) (BUCHER 1996). A concepção de um programa de prevenção ao uso e consumo de drogas deve ter uma característica multidisciplinar, haja vista a necessidade de se contextualizar a sociedade, a droga e o aluno nas mais diversas relações existentes.

7.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A necessidade de uma integração, no intuito do desenvolvimento da criatividade, do aprendizado, da convivência com a variedade demográfica e da ética em busca da construção, a trocas de conhecimentos e a formação do cidadão são algumas das principais características e finalidades da escola.

Para SANTANDER (2003), “A escola é o espaço de congregação e interação de todos os seguimentos sociais, de construção do saber, do coletivo social, do exercício de cidadania, de socialização, de trocas, de competição”.

A conceituação ou definição do que se entende sobre violência na escola pode vir na forma em que: (...) historicamente a questão da violência na escola não seria tão nova, e os jovens envolvidos nos fatos de violência são cada vez mais jovens, além de que se assiste, há alguns anos, a um aumento do número de “intrusões externas” na escola: trata-se da entrada nos estabelecimentos escolares, até mesmo nas próprias salas de aula, de bandos de jovens que vêm acertar, na escola, contas das disputas nascidas no bairro (...) (CHARLOT 2002, p. 1-2);

A violência no ambiente escolar pode ser definida em três diferentes aspectos: a violência na escola, à escola e da escola. Num primeiro momento, elas podem se confundir, mas cada uma possui características próprias.

(...) A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro. (...) A violência *à* escola está ligada à natureza da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. (...) a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam, (...) (CHARLOT, 2002, p.2).

Os principais fenômenos ligados à violência na escola acontecem no espaço externo à escola, que na maioria das vezes, são quando as gangues e o tráfico de drogas se fazem presentes. Esta situação é um dos cerne da preocupação dos pais, educadores e alunos, pois vem afetar de maneira nociva e contundente a rotina do ambiente escolar.

Mas, para DEBARDIEUX (2001), a violência é amplamente dependente das condições sociodemográficas da população escolar abrigada: quanto mais os estabelecimentos abrigam populações socialmente desfavorecidas, mais freqüentes são os delitos e infrações, mais o clima é degradado, mais o sentimento de insegurança predomina.

As manifestações de natureza física são as principais causas da violência na escola, seguidas das brigas, roubos, depredações e tiros. Dentre estes acontecimentos de violência, as brigas têm se destacado entre os demais, e com isto têm ocasionado uma banalização, vindo a legitimar a violência como mecanismo de conflito.

Quanto às características que assume a violência no espaço escolar, tanto em espaços abertos quanto em situações de classe, pode observar-se que a maioria dessas violências constituem incivildades. (...) uma crise de convivência, uma dificuldade para socializar os jovens no marco dos valores que a escola tem por objetivo inculcar (...) (VISCARDI 1999 apud SANTOS, 2001, p. 3)

A escola é um espaço privilegiado para a identificação de situações precoces de violência. Quando o aluno é vítima de violência em casa, na rua ou na própria escola, ele vem expressar a situação ocorrida ou que está acontecendo. O educador tende a perceber o problema, e a depender da forma como ele venha a lidar com a situação poderá garantir direitos ou até mesmo ser um multiplicador das desigualdades.

Algumas práticas de violência no espaço escolar têm se modificado com o passar dos anos, e, algumas delas estão sendo denominadas de bullying.

O *bullying* é a vitimização que representa diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o *bullying* como a vitimização têm conseqüências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores. *Bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. O *bullying* é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados *bullying* direto os

apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas (NETO, 2005, p. 2 e 3).

Tratar de violência na escola é a missão de lidar com uma diversidade de fatores, fatores estes que fazem parte de uma nova ordem de fenômeno e não de um simples somatório dos objetivos da escola e violência. Este fenômeno é singular, devido ao envolvimento de práticas sociais, que para serem entendidas, requerem uma observação que não as minimize em simples e meras práticas violentas e/ou escolares.

O entendimento de que é possível reduzir a violência através de uma ação educativa de valorização dos fundamentos da paz; a afirmação da possibilidade da paz, entendendo que a “cultura da paz” se constrói num processo de socialização, que é sinérgico, para o qual concorrem múltiplos agentes sociais entre os quais se destaca a escola, instituição criada especialmente para cumprir essa função social (OLIVEIRA,2002).

Segundo Francischini e Neto (2007), a violência praticada nas instituições educacionais de modo geral também comparece com muita frequência nas estatísticas. Segundo o Relatório do UNICEF:

Numa análise de uma ampla gama de países em desenvolvimento, a Pesquisa Global de Saúde Baseada na Escola verificou recentemente que de 20 a 65 por cento das crianças em idade escolar entrevistadas relataram terem sido verbal ou fisicamente intimidadas nos 30 dias anteriores” nesses espaços. Os dados constantes no mesmo relatório, relacionados ao abuso e violência sexual não são menos alarmantes. Senão, vejamos: “A OMS estima que 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos abaixo de 18 anos foram forçados a manter relações sexuais ou sofreram outras formas de violência sexual que envolveram contato físico em 2002” (ONU, 2006).

Ao se conceber a escola como um lugar de interação socio-educacional, não se imagina a possibilidade de estar envolta no seu ambiente qualquer manifestação que não sejam àquelas voltadas para a construção do conhecimento e da cidadania, considerando-se os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que estão implícitos.

Ao definir os atributos do ato educativo como o de preparar os indivíduos para a vida social, institui-se um parâmetro universal sobre os fins da Educação. E esse parâmetro pode ser expresso em outro discurso paralelo e a ele correspondente: o de formar os indivíduos para o exercício da Cidadania (RODRIGUES, 2001, p. 2).

A função da escola não é a criação de um padrão ou uniformização de um mundo sem conflito, mas sim fomentar a criação de um espaço em que os atores (professores alunos e funcionários), possam vir a se conflitar ou não, possam construir uma conduta ética e baseada, acima de tudo, no respeito mútuo, pois é um dos princípios básicos para a formação do cidadão.

No Brasil, foi feita uma pesquisa sobre o problema da violência na escola e constatou-se a necessidade de realizar ações para se conter esta situação.

A partir de meados da década de 1980 atingindo os últimos anos da década de 1990, a violência nas escolas foi peremptoriamente considerada como questão de segurança, arrefecendo as propostas de teor educativo, com raras exceções por parte de governos locais (estaduais e municipais) de cunho progressista. A expansão de administrações municipais e estaduais de orientação de esquerda ou de centro-esquerda no país marca os últimos anos da década de 1990. esse é um período marcado por um grande número de iniciativas públicas preocupadas em reduzir a violência nas escolas. Algumas ocorrem em parceria com organizações não governamentais – ONGs – ou movimentos da sociedade civil. Trata-se, assim, de fenômeno bastante emergente, que merece, ainda, uma série de estudos capazes de avaliar seu impacto (SPOSITO, 2001, p. 3 e 4).

A Polícia Militar da Bahia tem como uma de suas atividades de combate à violência na escola, o serviço de policiamento ostensivo denominado de Operação Ronda Escolar. Esta operação é responsável pelo policiamento ostensivo nas escolas públicas e particulares, a fim de coibir delitos que possam ocorrer na área interna e externa da escola, por exemplo, o tráfico de drogas e a violência.

A 26ª Companhia Independente de Polícia Militar – 26ª CIPM, no ano de 2006, não registrou ocorrências de violência grave, sendo que as solicitações foram feitas por parte dos integrantes da escola, tendo um percentual de 5% (cinco por cento) no total de ocorrências da Operação Ronda Escolar.

Os casos de violência entre os alunos da Escola Estadual Manoel Vitorino são caracterizados por brigas no pátio e corredores da Escola, no intervalo das aulas e durante as partidas de futebol disputadas na quadra de esportes.

Existem casos de violência de alunos para com os professores, violência que vêm através de ameaças escritas nas provas quando da correção pelos professores. As ameaças também são feitas aos funcionários quando esses tentam coibir algum comportamento inadequado ou na tentativa de entrada ou saída fora do horário permitido e sem a devida autorização.

Situações de violência são debatidas pelo Conselho Escolar, conselho que foi fundado no ano de 1998, constituído por professores, pais e funcionários da escola; as reuniões do conselho acontecem periodicamente para avaliar não só as ocorrências de violência como também as atividades que deverão ser desenvolvidas pela escola, não só no combate à violência, mas também no que diz respeito à melhoria da qualidade do ensino.

7.4 PROERD

Diante de um cenário de incertezas o PROERD, com seu caráter preventivo, destinado ao público infanto-juvenil, compartilha da visão que considera a escola um espaço de formação, informação, mediação; e ainda, como um agente dinamizador da educação voltada para o exercício da cidadania plena.

Hoje vivemos uma antecipação do futuro, que passou a ser o motor do presente, no lugar do passado. A capacidade... de previsão que a tecnologia oferece substituiu o passado como determinante do presente, à medida que passamos a construir nosso presente a partir das ameaças do futuro. (...) Surgem os esforços de transformar riscos futuros, imprevisíveis e não controláveis, em eventos domináveis e previsíveis. Assim, o tempo é tentativamente domesticado e o futuro, colonizado. (...) A “colonização do futuro” implica em formas de obter no presente, as condições de proteção, segurança e certeza que garantam tranquilidade com relação a situações, acontecimentos que ainda estão por vir (AUGUSTO, 2007, p.51 e 52)

O PROERD através de suas aulas ensina de forma cativante e descontraída, por meio de diversas formas pedagógicas e técnicas voltadas para a resistência às pressões impostas pelos companheiros de escola e auxilia o aluno a adquirir consciência e necessidade de dizerem não às drogas e à violência.

Essas habilidades são importantes na tomada de decisão e são explicitadas através da utilização de jogos de interesse do grupo e de atividades

paralelas. Os estudantes são estimulados, enquanto aprendem como lidar com as pressões associadas ao adolescente.

O novo D.A.R.E. tem na sua matriz curricular nove lições e uma formatura. As lições são mais específicas às necessidades até os 12 anos de idade, com ênfase na progressão do estudante, que enquanto pratica estas também tem um cunho de divertimento. Com as lições os estudantes refletem sobre as questões de suas vidas ao praticarem novas habilidades.

Cada lição é estruturada com objetivos, na ordem, para se encontrarem com os padrões nacionais da instrução de saúde. O formato desta instrução fornece a informação prática durante todas as lições e permite que os estudantes aprendam sobre o seu ser.

Os instrutores e os pais dos estudantes são também convidados para darem suporte. Os professores são envolvidos diretamente na aprendizagem cooperativa com o D.A.R.E. Policiais e pais terão oportunidade de ser ensinados pelas crianças. Estas visitas focalizam em edições da segurança e da prevenção da criança. Os estudantes são alertados sobre os potenciais perigos da utilização indevida das drogas medicinais e de outras substâncias.

Para aplicação do programa é necessário se fazer uma visita à escola, manter contato com a direção e professores, a fim de que se possa saber da possibilidade de aplicação do programa; manter contato com os alunos para saber se eles têm interesse em participar do programa; solicitar a autorização dos pais dos alunos para que os mesmos possam participar do programa e por conseguinte marcar o começo das aulas que serão aplicadas, seguindo um cronograma, cronograma este elaborado pela direção do PROERD, aqui na Bahia.

O PROERD é simbolizado por uma figura que mostra a união de forças entre a Escola e a Polícia, tendo como base sólida a Família que está assim representada no distintivo do Programa, o qual é ofertado aos concluintes do Curso de Formação do Instrutor, que tem uma duração mínima de 80 (oitenta) horas/aulas.

Figura 1: Símbolo do PROERD



Os conhecimentos e as formas de dizer não às drogas, quando da implementação do programa, eram transmitidos através da aplicação de 17 (dezesete) lições, sendo utilizada uma cartilha, e aplicando uma lição por semana, em um dia previamente escolhido pela direção da Escola e dentro da matriz curricular, sendo utilizados vídeos, dramatizações, jograis, músicas, brincadeiras e outros recursos didáticos. Mas, a partir do ano de 2007, as lições foram reduzidas para o número de 10 (dez) lições.

O curso tem seu encerramento através de uma solenidade de formatura dos alunos, com a participação dos familiares e da comunidade, sendo entregue um diploma de habilitação. Este diploma outorga ao aluno a condição de ser um difusor dos conhecimentos adquiridos, além de orientar às crianças de como se manterem longe das drogas.

Sobre estes estudos, Rodrigues (2003) afirma que para o PROERD ter sua implantação num Estado-Membro, é necessário ser precedido de um protocolo de intenções, firmado entre a Polícia Militar e a Secretaria Estadual ou Municipal de Educação. Sendo que nesse documento estarão firmadas, expressamente, as responsabilidades de cada uma das instituições participantes, podendo, então, ser aplicado em qualquer estabelecimento de ensino que o queira, bastando para isso, que esse se manifeste junto ao Comandante da Polícia Militar, local.

O Programa é ministrado, exclusivamente, por Policiais Militares, rigorosamente, selecionados pela Coordenação do PROERD, que possuam curso de formação de Instrutor e estejam aptos para trabalharem em salas de aula, com crianças na faixa etária entre os 09 a 12 anos. Ao final do curso, é entregue um

certificado de participação, que proporciona e incentiva o espírito de civismo entre os participantes.

Assim, com o PROERD a Polícia Militar tem a possibilidade de desmistificar a figura do Policial Militar como um agente repressor, haja vista as futuras atividades que este Programa desempenhará com os alunos em sala de aula, com a presença do professor, contribuindo para que haja uma melhor interação entre a Polícia Militar e a comunidade.

7.5. AS LIÇÕES DO PROERD – AS CARACTERÍSTICAS DE SUA CARTILHA.

O PROERD utiliza uma cartilha onde se encontram 17 (dezesete) lições que são aplicadas pelos Instrutores no desenvolvimento dos temas constantes no Manual do Instrutor. Elas servem para balizar na elaboração dos planos de aula, que por sua vez são entregues na Coordenação da escola e ao Instrutor na sala de aula.

As lições incluem dados nacionais sobre o uso de drogas, a fim de ajudarem às crianças a melhor compreenderem como algumas crianças usam estas substâncias.

Trata-se de uma atividade preventiva contra as drogas e a violência, abordando o modelo da educação afetiva, do estilo de vida saudável, criando condições para que os alunos aprendam a lidar com sua ansiedade, resistindo às pressões dos companheiros, elevando sua auto-estima, e ainda solidificando noções de cidadania.

Através de atividades cognitivas, pois Miranda (2005) adverte que não se deve entender que essas caracterizações cognitivas se dêem naturalmente, porque são construídas a partir de atividades pedagógicas diferenciadas e proporcionadas pela escola.

A fase da pré-adolescência foi escolhida como marco do programa, porque é nessa fase que o ser humano começa a modificar a sua identidade pela interação com um contexto social, extra-família, fazendo com que esse absorva novas idéias as quais vão influenciar na mutação da sua identidade.

A palavra “adolescência” vem do latim “*adolescere*”, que significa “amadurecer”. A pré-adolescência, como o próprio nome diz, é uma preparação para tal fase. A faixa etária que vai dos 9 aos 13 anos de

vida é a época de intensas mudanças físicas e psicológicas. É a chamada pré-adolescência. Nela, a criança vai crescer, vai mudar sua forma de pensar e de ser relacionar com o mundo, vai ter desejos, sonhos e interesses diferentes – enfim, sua vida vai ganhar um novo sentido. (...) Nesse período, eles passam por uma indefinição ainda maior do que na adolescência, ou seja, estão deixando de ser crianças, deixando algo que conhecem muito bem para conhecerem algo totalmente novo. Isso cria muita fantasia e expectativas diante do desconhecido. (...) a criança nessa faixa etária, passa a compreender mais a sociedade, ordens sociais e grupos, o que torna essa fase uma área instável do desenvolvimento psicológico. A participação num grupo de amigos que possui gostos em comum passa a ser de maior importância para a criança, pois o modelo dado pelos amigos começa a obscurecer o modelo dado pelos pais. Tal investimento no grupo e as interações que o pré-adolescente mantém com ele são fundamentais para que ele possa desenvolver novas relações com os outros, ajudando-o a reconstruir a sua identidade. (...) é o que chamamos de busca pela identidade, o grande marco dessa fase. Enfatizamos que, por isso mesmo, atenção, diálogo e carinho são fundamentais (ARAÚJO, 2006, p.1).

Para Miguel Arroyo (1999), as idades da formação humana passam a ser o eixo estruturante do pensar, planejar, intervir, de fazeres educativos, da organização das atividades, dos conhecimentos, dos valores, dos tempos e espaço. Sendo assim, o POERD vem ser de fundamental importância no trabalho de prevenção ao uso de drogas e violência na escola.

A aplicação do Programa, através de 17 (dezesete) lições, objetiva o desenvolvimento da auto-estima, o cultivo da felicidade, controle das tensões, civilidade, além de ensinar técnicas de autocontrole e resistência às pressões dos companheiros e às formas de oferecimento de drogas por pessoas estranhas ao convívio das crianças e adolescentes.

Segundo a cartilha do PROERD (2002), as lições continham os seguintes módulos:

- ✓ introdução ao Programa;
- ✓ compreendendo os efeitos das drogas que alteram o funcionamento do corpo e da mente;
- ✓ considerando as consequências do uso de drogas;
- ✓ mudando idéias sobre o uso de drogas;
- ✓ maneiras de dizer não;
- ✓ fortalecendo a auto-estima;
- ✓ ser seguro um estilo de resposta;

- ✓ lidando com as tensões sem usar drogas;
- ✓ reduzindo a violência;
- ✓ combatendo a influência dos meios de comunicação;
- ✓ tomando decisões e assumindo riscos;
- ✓ dizendo sim para as alternativas positivas;
- ✓ exemplos positivos;
- ✓ resistindo à violência e às pressões das gangues;
- ✓ lembrando as lições PROERD;
- ✓ tomando a decisão;
- ✓ formatura

A aplicação das lições a partir do ano de 2007 é em número de 10 (dez), sendo que atualmente há um enfoque em relação ao álcool, e ao corpo, além de jogos e do incentivo a praticar o PROERD.

As lições contêm os seguintes módulos:

- ✓ introdução ao Programa;
- ✓ propósitos e visão geral do PROERD;
- ✓ o cigarro;
- ✓ cortina de fumaça;
- ✓ o álcool;
- ✓ a verdade real;
- ✓ as bases de amizade;
- ✓ decidindo de forma confiante;
- ✓ ação pessoal;
- ✓ pratique! pratique! pratique!

Capítulo 3

8 METODOLOGIA

Avaliar é um processo de verificação no qual podemos constatar se um programa de prevenção foi desenvolvido conforme os objetivos definidos e os problemas levantados no diagnóstico inicial. Esse processo nos permite observar as dificuldades e facilidades encontradas, durante a execução do trabalho, e a possibilidade de ajustar ou não, o programa para as próximas etapas.

A continuidade ou não, de qualquer projeto e/ou programa social, está intrinsecamente ligada a um processo de avaliação. A avaliação é o instrumento no qual se pode mensurar se tudo o que foi planejado está sendo colocado em prática, e se o objetivo proposto está sendo alcançando.

Para Minayo (2005), o estudo das ciências sociais, quando se trata de avaliação nos oferece dois modelos: o qualitativo e o quantitativo, sendo que o mais eficaz para avaliação é o modelo qualitativo, pois, quando se pretende saber a percepção de uma comunidade, esse modelo nos oferece recursos para avaliar de forma eficaz.

Segundo Minayo (2005), as ciências sociais têm sua especificidade no estudo do comportamento humano e social. E, quando se trabalha com programas voltados para mudança da realidade de uma sociedade, ou de uma comunidade em particular, o método qualitativo através de seus modelos de avaliação vem nos oferecer alternativas de como mensurar os benefícios e resultados, do que o programa propõe como forma de mudança.

Ainda para Minayo (2005), investigar a percepção consiste na busca da verificação, não apenas se as atividades previstas foram executadas, mas se os resultados finais que se esperava foram alcançados. O foco desse tipo de estudo é, em síntese, detectar mudanças nas condições de vida de um grupo-alvo ou de uma comunidade, como resultado de um programa e em que medida as mudanças ocorreram na direção desejada.

A avaliação por fazer parte do processo de planejamento das políticas sociais, gerando uma retroalimentação que permite escolher entre diversos projetos de acordo com sua eficácia e eficiência, também analisa os resultados obtidos por

esses projetos, criando a possibilidade de retificar as ações e reorientá-las em direção ao fim postulado.

Partindo de uma análise oriunda da percepção e representada pelas experiências vivenciadas pelos alunos, professores e funcionários, através da utilização de grupo focal, avaliamos a eficácia e eficiência da aplicação do PROERD na Escola Estadual Manoel Vitorino, localizada no bairro de Brotas, na Cidade de Salvador – Bahia.

O problema central investigado foi a percepção, no tocante à aplicação do PROERD e, para conseguir esse intento, se recorreu a mecanismos que permitissem estabelecer algumas relações entre as ações de um programa e o resultado final obtido. O objetivo desse tipo de avaliação pode ser definido como sendo o de identificar os efeitos de uma intervenção social.

A Escola Estadual Manoel Vitorino foi selecionada como *locus* do estudo empírico proposto, tendo em vista que o público-alvo, alunos da 4ª série, do turno vespertino, participante do programa no ano de 2006, são moradores, na grande maioria, das áreas de risco do bairro de Brotas, que são: a Baixa do Cacau, Saldanha, Polêmica e Candéal

O método que foi utilizado para avaliar a percepção dos beneficiários do PROERD 2006, na Escola Estadual Manoel Vitorino, foi qualitativo de cunho exploratório envolvendo a análise do conteúdo, a partir da aplicação de 05 (cinco) grupos focais: alunos, professores, Policiais Militares que aplicaram o programa, PMs que trabalham no serviço de Ronda Escolar da 26ª CIPM e os Policiais Militares que trabalham na administração central do PROERD. As 02 (duas) entrevistas semi-estruturadas foram realizadas por uma cientista social, que trabalha com pesquisas de programas voltados para jovens, diversidades, drogas e violência, contando, na aplicação do PROERD2006, com o apoio de uma funcionária da Escola Manoel Vitorino.

Pode dizer-se que a subtileza dos métodos de análise de conteúdo, (...) o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta <visão> muito pessoal, ser partilhada por outros. (...) Pela descoberta dos conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimentos de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismo de que a priori não detínhamos a compreensão. (..) desejo de rigor e necessidade de descobrir, de ir além das aparências (BARDIN, 1977, p. 29),

A análise do conteúdo passou a ser utilizada para produzir inferências acerca de dados verbais e/ou simbólicos, mas a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador.

Nesse sentido, ressaltamos que o objetivo da análise do conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas (CHIZZOTTI, 2000, p. 98).

Só assim, saberemos a percepção e entenderemos a comunidade sobre a aplicação de um programa, no sentido de poder verificar se é viável ou não a sua continuação, se é possível ou não a implementação de novas estratégias, para o alcance de uma parcela ainda maior da comunidade em que se está aplicando um projeto e/ou programa social.

Podemos compreender, com base em Cohen e Franco (2005), que utilizar questões, como por exemplo: quem, o quê, por que, para quem e com que efeito, podemos avaliar a percepção através da mensuração do grau de satisfação ou não dos produtores destas informações.

Os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e mensuráveis no âmbito das comunicações emitidas (...) É, portanto, com base no conteúdo manifesto explícito que se inicia o processo de análise. (...) o que está escrito, falado e mapeado, relativamente desenhado e/ou simbolicamente citado sempre será o ponto de partida para classificação do conteúdo manifesto (COHEN e FRANCO, 2005, p. 24).

Avaliação como técnica e estratégia investigativa é um processo sistêmico de fazer perguntas sobre o mérito e a relevância de determinado assunto, proposta ou programa. Um processo de avaliação de programas e projetos sociais geralmente tem como sentido mais nobre, fortalecer o movimento de transformação da sociedade em prol da cidadania e dos direitos humanos.

A avaliação de programas sociais tem sido de grande valia para esta atividade de tão relevância, não só para o meio acadêmico como, e, principalmente para a sociedade como um todo. Ela é um meio investigativo que oferece dados para a mensuração da eficiência e eficácia do programa em que se está trabalhando.

Avaliação como técnica e estratégia investigativa é um processo sistêmico de fazer perguntas sobre o mérito e a relevância de determinado assunto, proposta ou programa. Um processo de

avaliação de programas e projetos sociais geralmente tem, como sentido mais nobre, fortalecer o movimento de transformação da sociedade em prol, da cidadania e dos direitos humanos. (...) uma avaliação de projetos e programas sociais pode ser resumido em compreender o que contribui para o êxito dos programas, projetos e serviços; o que possibilita seu alcance e questiona seus limites. Toda avaliação útil, ética e tecnicamente adequada acompanha o desenrolar de uma proposta e subsidia a correção de rumos e a reorientação de estratégias de ação. Seu sentido ético alia-se a seu valor técnico e de responsabilidade social (MNAYO et al, 2005, p. 19,20).

A avaliação não é um evento isolado, mas, sim um processo, em que se integram avaliadores e avaliados em busca do comprometimento e do aperfeiçoamento dos indivíduos, grupos, programas e instituições.

8.1 Coleta de Dados

A imersão no ambiente, *locus* empírico da pesquisa, ocorreu em sucessivas aproximações, buscamos conversar com a diretora, a vice-diretora do turno vespertino, a coordenadora, algumas crianças estudantes, o porteiro da escola, o vendedor de balas.

Embora tivesse revelado a nossa identidade de Policial Militar para o corpo de dirigentes da escola, tivemos sempre o cuidado de não revelar essa identidade para os demais membros da comunidade escolar. Tivemos ainda o cuidado de nos apresentarmos como estudante de mestrado, realizando uma pesquisa acadêmica para a conclusão do referido curso. Nunca utilizamos o fardamento para evitar possíveis vieses no fornecimento dos dados sobre o programa estudado.

É importante ressaltar que os Policiais Militares que compuseram a amostra selecionada para este estudo, conheciam a nossa identidade PM, mesmo assim, sempre utilizamos trajes civis durante os nossos contatos e, especialmente, nos grupos focais realizados com os Policiais Militares para diminuir as barreiras hierárquicas que comumente existem na estrutura Policial Militar Brasileira.

As primeiras visitas de observação à escola pesquisada foram para a sondagem de todo o ambiente e para nos familiarizarmos com as pessoas que seriam os nossos informantes. Esses contatos iniciais foram importantes para sentirmos o clima organizacional e como as relações se estabeleciam na escola.

Após estarmos familiarizados com a rotina da escola e com o seu ritmo de relações interpessoais, optamos por selecionar os informantes da comunidade escolar.

Além das observações informais e sistemáticas, a coleta dos dados foi realizada mediante grupos focais, entrevistas e análise de documentos do PROERD. Participaram das atividades os seguintes atores:

Quadro 30: Atores Participantes da Pesquisa de Coleta de Dados

Atores	Quantidade	Técnica
Alunos	04 (quatro)	Grupo Focal
Funcionários	03 (três)	Entrevista
Professores	05 (cinco)	Grupo Focal
Porteiros	02 (dois)	Entrevista
Policiais Militares da 26ª CIPM	04 (quatro)	Grupo Focal
Policiais Militares da Administração do PROERD	03 (três)	Grupo Focal
Policiais Militares que aplicaram o PROERD	02 (dois)	Grupo Focal
Vendedora na área da Escola Manoel Vitorino	01 (uma)	Entrevista
Cientista Social	01 (uma)	Entrevista

8.1.1 Os Alunos

Após os primeiros contatos com os estudantes concluintes e não concluintes do PROERD – 2006, procedemos a seleção dos que iriam participar do grupo focal.

A coleta dos dados ocorreu, no primeiro momento, com a seleção dos alunos que iriam participar do grupo focal. Do universo dos 66 (sessenta e seis) alunos matriculados no PROERD 2006, apenas 37 (trinta e sete) alunos concluíram o curso. Deste grupo de concluintes e não concluintes restaram apenas 54 (cinquenta e quatro alunos), pois 07 (sete) evadiram-se da escola e 05 (cinco) foram transferidos.

A partir deste quantitativo foi selecionada uma amostra de 22% (vinte e dois por cento) do universo, haja vista o número de respondentes que deve compor um grupo focal, até 12 (doze), para evitar qualquer tipo de ruído entre os respondentes e que este ruído venha a prejudicar o que está se tentando coletar, em termos de informação.

Da amostra selecionada para a coleta de dados, apenas 04 (quatro) alunos compareceram, no dia e hora acordados, para a realização do grupo focal.

Destes quatro que compareceram, 03 (três) concluíram o curso e, apenas 01 (um) não concluiu.

O grupo focal composto por 04 (quatro) alunos foi realizado com a aplicação de perguntas semi-estruturadas, sem a presença de quaisquer outras pessoas, numa das salas onde funciona a 5ª série do turno vespertino, da Escola Estadual Manoel Vitorino.

8.1.2 As Professoras, as Funcionárias e os Porteiros

A seleção das professoras e funcionários foi feita com base nos dados que a direção da Escola Estadual Manoel Vitorino nos forneceu. Analisando esses dados, constatamos que apenas 03 (três) professoras e uma funcionária trabalharam na aplicação do PROERD 2006.

Das professoras que trabalharam no PROERD 2006, 01 (uma) trabalha na Coordenação da Escola, 01 (uma) é vice-diretora no turno vespertino, tendo inclusive experiência na aplicação do PROERD em outra escola em que já trabalhara. E 01 (uma) que leciona em turmas de 4ª e 5ª séries no turno vespertino. O questionário foi aplicado nas dependências da escola, onde funciona a sala dos professores, o grupo focal com as professoras, com questões semi-estruturadas para o levantamento dos dados necessários para a nossa análise. As outras 02 (duas) professoras foram entrevistadas de maneira informal, lecionam no turno vespertino, em turmas de 5ª (quinta) e 6ª (sexta) séries.

Com a funcionária da Escola Manoel Vitorino, que trabalhou no PROERD, fora aplicada uma entrevista, com perguntas semi-estruturadas, a fim de que pudessem ser levantados os dados necessários para a nossa avaliação. Essa entrevista foi feita nas dependências da Escola Manoel Vitorino, onde funciona a administração da escola.

As aplicações dos instrumentos para coleta dos dados, referentes às professoras e à funcionária, foram realizadas no turno vespertino, horário em que as entrevistadas trabalhavam nessa Escola.

Com as outras 02 (duas) funcionárias e os porteiros da referida Escola, as entrevistas foram feitas de maneira informal.

As funcionárias que foram entrevistadas trabalham no turno vespertino, e os porteiros também, mas eles trabalham em dias alternados.

8.1.3 A Vendedora

Foi feita uma entrevista, com uma das vendedoras que fica na porta da Escola Manoel Vitorino. Esta vendedora trabalha nos turnos diurnos, há aproximadamente 03 (três) anos, comercializando gêneros alimentícios.

A entrevista foi feita de maneira informal, para que a entrevistada pudesse exprimir a percepção dela sobre a comunidade escolar, em particular, sobre os alunos e o efeito do PROERD após a sua aplicação com os alunos daquela escola.

8.1.4 Os Policiais Militares

A seleção dos PMs que participaram deste trabalho foi feita baseada nas informações fornecidas pela Escola Estadual Manoel Vitorino, 26ª CIPM e Administração do PROERD da PMBA.

Os Policiais Militares que aplicaram o PROERD, no ano de 2006, são em número de 02 (dois), sendo que esses, quando da aplicação do Programa estavam lotados na 26ª CIPM, sendo transferidos para a Décima Sétima Companhia Independente de Polícia Militar - 17ª CIPM, responsável pela região dos bairros do Uruguai, Ribeira, Mares, Baixa do Fiscal e Alagados os quais possuem grandes áreas de riscos.

Os Sd PM 1ª CI Almiro e Jucineia Lima foram os responsáveis pela aplicação do Programa na Escola Estadual Manoel Vitorino. Os PMs, que têm curso de facilitadores do PROERD e formação de nível superior, participaram do grupo focal referente à Comunidade Escolar, sendo que esse levantamento de informações foi aplicado na Sede da Administração do PROERD da PMBA, na Vila Policial Militar do Bonfim, no bairro dos Dendezeiros, na Cidade de Salvador – BA

Os PMs que trabalham na 26ª CIPM e são responsáveis pelo serviço de Ronda Escolar: 01 (hum) Tenente QOPM, 01 (uma) Sargento QPPM e 02 (dois) Soldados 1ª Classe PM participaram do grupo focal, aplicado nas dependências da Companhia. Neste levantamento de dados, foram aplicadas perguntas semi-estruturadas, e através das suas respostas pudemos mensurar a percepção desta parte da Comunidade Escolar da Escola Manoel Vitorino.

Já os Policiais Militares que trabalham na Administração do PROERD, na PMBA, são: 01 (hum) Capitão QOPM, 01 (uma) Tenente QOPM e 02 (duas) 1ª

Sargento QPPMP. Destas pessoas que trabalham, somente 03 (três) participaram, tendo em vista o fato de uma das 1º Sgt PM trabalhar no turno vespertino.

Foi aplicado, no turno matutino, na sala onde funciona a Administração do PROERD, na PMBA, um grupo focal em que participaram o Capitão QOPM, Chefe da Seção, a 1º Ten. QOPM e a 1º Sgt PM, que trabalham no turno matutino. Foram feitas perguntas semi-estruturadas as quais foram de grande valia para saber sobre a percepção que estes PMs têm sobre o Programa e a sua aplicação.

Além das atividades desenvolvidas, foi solicitado à 26ª CIPM o quantitativo das ocorrências atendidas pela Operação Ronda Escola, no bairro de Brotas, nos anos de 2005 a 2007.

8.1.5 Cientista Social

Durante as nossas pesquisas sobre drogas e violências na escola referida, foi feita uma entrevista com a professora e pesquisadora Ph. Drª. Mary Garcia Castro, que leciona no curso de Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, além do Mestrado em Família, da Universidade Católica de Salvador – UCSAL. Essa professora desenvolveu, pela UNESCO, pesquisas com jovens e adolescentes, tendo publicado dentre outras literaturas, o livro Drogas e Violência na Escola, no ano de 2002.

Esta entrevista foi de grande valia para as nossas pesquisas.

Na visão desta profissional, de vasta experiência, programas sociais têm uma importante ferramenta na prevenção ao uso de drogas e violência. Mas, sem a interação dos pais, professores, funcionários, alunos e os aplicadores do Programa esta ferramenta poderá não alcançar de maneira eficiente o seu público-alvo.

Os momentos de interação entre pais e filhos são importantes na prevenção do uso de drogas e comportamentos violentos. Ainda mais, a escola exerce um papel fundamental para as crianças por motivo de ela se constituir em um meio no qual os alunos, sobretudo, porque estão em idade de formação, passam a interagir e a se socializar com diversas outras crianças e pessoas, das mais diversas faixas etárias, que poderão exercer influência de maneira direta ou indireta, na formação moral dessas crianças.. Por isso, o diálogo familiar é fundamental para construção e preservação dos valores morais, tão desgastados e modificados pela violência.

A Dr.^a Mary G. Castro destaca também que, a violência está se apresentando de diversas formas, e as incivildades vão dos apelidos jocosos (... *“a violência: verbal, a que fere, a que machuca, a que ofende e hoje se fala muito no bullying, que é um tom de brincadeiras, com outro, que acaba machucando”...*). Até a forma de agredir que passou a deixar de se usar os punhos em troca de armas letais (... *“o que era antes uma ofensa, que se brigava muito que se chamava soco, que se chamava porradaria, as porradas são antigas, hoje estou com 65 anos e no meu tempo já havia muita briga na escola, mas a era briga de punhos, de murros ou de empurra, ou de xingar e hoje, às vezes, por motivos fúteis, se pega uma arma ou uma faca e se é de uma violência com danos físicos ou danos mais profundos.”...*)

A entrevista foi feita na UCSAL, sendo utilizadas perguntas semi-estruturadas, que ajudaram na avaliação da percepção que esta pesquisadora, com relevante experiência e serviços prestados no mundo acadêmico, tem sobre o tema.

8.1.6 Dados Oficiais Sobre os Índices de Violência

Foram solicitados junto ao Centro de Estatísticas Policiais – CEDEP os totais de ocorrências no Estado da Bahia nos anos de 2005 a 2007, bem como na Cidade de Salvador. Na Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ, foram solicitadas as ocorrências envolvendo menores na Cidade de Salvador – Bahia, sendo que em particular no bairro de Brotas, nos anos de 2005 a 2007. Esses dados estão apresentados nos quadros 18 a 29.

8.2 Análise dos Dados

Os dados analisados indicam que os alunos selecionados para participar do grupo focal, sobre a percepção da aplicação do PROERD 2006, fazem parte de uma faixa da sociedade que se encontra em situação de vulnerabilidade, pois residem em áreas de risco que compreendem as invasões do Candéal, da Baixa do Cacau e do Saldanha. Essas áreas podem ser observadas no mapa apresentado neste trabalho. Para esses alunos é importante participar de programas de prevenção ao uso de drogas, contudo, é importante também possibilitar que outras crianças e jovens, não necessariamente, matriculados em escolas, possam usufruir

de programas semelhantes para se fortalecerem coletivamente e resistirem aos apelos de traficantes e outros marginais.

A discussão no grupo focal, que envolveu as professoras que trabalharam na aplicação do PROERD–2006, indicou que o Programa é de grande valia para a formação moral dos alunos, tendo em vista o curso ensinar a dizer não às drogas e à violência, como forma de resistir a esses graves problemas que ora vitimam a sociedade. Porém, para estas professoras ocorreu um grande erro quando da execução do PROERD, porque uma turma que tinha o comportamento mais conturbado foi deixada de fora da aplicação do Programa. Isso indica que é necessário preparar os instrutores para lidarem adequadamente com as crianças, publico - alvo desse trabalho.

As funcionárias entrevistadas relataram que após a aplicação do PROERD, o comportamento de alguns alunos sofreu uma mudança. Porém, esta mudança não abrangeu a toda a escola nem a maioria dos alunos, estando atrelada aos alunos que participaram do Programa. Desse modo, sugerimos que em trabalhos futuros, o PROERD abranja um escolarizado público mais amplo, e que seja pensado um esquema de acompanhamento e monitoramento das ações das crianças para que o PROERD tenha maior impacto tanto na comunidade escolar quanto na comunidade local.

Os seguranças que trabalham na Escola Manoel Vitorino, quando entrevistados, relataram que apesar de não ocorrerem casos de agressões de maneira constante e o ambiente escolar ser calmo, há violência, e esta fica por conta das brigas entre os alunos e em alguns casos essas brigas, envolvem não só alunos da Escola, mas também outras pessoas moradoras do bairro. Segundo os relatos desses seguranças, será de grande valia se o PROERD puder ser aplicado em outras séries, e em particular *no ensino* para poder ratificar os ensinamentos passados quando da 4ª série e da idade de 9 e 10 anos. Esse relato corrobora com nossas sugestões.

Durante o grupo focal, com policiais aplicadores do PROERD na Escola Estadual Manoel Vitorino, pudemos constatar que, os facilitadores do Programa sentem-se desconfortáveis, algumas vezes, em ter de aplicar um tipo de Programa que não pode sofrer modificações, pois o mesmo já vem num formato pronto. E, este formato pronto não condiz com a realidade de todas das escolas nas quais as ações são desenvolvidas.

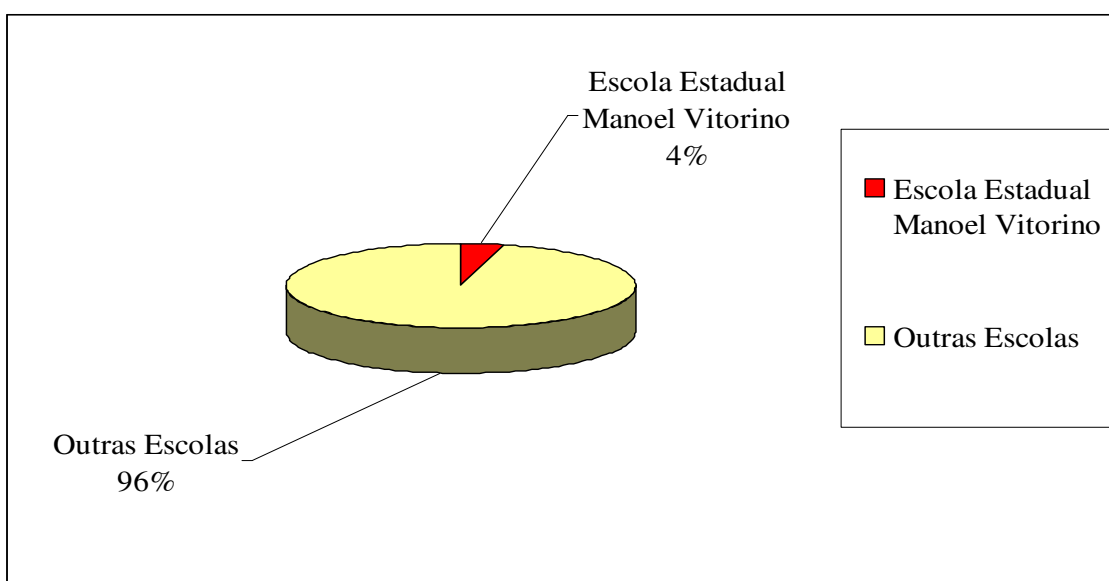
Os facilitadores acham que para se ter uma abrangência e aproveitamento melhor na aplicação deste Programa, este deveria ser elaborado com as pessoas que iriam aplicar o PROERD, no Estado, pois facilitaria a absorção das lições ministradas.

No tocante à comunidade da Escola Estadual Manoel Vitorino, os facilitadores ficaram satisfeitos com a receptividade por parte dos alunos, professores e funcionários da Escola, bem como com as manifestações da demanda pelos retornos dos milicianos.

Durante o grupo focal, aplicado com os PMs que trabalham na Operação Ronda Escolar da 26ª CIPM, foi evidenciado que as ocorrências de violência no bairro de Brotas têm aumentado, porém, a comunidade da Escola Manoel Vitorino não demanda pelos serviços de Ronda Escolar em relação a outras escolas. Pudemos constatar que nos anos entre 2005 a 2007, houve um decréscimo em termos de ocorrências registradas entre 2005 e 2006.

Segundo o relato da cientista social entrevistada, é de grande relevância não só o trabalho de prevenção às drogas e à violência por parte das autoridades e pessoas ligadas ao ambiente escolar (professores e funcionários), mas também a contribuição a dos pais, principalmente, através do diálogo e do exemplo: estes são os melhores meios de tentar impedir o avanço desse mal. Tal pensamento fortalece a importância do PROERD pensar uma forma de também trabalhar as famílias das crianças sob sua orientação.

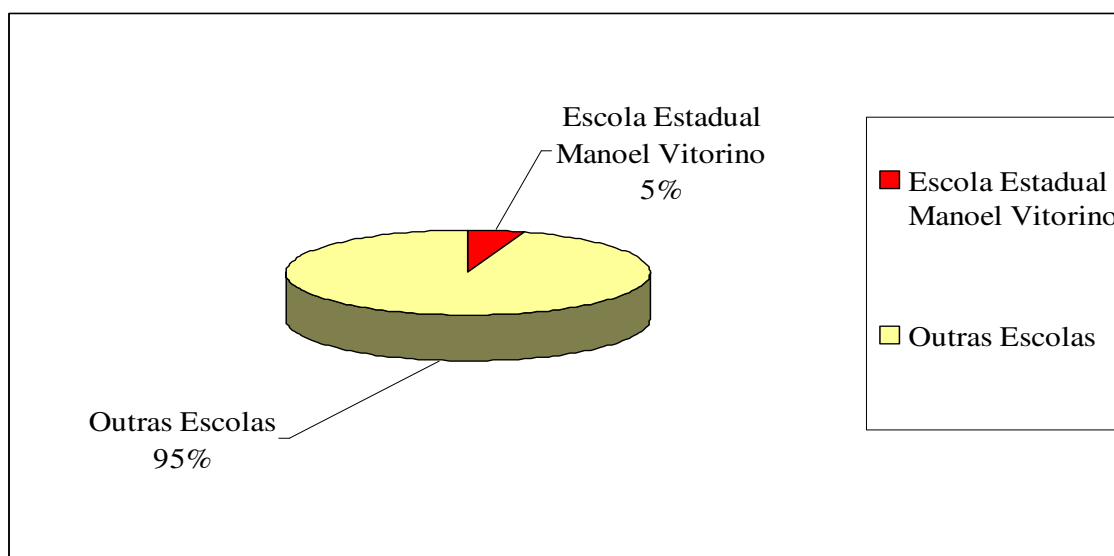
Quadro 31: Ocorrências nos colégios do bairro de Brotas no ano de 2005.



FONTE: SPO da 26ª CIPM

Segundo o Quadro 31, no ano de 2005, as ocorrências registradas pelo serviço de Ronda Escolar tiveram a maioria de suas ações, 96% (noventa e seis por cento) em outras escolas. Já, 4% (quatro por cento) destas ocorrências foram na Escola Estadual Manoel Vitorino, demonstrando que a escola não fazia parte do grupo das escolas qualificadas com: "Escolas Problemáticas".

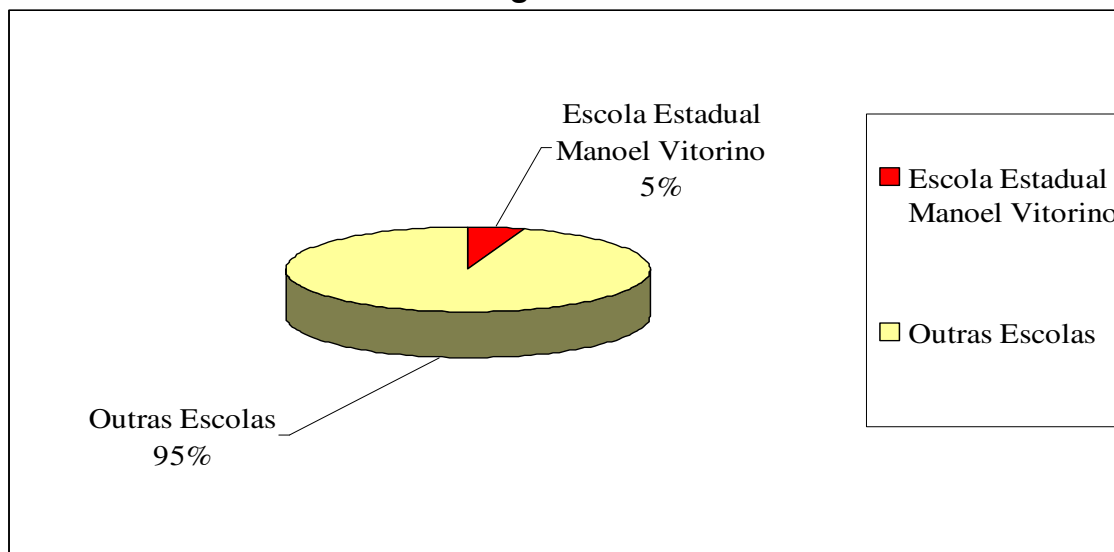
Quadro 32: Ocorrências nos colégios do bairro de Brotas no ano de 2006.



FONTE: SPO da 26ª CIPM

O Quadro 32 nos mostra que das ocorrências registradas apenas 5% (cinco por cento) estavam relacionadas à Escola Estadual Manoel Vitorino, demonstrando que houve um aumento de 25% (vinte e cinco por cento) em relação ao ano anterior, anos este de 2005.

Quadro 33: Ocorrências nos colégios do bairro de Brotas no ano de 2007.

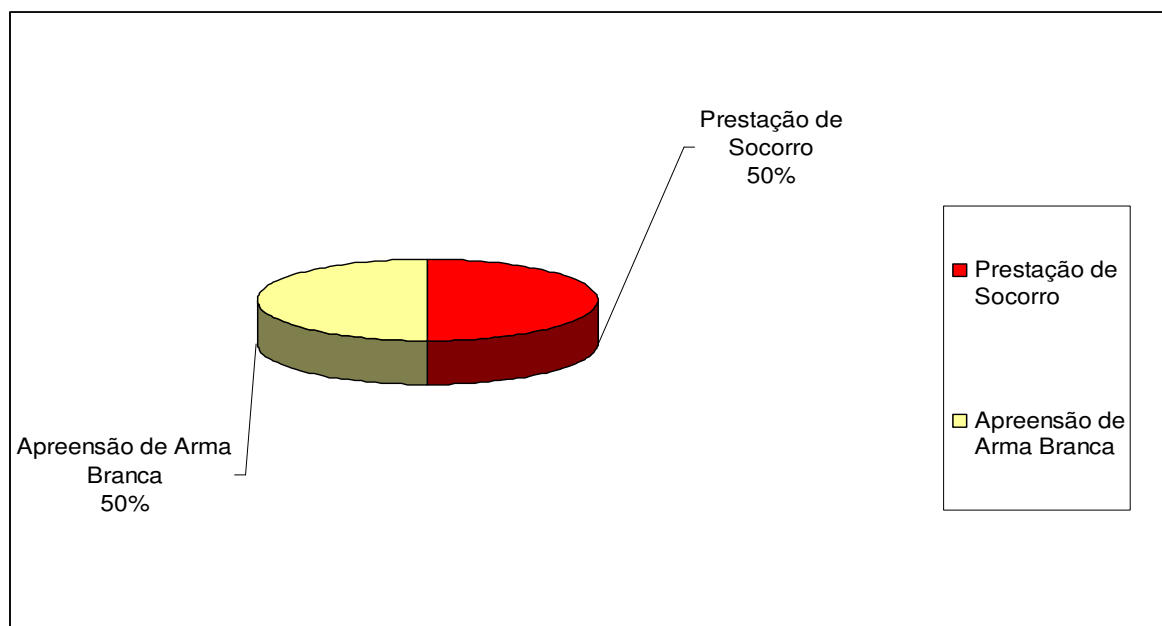


FONTE: SPO da 26ª CIPM

No ano de 2007, os índices percentuais, índices relacionados às ocorrências Policiais, registradas pela Ronda Escolar, permaneceram os mesmos, em relação ao ano anterior, ano este de 2006.

Apesar dos percentuais gerais permanecerem os mesmos, os números quantitativos, relacionados à violência nas escolas, sofreu um aumento de 25% (vinte e cinco por cento), de ocorrências registradas na Escola Manoel Vitorino. Em contrapartida, houve uma diminuição de registro de ocorrências nas outras escolas. Ou seja, os alunos da escola, naquele ano, demonstraram um comportamento mais violento, apesar de a comunidade já ter participado do PROERD.

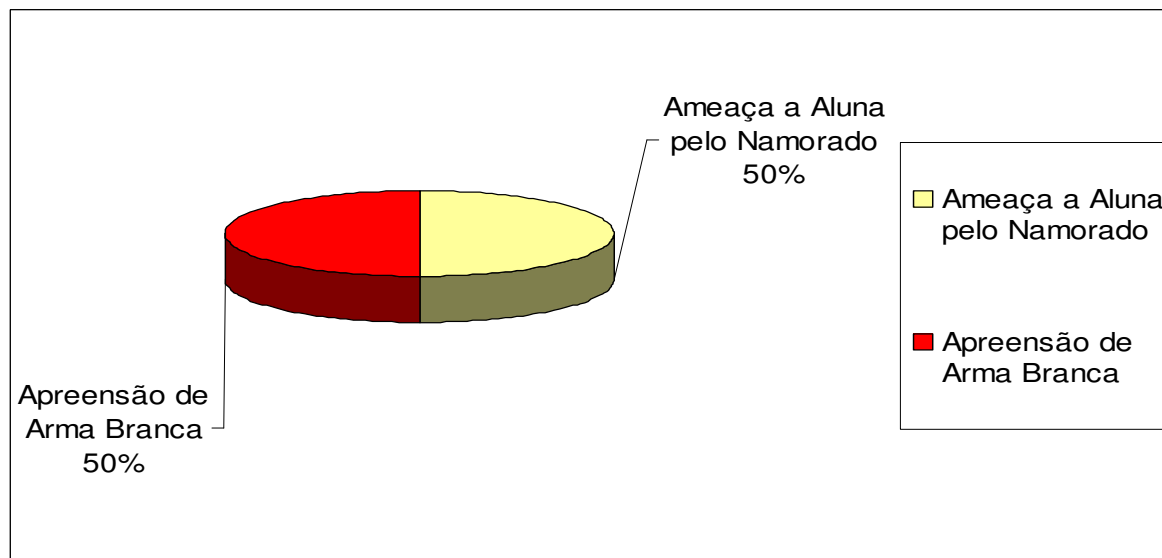
Quadro 34: Tipos de Ocorrência na Escola Manoel Vitorino no ano de 2005.



FONTE: SPO da 26ª CIPM

Das ocorrências contidas no Quadro 34, que estão relacionadas à Escola Estadual Manoel Vitorino, 50% (cinquenta por cento), 01 (uma), foi uma prestação de socorro e a outra 50% (cinquenta por cento), 01 (uma), foi apreensão de arma branca nas dependências da escola. Notamos que a incidência de apreensão de arma branca (faca, punhal ou qualquer objeto perfuro-cortante), vem-se tornando numa característica do tipo de arma utilizada pelos alunos da Escola, devido a sua facilidade quando do porte.

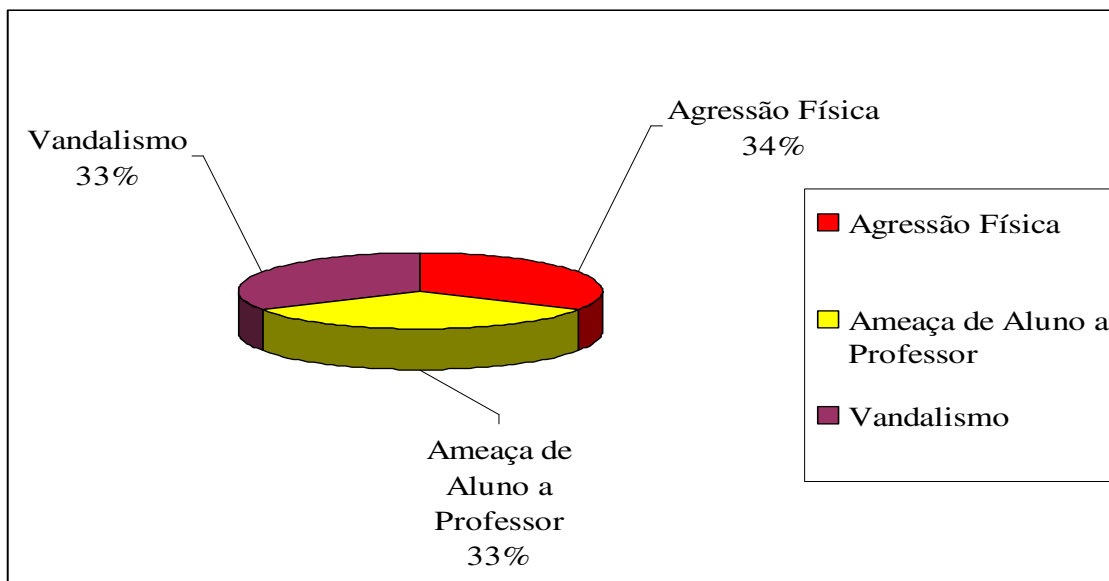
Quadro 35: Tipos de Ocorrência na Escola Manoel Vitorino no ano de 2006.



FONTE: SPO da 26ª CIPM

No ano de 2006, segundo o Quadro 35, não houve aumento em termos percentuais quanto às ocorrências registradas pelo serviço de Ronda Escolar da 26ª CIPM. Porém, ocorreu uma mudança no tipo de delito, delito que foi uma ameaça a uma aluna da Escola Estadual Manoel Vitorino.

Quadro 36: Tipos de ocorrência na Escola Manoel Vitorino no ano de 2007.



FONTE: SPO da 26ª CIPM

Das ocorrências registradas pelo serviço de Ronda Escolar da 26ª CIPM, demonstradas no Quadro 36, 33,33% (trinta e três, trinta e três por cento), 01 (uma) foi relacionada à agressão física (vias de fato) entre os alunos da escola; 33,33% (trinta e três, trinta e três por cento), 01 (uma), foi relacionada a ato de vandalismo e 33,34% (trinta e três, trinta e quatro por cento), 01 (uma), foi ameaça de aluno para com um professor da escola.

Capítulo 4

9 Considerações Finais

Avaliar é um processo de colaboração, exame e/ou questionamento que visa buscar, ou não, novas perspectivas para um projeto e/ou programa.

Através do método de avaliação qualitativa, foram levantados os dados necessários para a consecução deste trabalho, pois, este tipo de metodologia, segundo Minayo (2005), em primeiro lugar, refere-se à necessidade de levar em conta a participação e as percepções dos sujeitos envolvidos na criação e na implementação dos programas sociais. Em segundo lugar, considera as relações e as representações como partes fundamentais dos êxitos e dos limites das ações.

O importante é ressaltar que, qualquer que seja a forma de explicitação, fique claro o contexto a partir do qual as informações foram elaboradas, concretamente vivenciadas e transformadas em mensagens personalizadas, socialmente construídas e expressas via linguagem (oral, verbal ou simbólica) que permitam identificar o contexto específico de vivência, no bojo do qual foram construídas, inicialmente, e, com certeza, passíveis de transformações e reconstruções (FRANCO, 2005, p. 45).

Para a coleta dos dados sobre o objeto de estudo realizado, como indicado, anteriormente, grupo focal com os estudantes, os professores da Escola Estadual Manoel Vitorino, os Policiais Militares, que aplicaram o PROERD 2006, os que trabalham no serviço de Ronda Escolar da 26ª CIPM, os PMs da Administração Central do Programa, as entrevistas semi-estruturadas, o apoio da funcionária da Escola que trabalhou no PROERD 2006 e uma Cientista Social, pesquisadora de assuntos ligados a drogas e à violência.

Segundo LECLERC (1979, apud SOUZA, 2001), “Aquele que é observado, não é o Homem, mas os indivíduos ou os grupos sociais e culturais. Aquele que é observado não é jamais o sujeito transcendental dos filósofos, mas um membro de um grupo social, cultural, político”

A adequada e precisa identificação dos participantes do Programa permitiu que se avaliasse pelos seus discursos, a percepção através do grau de (in) satisfação do Programa, quais os fatores que influenciaram, ou não, eventuais

discrepâncias na sua aplicação. Outro aspecto a ser observado, será a mensuração dos beneficiários pretendidos pelo PROERD.

O estudo de caso demonstrou a percepção sobre o que foi vivenciado pela comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino.

O estudo de caso deve permitir um confronto entre o conhecimento teórico acumulado sobre o tema e os aspectos da realidade que explora. (...) Tem a realidade como fonte direta de informações para o pesquisador, ou seja, pressupõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo analisada. Isso significa que deve ser levado em consideração o contexto (tempo, região, história etc.) em que se situa. (...) O estudo de caso “não é uma técnica específica, mas a análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade [...] estudada como um todo”, para que se tenha um entendimento de suas peculiaridades (CHAROUX, 2006, p. 40).

Em função disto, o estudo de caso foi utilizado por ser um instrumento que, segundo MONTEIRO (2005), é um estudo que investiga um fenômeno num contexto real, (...) a exploração da vida real, (...) a descrição da situação do contexto do fenômeno em estudo.

Estudar a percepção da Comunidade Escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino foi uma tarefa não muito fácil.

A escolha por esta Escola ocorreu devido ao perfil dos seus egressos. Apesar de a sua localização ser em um bairro que congrega moradores qualificados como de classe média (classe C) e média alta (classe B), esse bairro possui áreas consideradas de risco; e é onde moram pessoas que convivem num ambiente em que podemos encontrar usuários de drogas e/ou os que estão ligados ao tráfico delas.

Algumas destas pessoas além de terem algum tipo de ligação com as drogas, principalmente, as drogas consideradas ilícitas, também, vivem num ambiente em que a violência dita o que e/ou como devem ser as atitudes dos moradores destas localidades.

Das localidades consideradas como áreas de risco, que estão no entorno da Escola Manoel Vitorino, destacam-se : Baixa do Cacau, 13 de Maio, Invasão da Polêmica, Candeal de Baixo e o Saldanha.

Alguns dos seus moradores são alunos da Escola Estadual Manoel Vitorino, pois esta escola de primeiro grau oferece vagas nos turnos diurno e

noturno, sendo que alguns destes moradores, além de estudarem numa das turmas de 4ª série participaram do PROERD 2006.

O Programa de Prevenção às Drogas e à Violência – PROERD vem sendo aplicado na Escola Manoel Vitorino desde o ano de 2004, sendo que no ano de 2006 o PROERD trabalhou com a maior turma de alunos desde a sua implantação. Daí o nosso interesse em saber sobre a percepção desta comunidade quanto ao Programa.

Nas nossas visitas à Escola, para mantermos contatos com as pessoas responsáveis pela direção, coordenação, professoras e funcionários, nós presenciamos que, alguns dos componentes daquela comunidade escolar, possuem os mais variados comportamentos, expressando alguns tipos de violência através de atos como: socos, empurrões, xingamentos e apelidos de cunho pejorativo.

Mas esses tipos de comportamento conhecido como *bulliying*, não era só dispensado entre os alunos, mas para a nossa surpresa por professores: em relação aos alunos, aos seus pares e para com os funcionários.

Quando os componentes daquela comunidade passaram a nos conhecer, como pesquisador, e que se tratava também de um Sgt da PM, além de terem ciência que faríamos uma pesquisa naquela escola, alguns passaram a nos tratar de forma bem diferente em relação aos seus pares, inclusive mudaram o tratamento entre eles. Isto prova que um clima de violência pode estar explícito ou não, a depender de quem esteja presenciando.

Duas situações, nas quais as agressões deixaram de ser simbólicas e foram explícitas, nos chamaram a atenção: a de um aluno da 6ª série, do turno vespertino, que mandou uma professora corrigir a sua prova com “carinho” senão ela iria sofrer as conseqüências, caso ele fosse reprovado, e a outra, uma funcionária da secretaria agrediu verbalmente uma professora, do turno vespertino, só não chegando às vias de fato, porque a professora sentindo-se constrangida saiu do recinto.

Os atores que foram entrevistados de maneira informal, num primeiro momento, as funcionárias e os porteiros, declararam que as brigas e insultos são uma constante no comportamento dos alunos, principalmente, por que fazem deste comportamento uma maneira de expressar as suas ações, muitas vezes contra as ordens oriundas da direção da escola.

Apesar desse tipo de cultura de comportamento, revelado por essa comunidade escolar, houve unanimidade na Escola em se dizer que após a aplicação do PROERD, ocorreu uma pequena melhora na disciplina, mas o Programa deveria ser repetido, principalmente, a partir das outras séries, a exemplo das séries mais avançadas: 6^a, 7^a e 8^a, dos turnos matutino e vespertino.

Em outro momento, em que entrevistamos uma vendedora ambulante que comercializa na porta da escola, ela em seu relato, acha que o PROERD tem ajudado aos alunos, principalmente, os mais novos, a se comportarem melhor. Mas, segundo ela, as brigas que ocorrem entre os alunos nas proximidades do portão da escola, além dos constantes xingamentos e desrespeito para com os porteiros, é uma prática dos alunos desta comunidade escolar, apesar de que ocorreu uma melhora.

Podemos constatar que o clima de violência impera em todas as áreas desta escola, transformando-a num ambiente hostil em que as pessoas usam como meio de comunicação a violência.

Nas informações e depoimentos dos Policiais Militares que aplicaram o PROERD, no ano de 2006, há unanimidade em dizer da satisfação que tiveram em aplicar o Programa na Escola Manoel Vitorino, a começar pela receptividade das professoras e funcionários, sem contar com a dos alunos.

Mas, na percepção deles, o Programa tem que ser montado baseado na realidade da comunidade onde será aplicado. Este tipo de ação é importante para o sucesso do trabalho, pois como as cartilhas são elaboradas em um só padrão para todo o Brasil, pode ocorrer de não se obter o resultado esperado.

Para os Policiais Militares responsáveis pela administração do PROERD, o Programa é bom, mas para qualquer tipo de mudança, é necessário se manter contato com a central do programa, a fim de saber se pode ocorrer este tipo de ação.

9.1 Sugestões

Para tentarmos solucionar o problema da violência, em particular a violência na escola, é essencial um trabalho de socialização com os componentes da Comunidade, principalmente, com as ligadas à Direção, que devem ser exemplo para os estudantes que estão em formação.

Uma vez que há inúmeras variáveis que contribuem para a manifestação da violência na escola e na sociedade, destacamos apenas algumas das possibilidades de medidas de prevenção e controle: a aprendizagem dos conteúdos e das normas de convivência democrática, os valores, a ética, a irmandade, a responsabilidade com os direitos e com os deveres democráticos e sociais (FREITAS e SOUZA, 2008, p. 4).

A escola deve ser um local no qual se trabalhe com o intuito de socializar as pessoas, além de contribuir para a formação de pessoas de vida e hábitos salutareos, hábitos esses longe das drogas e da violência. A escola deve agir como agente transformador, pois com o auxílio dos membros da sua comunidade escolar, este tipo de ação pode ser possível.

Ações devem ser feitas para estimular as pessoas que fazem parte dessa comunidade, em particular os alunos, como forma de poder tentar reverter este tipo de conduta. Estas ações podem ser baseadas no *coping*

Coping é um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de *stress* e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais. Constitui-se em uma mobilização de esforço, através da qual os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais para administrar (reduzir, minimizar ou tolerar) as demandas internas ou externas que surgem da sua interação com o ambiente. É uma ação intencional, física ou mental, iniciada em resposta a um estressor percebido, dirigida para circunstâncias externas ou estados internos (LAZARUS e FOLKMAN 1984, BERESFORD, 1994 apud ANTONIAZZI, DELL'AGLIO E BANDEIRA, 1988, p. 2 e 3).

Experiências exitosas, de combate à violência e conseqüentemente um estímulo à cultura da paz, combate utilizando fatores estimulantes para um novo tipo de cultura, já foram e estão sendo utilizados em escolas para o arrefecimento da violência, nas escolas brasileiras. Na cidade Salvador – BA, temos como exemplo do Projeto Combate à Violência na Escola, que através de atividades de arte-educação vem desenvolvendo esta atividade.

As ações do projeto dirigidas aos escolares são, portanto realizadas pelos universitários e consistem em linhas gerais na utilização da linguagem da música, do teatro e das artes plásticas através delas trabalhar os temas geradores da cultura da paz, dos valores e dos direitos humanos, combatendo atitudes e comportamentos agressivos, preconceituosos, discriminatórios e em contra partida valorizando os seus contrários tais como respeito, a tolerância e a justiça (OLIVEIRA, 2002, p. 47).

O PROERD desenvolve as suas atividades voltadas para a conscientização dos malefícios ocasionados pelo uso de drogas e de violência, principalmente, no ambiente escolar, porém não utiliza o modelo de arte-educação, que é um dos modelos mais adequados para se trabalhar com estudantes na faixa etária entre os 09 e 12 anos.

As suas atividades, que são desenvolvidas no decorrer das aplicações das lições, são previamente estabelecidas pela Câmara Técnica de Programas de Prevenção às drogas e à violência, do Conselho Nacional dos Comandantes-Gerais das Polícias Militares e Corpo de Bombeiros Militares do Brasil – CNGG, não trabalhando com atividades que venham a atender às necessidades de cada realidade vivida pelos alunos das escolas em que o Programa está sendo aplicado.

No entanto, a percepção da comunidade da Escola Manoel Vitorino, nas suas respostas, em relação ao Programa, os que foram entrevistados, de maneira unânime, acham que o PROERD é bom, apesar de ter aplicação restrita, devendo se estender entre as demais séries, principalmente, entre os alunos da 8ª série e 2º grau, pois a formação estudantil não compreende apenas o 1º grau.

Estas restrições na aplicação do Programa também foram pontuadas pelos PMs responsáveis pela administração do PROERD, no Estado da Bahia e, sobretudo, pelos responsáveis da aplicação desse Programa no ano de 2006, na Escola Manoel Vitorino.

Nas pesquisas pudemos constatar que ocorreram algumas falhas quanto à aplicação do PROERD 2006, dentre elas a que mais se destacou foi quando da seleção dos alunos que participariam. Nesta seleção, segundo os alunos que participaram do grupo focal, uma das turmas da 4ª série ficou de fora devido ao seu comportamento, que segundo eles, era de bagunça e gritaria, divergindo do objetivo do Programa que é a pregação ou arrefecimento da violência.

O Programa deveria ter quando da sua aplicação, a participação dos: pais, professores, PMs, funcionários da escola e alunos, a fim de que através de processos de interação tentasse saber sobre a visão de cada um em relação a aplicações das lições, além dos comportamentos e opiniões externalizados pelos alunos, o foco principal da aplicação do PROERD.

A conscientização dos pais, professores e funcionários sobre os efeitos das drogas e conseqüentemente no tipo de violência que ela pode e/ou poderá

desencadear é de essencial valor para o sucesso do PROERD, pois o Programa por si só, não tem condições devido aos seus atuais moldes de aplicação, de poder afastar esse perigo constante.

Segundo a cientista Mary Garcia Castro, socióloga que trabalha com juventude, “o diálogo com os filhos é muito importante para o combate às drogas”. A procura ou a interação entre pais e filhos é de determinante para que essas crianças não sejam influenciadas por “amizades” que venham comprometer a vida dos filhos.

As práticas e atitudes violentas podem ter a sua gênese num tipo de violência conhecida como violência estrutural, sendo que a condição socioeconômica da sociedade poderá influenciar no comportamento e maneira de agir dos seus membros.

es la violencia estructural. No son solo lãs personas físicas quienes producen daño al prójimo; sino tambien lãs instituciones, lãs leyes, lãs normas económicas de los bancos, la hipócrita sonrisa de los grupos multinacionales o transnacionales que ofrecen con la izquierda. Es una violencia sibilina, apenas perceptible (ROJO, 2002, p. 242),

A montagem das lições, relacionadas à aplicação do Programa, deveria ser a partir do levantamento e/ou conhecimento da realidade da comunidade em que o PROERD será aplicado. As realidades socioeconômicas, na maioria das vezes, não são iguais. Então, se trabalhar com lições e ações pré-concebidas sem o estudo desta realidade, no nosso ponto de vista, poderá gerar ruídos na comunicação.

O Programa deve também trabalhar com os professores e funcionários, principalmente, no tratamento dispensado para os alunos ou para com os seus pares. A maneira de tratar é uma das principais armas para o combate à violência no ambiente escolar, pois o *bulliyng* tem prejudicado o diálogo salutar neste ambiente.

a questão da violência na escola não se resume exclusivamente à segurança, com origem exterior e independente da escola. Ela é gerada, também, por atos de discriminação, preconceito, exclusão ou violência simbólica, na própria escola. Um dos tipos mais comuns de violência na escola é contra a auto-estima das crianças. Adultos ou mesmo adolescentes e crianças fazem brincadeiras que ferem profundamente a sensibilidade. Acreditamos que esta é a violência mais marcante para o caráter do cidadão: a falta de respeito a sua identidade. Alcinhas, aparentemente, inocentes humilham, ofendem e discriminam (FREITAS e SOUZA, 2008, p. 7 e 8).

Concluindo nossas considerações, podemos afirmar que há aceitação da aplicação deste Programa de Políticas Sociais na comunidade escolar da Escola

Estadual Manoel Vitorino. Segundo as informações colhidas, os alunos vêm diferenciando os seus comportamentos, e têm assimilado e posto em prática os ensinamentos do PROERD.

O índice de violência e uso de drogas nessa escola foi revelado como sendo próximo de zero.

Sugerimos que outros aspectos de cunho psicológico e relacional, que podem resultar em violência simbólica sejam também objetos de estudo tanto por dirigentes, professores e pessoal de apoio da Escola como pelas famílias dos estudantes e pelos instrutores que aplicam o PROERD. Esta sugestão decorre do fato de que entendemos, com base na literatura estudada e observações realizadas no trabalho de campo, de que nem toda violência está relacionada ao uso de drogas, mas ao tipo de relacionamento que se estabelece entre pessoas de diferentes níveis sociais ou até mesmo, dentro do mesmo nível social. Não foi a nossa intenção inicial estudar este aspecto da violência, contudo ao longo da pesquisa ficou evidente que são necessários estudos sobre esta questão.

Sugerimos também que os instrutores do PROERD tenham uma formação universitária e que contemplem as áreas das Ciências Sociais e Humanas, para que entendam melhor como lidar com crianças da escola pública e estimulá-las a concluírem o PROERD, evitando assim evasão e reprovação, que significam desperdícios dos recursos financeiros e do tempo empregado pela Polícia Militar e pela sociedade.

Sugerimos que outros aspectos da violência sejam também pensados, por professores, coordenadores, diretores, corpo técnico de apoio da escola e familiares, e que esses possam participar, conjuntamente, de alguma atividade, ou mesmo programas sociais, que os ajudem a eliminar toda e qualquer forma de violência e que, também, os instrumentalizem no combate ao uso indevido de drogas pelas crianças, familiares e demais pessoas das comunidades.

Embora não tenha sido objeto de estudo dessa pesquisa, há grande número de adultos educadores que se envolvem com drogas e que têm atitudes violentas sem, às vezes, terem consciência que estão sendo violentos ou provocando sentimento de violência e revolta quando, por exemplo, chamam atenção dos estudantes ou os humilham perante a classe.

10 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. **Drogas nas escolas**. Brasil: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary G., PINHEIRO, LEONARDO de C., LIMA, Fábio de S. e MARTINELLI, Cláudia da C. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: Desafios para políticas Públicas. Brasil: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. **Violência nas escolas**. Brasil: UNESCO, 2005.

ANTONIAZZI, Adriane S., DELL'AGLIO, Débora D. ; BANDEIRA, Denise B. O Conceito de Coping: Uma revisão teórica. **Revista Estudos de Psicologia (Natal)**, vol. 3, nº 2, July/Dec. 1998, Porto Alegre: RS, 1998

ARAUJO, Lucyjane. **Pré-Adolescência e educação**, Recife-PE, Colégio DUMAS, Julho/2006.

ARROYO, Miguel. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. **Educação e Sociedade**, Campinas vol. 20, nº. 68, p. 143 – 161. Dezembro, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação**: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002. 7p.

AUGUSTO, MARIA H. O. BRUNI José C. MENNA-BARRETO, Maria I. ; MARQUES, Nelson (org.) **“Decifrando o tempo presente”**. São Paulo: UNESP, 2007

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BOOTH, Wayne C. COLOMB, Gregory G. e WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOORDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Pierre-Claude ; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício Sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. 5.ed. Petrópolis : Vozes, 2005.

BRASIL. lei nº. 191, de 05 de outubro de 1991. Constituição Federal do Brasil. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 de out. 1998. VADE MECUM: Acadêmico de Direito. São Paulo: Rideel, 2006.

_____, lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 de julho de 1990, VADE MECUM: Acadêmico de Direito. São Paulo: Rideel, 2006.

- BUCHER, Richard. **Drogas e sociedade**. Brasília: UNB, 1996.
- CAMPOS, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. 2.ed. Brasília: Líber Livros, 2005.
- CANDAU, Vera M. **Reinventar a escola**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- CARVALHO, Inaiá M.M., PEREIRA, Gilberto C. (Coordenadores) **Como anda Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- CHARLOT, Bernard. A Violência na Escola: Como os Sociólogos Franceses Abordam essa Questão. ano 4, nº. 8, p. 432 – 443, Porto Alegre, **SOCIOLOGIAS**, 2002.
- CHAROUX, Ofélia M. G. **Metodologia**: processo de produção, registro e relato do conhecimento. São Paulo: DVS Editora, 2006.
- CANELOTTI, Bianca; SOARES, Cássia B. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. **Interface**: comunicação, saúde, educação, vol. 9, nº 16 Botucatu – SP, Sept./Feb. 2005
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez , 2000.
- CHRISPINO, Álvaro; CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência**: mediação do conflito escolar. São Paulo: Biruta, 2002
- COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de projetos sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DEBARDIEUX, Eric. Violência na escola francesa: 30 anos de Construção Social do Objeto. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 27, n.1, São Paulo Jan / June 2001: São Paulo - SP
- DINSMORE, Paul C. **Como se tornar um profissional em gerenciamento de projetos**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- FEFFERMAN, Marisa. **Vidas arriscadas**: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- FRANCISCHINI, Rosângela; S. NETO, Manoel O. de Enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes: Projeto Escola que Protege. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF v.19 n.1 Niterói - RJ 2007

FREIRE, Ivone C. **Polícia e sociedade**: gestão em segurança pública, violência e controle social. Salvador: EDUFBA, 2005.

FREIRE COSTA, J. "O medo social". **Revista Veja 25 anos**: reflexões para o futuro. Abril, 1993, p. 83-89.

FREITAS, Kátia S. ; SOUZA, Maria G. G. **VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A GESTÃO EDUCACIONAL**. Texto aguardando publicação.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAXIMINIANO, Antônio A.C. **Administração de projetos**: como transformar Idéias em resultados. 2.ed. São Paulo : Atlas, 2002.

MINAYO, Maria C. de S. ASSIS, Simone G. ; SOUZA, Edinilsa R. (organizadoras). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2005.

MINAYO. Maria C. de S. e SOUZA Edinilsa R. É Possível Prevenir a Violência? Reflexões a Partir do Campo da Saúde Pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 4, n.º 1, Rio de Janeiro – RJ, 1999

MIRANDA, Marília G. de. SOBRE TEMPOS E ESPAÇOS DA ESCOLA: DO PRINCÍPIO DO CONHECIMENTO AO PRINCÍPIO AS SOCIALIDADE. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas – SP, vol. 26, n.º. 91, p. 639 – 651, Maio/Agosto, 2005.

MOREIRA. Fernanda G, SILVEIRA. Dartiu X. da e ANDREOLI. Sérgio B. Situações Relacionadas ao Uso Indevido de Drogas nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, Vol. 40, n.º. 5, Oct. 2006

BULLYING NETO. Aramis A. L. Comportamento Agressivo entre Estudantes. **Jornal de Pediatria**, Vol. 81, n.º 05, Porto Alegre, 2005

NEVES, Paulo S. C., RIQUE, Célia D.G. ; FREITAS, Fábio F. B. (Organizadores). **Polícia e democracia**: desafios à educação em direitos humanos. Recife: Bagaço, 2002.

OLIVEIRA, Maria M. **Como fazer**: projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA. Nilce. **Refletindo sobre um projeto de Extensão Universitária**. UNISaber, v.2, n.2, p-37-60, jul/dez.. 2002, Lauro de Freitas - BA

PEDROSA, Célio C. Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência – PROERD: Polícia Comunitária Enfrentando o Problema, 1995, 184 fls. **Dissertação** (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) CAES, PMESP, 1995.

PONZ DIEZ, Javier; BREJANO PEIRATS, Enrique. **El consumo abusivo de alcohol em la adslencia**: un modelo explicativo desde la psicologia social. Espanha Ministerio del Interior, 1999. Plan Nacional sobre Drogas

PELLEGRINO, H. “Pacto Edípico e Pacto Social: da gramática do desejo à sem vergonhice brasililíca”. **FOLHA DE SÃO PAULO**, S. Paulo, 11/09/1993.

POLÍTICA NACIONAL SOBRE DROGAS - PNSD, Conselho Nacional Antidrogas. Resolução nº. 3/GSIPR/CH/CONAD, de 27 de outubro de 2005.

PRATTA. Elisângela M. M. e SANTOS. Manoel A. S. **Estudos de Psicologia (Natal)**. vol.11, nº. 3 Natal, Sept./Dec. 2006

PULASKI, Mary A. S. **Compreendendo Piaget**: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

RIBEIRO, Érica D. P. OLIVEIRA, Jonas A. de, ZAMBOLIN, Andressa P. LAURIS, José R. P. e TOMITA, Nilce M. Abordagem Integrada da Saúde Bucal de Droga-dependente em processo de Recuperação. **Pesquisa Odontológica Brasileira**. Vol. 16, nº. 3, São Paulo, julho a setembro de 2002.

RODRIGUES, Neidson. **EDUCAÇÃO: DA FORMAÇÃO HUMANA AO SUJEITO ÉTICO**. **Educação & Sociedade**. Campinas, Oct. 2001.

RODRIGUES, Oscar. **Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência – PROERD**: Proposta de Criação de Manual para Regulamentar as Atividades em Mato Grosso do Sul, 2003. 170 fls., Campo Grande: UNIDERP, 2003. (Trabalho Monográfico)

ROJO. Martín R. APREBDER A CONVIVIR EM UMA SOCIEDAD ATERRORIZADA. **Revista do Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás**. V. 5, n. 2, jul / dez 2002, Editora UCG, Goiânia, 2002

SANCHEZ, Amauri M. T. **Drogas e drogados**: o individuo, a família, a sociedade. 2. ed. São Paulo: EPU, 1982.

SANTANDER, Elismar. **Em defesa da vida**: um programa de prevenção contra o uso de drogas na escola, na família e na comunidade. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHENKER. Miriam e MINAYO. Maria C. de S. Fatores de Risco e de Proteção para Uso de drogas na Adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 10, nº. 3. Rio de Janeiro – RJ July/Sept. 2005.

SOUZA, Lícia R.C. M. de. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL E A ANÁLISE DO DISCURSO. **Discursos e análises**: coletânea de trabalhos / João Antonio Santana Neto (org.) – Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2001.

SPOSITO, Marília P. Um Breve Balanço da Pesquisa sobre Violência Escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, vol. 27, n.º 1, São Paulo, jan./jun. 2001

TAVARES, Beatriz F., BÉRIA, Jorge U. e LIMA, Maurício S. de. Prevalência do Uso de Drogas e Desempenho Escolar Entre Adolescentes. **Revista Saúde Pública**. Vol. 35, n.º 2, São Paulo, Apr. 2001

TAVARES DOS SANTOS, José V. (Org). Violências, América Latina: A Disseminação de Formas de Violência e os Estudos sobre Conflitualidades. **Revista Sociologias** n.º. 8, Porto Alegre – RS, July/Dec. 2002.

_____. A Violência na Escola: Conflitualidade Social e Ações Civilizatórias. **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 27, n.º. 01 São Paulo – SP Jan./June 2001.

_____. Violência e Dilemas do Controle Social nas Sociedades na “Modernidade Tardia”. **São Paulo em Perspectiva**. Vol. 18, n.º. 1 São Paulo jan./mar 2004

VENTURA, Z. “A sucessão”. **Revista Veja 25 anos**: reflexões para o futuro. São Paulo, Abril, 1993, p. 83-89.

ZALUAR, Alba ; LEAL, Maria C. VIOLÊNCIA EXTRA E INTRAMUROS, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 16, n.º. 45, São Paulo, Fevereiro de 2001.

_____. UM DEBATE DISPERSO Violência e Crime no Brasil Redemocratizado, **Revista São Paulo em Perspectiva**, 13(3) 1999, p. 8.

Outros:

PROERD. "Nossas Crianças de bem com a Vida". Reprodução autorizada pelo D.A.R.E, América, Brasília, DF, 2002.

Sites Eletrônicos

ARAÚJO, Lucyjane. **Ensino fundamental**. Pré-Adolescente e Educação. [S.l]: Colégio Damas, 2007, Disponível em:<<http://www2.colegiodamas.com.br/noticias/noticias.php>>, 17 set 2007.

CASTELÕES. Liliane. **Brasileiros são mais dependentes em álcool, tabaco e maconha**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/especial/drogas/drogas01.htm>>. Acesso em : 22 jan 2008.

ESPINHEIRA. Gey. Disponível em : <www.observatorioseguranca.org/revista/vol1/pdf.revista/textogeyespinheira.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2008.

Disponível em: <<http://www.clicabrasilia.com.br/impresso/noticia.php?ldNoticia>> Acesso em: 21 jan. 2008.

Disponível em:< <http://www1folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u59571.shtml> >Acesso em : 15 jan. 2008.

Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolesc%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 8 jul 2008.

_____. Disponível em : <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crian%C3%A7a>>. Acesso em: 8 jul 2008.

11. Apêndices

11.1. Solicitação de Autorização, aos Pais dos Alunos para participação de Grupo Focal

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO DE GRUPO FOCAL SOBRE O PROGRAMA SOBRE PREVENÇÃO E USO DE DROGAS E VIOLÊNCIA NA ESCOLA - PROERD

Autorizo a participação do aluno (a) _____, participante da Turma do PROERD – 2006, a participar de grupo focal sobre a participação no **Programa Sobre Prevenção E Uso de Drogas E Violência na Escola – PROERD**, na Escola Estadual Manoel Vitorino no dia 26/12/2007, às 14h.

Autorizo:

Em: / / .

Nome:

Identidade:

11.2. Solicitação Ao Comandante do Policiamento da Capital – CPC, da Polícia Militar da Bahia – PMBA, dos dados sobre as ocorrências registradas pela Ronda Escolar, nas Escolas do Bairro de Brotas.

Ao Ilmº Sr. Cel QOPM Comandante do Policiamento da Capital - CPC

Eu, **Roberto** Pereira de Souza **Filho**, estudante do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, curso ministrado pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL e integrante desta briosa Polícia Militar da Bahia – PMBA, ora servindo como 1º SGT PM, no departamento de Pessoal – DP, venho solicitar de V. S^a. se digne disponibilizar dados sobre as ocorrências da Ronda Escolar, dos anos de 2005, 2006 e 2007, em particular do bairro de Brotas, pois sendo o meu Objeto de Estudo “A Satisfação da Comunidade Escolar com Relação ao PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA – PROERD: Um estudo de caso numa escola Pública Estadual em Salvador – Bahia”, proponho-me a fazer um comparativo sobre as estatísticas ligadas às ocorrências sobre drogas e violências, envolvendo alunos das escolas deste bairro, a fim de poder avaliar a satisfação da Comunidade Escolar ligada a da aplicação do Programa, bem como os benefícios trazidos pelo PROERD 2006.

Serão preservados os nomes das pessoas que fornecerão as informações, sendo citadas através de iniciais ou nomes fictícios, ao tempo em que, caso queira e/ou seja necessário, colocarei o meu trabalho antes da publicação para a sua apreciação.

Atenciosamente,

Roberto Pereira de Souza **Filho** – 1º Sgt PM
Mestrando em Políticas Sociais e Cidadania

11.3. Solicitação à Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ, dos dados sobre as ocorrências registradas pela Ronda Escolar, nas Escolas do Bairro de Brotas.

A Ilm^a. Sr.^a Delegada Titular da Delegacia Adolescente Infrator – DAI

Eu, **Roberto** Pereira de Souza **Filho**, estudante do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, curso ministrado pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL e integrante da Polícia Militar da Bahia – PMBA, ora servindo como 1º SGT PM, no Departamento de Pessoal – DP. Desta forma, venho solicitar de V. S^a, se digne disponibilizar dados sobre ocorrências ligadas a drogas e violências, com crianças e adolescentes, estudantes das escolas do bairro de Brotas, e em especial das escolas públicas deste bairro, pois o meu objeto de estudo é “Satisfação da Comunidade Escolar com Relação ao PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA – PROERD: Um estudo de caso numa Escola Pública Estadual em Salvador – Bahia”. Outrossim, a minha proposta é fazer um comparativo sobre as estatísticas, ligadas a essas ocorrências, a fim de avaliar a satisfação da Comunidade Escolar ligada à aplicação do Programa, bem como os benefícios trazidos pelo PROERD 2006.

Serão preservados os nomes das pessoas que fornecerão as informações, sendo citadas através de iniciais ou nomes fictícios, ao tempo em que, caso queira e/ou seja necessário, colocarei o meu trabalho antes da publicação para a sua apreciação.

Atenciosamente,

Roberto pereira de Souza **Filho** – 1º Sgt PM
Mestrando em Políticas Sociais e Cidadania

12. Grupo Focal com os professores que trabalharam no PROERD - 2006

Quadro 1: Respostas das professoras à questão: Qual a sua formação:

Professora	Resposta
R	Pedagoga, com habilitação em Supervisão com especialização em Psicopedagogia.
T	Pedagoga, com habilitação em Supervisão.
M K	Pedagoga

Quadro 1.1: Resposta da funcionária à questão: Qual a sua formação:

Funcionário	Resposta
I	Nível superior completo

Quadro 2: Respostas das professoras à questão: Há quanto tempo trabalha na Escola Estadual Manoel Vitorino:

Professora	Resposta
R	10 (dez) anos
T	04 (quatro) anos
M K	05 (cinco) anos

Quadro 2.1: Resposta da funcionária à questão: Há quanto tempo trabalha na Escola Estadual Manoel Vitorino:

Funcionário	Resposta
I	28 (vinte e oito) anos, na secretaria da Escola

Quadro 3: Respostas das professoras à questão: Existem casos de drogas na Escola Estadual Manoel Vitorino, se existem, quais?

Professora	Resposta
R	Depende do tipo de droga, se for bebida, há. Mas, não com alunos que participam do PROERD, com outros alunos.
T	Não
M K	Não, que eu saiba não.

Quadro 3.1: Resposta da funcionária à questão: Existem casos de drogas na Escola Estadual Manoel Vitorino se existem, quais?

Funcionário	Resposta
I	Não, aliás só uma vez que encontraram um cigarro de maconha nos fundos da Escola, que disseram ser de um funcionário de uma firma que prestava serviço aqui na escola.

Quadro 4: Respostas das professoras à questão: Existem casos de violência na escola Estadual Manoel Vitorino:

Professora	Resposta
R	Violência pesada não, só discussões e brigas nos corredores. Troca de tapas e empurrões.
T	Só empurrões e brigas sem lesões mais graves.
M K	Brigas na hora do intervalo e nos corredores.

Quadro 4.1: Resposta da funcionária à questão: Existem casos de violência na escola Estadual Manoel Vitorino:

Funcionário	Resposta
I	Brigas na hora dos intervalos. Só uma vez que pegaram um aluno com uma faca e ele falou que estava vindo armado, pois

	tinha sido ameaçado por um colega maior que ele.
--	--

Quadro 5: Respostas das professoras à questão: se já foi vítima de algum tipo de violência na Escola Estadual Manoel Vitorino e quem praticou?

Professora	Resposta
R	Não. Só agressões verbais. Ameaças;
T	Não;
M K	Não, só ameaças.

Quadro 5.1: Resposta da funcionária à questão: se já foi vítima de algum tipo de violência na Escola Estadual Manoel Vitorino e quem praticou?

Funcionário	Resposta
I	Não, só ameaças. Mas nada de grave.

Quadro 6: Respostas das professoras à questão: há quanto tempo trabalha com o PROERD?

Professora	Resposta
R	04 (quatro) anos
T	06 (seis) anos
M K	02 (dois) anos

Quadro 6.1: Resposta da funcionária à questão: há quanto tempo trabalha com o PROERD?

Funcionário	Resposta
I	02 (dois) anos

Quadro 7: Respostas das professoras à questão: Qual a visão sobre o PROERD:

Professora	Resposta
R	É um programa muito bom que a PM deveria manter e expandir para todas as escolas.
T	É um programa que deveria ser aplicado para todas as séries e em todas as escolas da rede pública e particular.
M K	É um programa que deveria ser aplicado em todas as escolas e nos dois semestres.

Quadro 7.1: Resposta da funcionária à questão: Qual a visão sobre o PROERD

Funcionário	Resposta
I	É um ótimo programa.

Quadro 8: Respostas das professoras à questão: Qual a visão sobre o PROERD no ano de 2006:

Professora	Resposta
R	Boa.
T	Boa, deveria se repetir.
M K	Muito boa.

Quadro 8.1: Resposta da funcionária à questão: Qual a visão sobre o PROERD no ano de 2006:

Funcionário	Resposta
I	Boa, deveria acontecer todo ano.

Quadro 9: Respostas das professoras: quais os benefícios que a aplicação do PROERD no ano de 2006 trouxe para a comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino:

Professora	Resposta
R	O comportamento
T	Foram maiores, principalmente, no comportamento
M K	O comportamento, os alunos mudou para melhor, diminuindo as brigas.

Quadro 9.1: Resposta da funcionária à questão: quais os benefícios que a aplicação do PROERD, no ano de 2006, trouxe para a comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino:

Funcionário	Resposta
I	Muitos, principalmente, no comportamento

Quadro 10: Respostas das professoras: se a aplicação do PROERD 2006 foi satisfatória para a comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino:

Professora	Resposta
R	Sim. Deveria ser aplicado também para outras séries.
T	Sim.
M K	Sim, deveria ser repetido, principalmente, pelos Policiais que trabalharam em 2006

Quadro 10.1: Resposta da funcionária à questão: se a aplicação do PROERD 2006 foi satisfatória para a comunidade escolar da Escola Estadual Manoel Vitorino

Funcionário	Resposta
I	Sim, e deveria ser repetido todo ano.

Quadro 11: Respostas das professoras: se ocorreram mudanças com os beneficiários do Programa e quais foram?

Professora	Resposta
R	Sim, ajudou na melhoria do comportamento.
T	Sim, no comportamento.
M K	Sim, melhorou o comportamento.

Quadro 11.1: Resposta da funcionária à questão: se ocorreram mudanças com os beneficiários do Programa e quais foram?

Funcionário	Resposta
I	Sim, melhoraram o comportamento, diminuindo as brigas entre eles.

Quadro 12: Respostas das professoras: Se a aplicação do Programa deveria se repetir, por quê?

Professora	Resposta
R	Sim, pois ajuda no combate e resistência às drogas, e também no comportamento dos alunos.
T	Sim, pelo menos nas 5 ^a e 6 ^a séries, pois ajuda aos alunos a resistir e, a saber, o efeito que as drogas trazem, além de melhorar o comportamento dos alunos diminuindo a violência entre eles.
M K	Ajuda no comportamento dos alunos.

Quadro 12.1: Resposta da funcionária à questão: Se a aplicação do Programa deveria se repetir, por quê?

Funcionário	Resposta
I	Sim, pois auxiliar no comportamento dos alunos

Quadro 13: Respostas das professoras: Qual a opinião sobre a idade da aplicação do PROERD:

Professora	Resposta
R	A partir dos 09 (nove) anos, pois aos nove eles começam a formar as noções de valor, mas deveria ser repetidos em outras séries e para outras faixas etárias
T	A partir dos 10 (dez) anos
M K	A partir dos 10 (dez (anos) pois aos 09 (nove) anos eles são muitos novos

Quadro 13.1: Resposta da funcionária à questão: Qual a opinião sobre a idade da aplicação do PROERD:

Funcionário	Resposta
I	A partir dos 10 (dez) anos

Quadro 14: Respostas das professoras: O que deveria mudar na aplicação do PROERD:

Professora	Resposta
R	Apesar de não conhecer o programa a fundo, ele deveria ser aplicado nas outras séries do Ensino Fundamental até a 8ª série
T	Ser aplicado em outras séries, pois é de fundamental importância para a resistência às drogas e à violência.
M K	Ser aplicado em todas as séries da 5ª a 8ª

Quadro 14.1: Resposta da funcionária à questão: O que deveria mudar na aplicação do PROERD:

Funcionário	Resposta
I	Deveria ser aplicado em outras séries, pois é de fundamental importância para os alunos e a escola e os professores e funcionários.

12.1 Perfil dos Respondentes do Grupo Focal com os Alunos da Escola Estadual Manoel Vitorino

<i>Respondente</i>		<i>Idade</i>	<i>Série</i>		<i>Turno</i>
			<i>PROERD</i>	<i>Atual</i>	
R. 1	Gustavo	11	4 ^a	5 ^a	Vespertino
R. 2	Ademario	12	4 ^a	5 ^a	Vespertino
R. 3	Wendel	11	4 ^a	5 ^a	Vespertino
R. 4	Alan	10	4 ^a	5 ^a	Vespertino

1. Há quanto tempo vocês estudam na Escola?

R. 1	02 anos
R. 2	04 anos
R. 3	02 anos
R. 4	04 anos

2. Vocês moram em que lugar aqui de Brotas?

R. 1	Ladeira do Cacau
R. 2	Na Baixinha de Brotas
R. 3	Alto do Saldanha
R. 4	Ladeira do Cacau

3. Vocês participaram do PROERD?

R. 1	Sim
R. 2	Sim
R. 3	Sim
R. 4	Sim

4. E vocês chegaram a concluir o PROERD?

R. 1	Não
R. 2	Não
R. 3	Não
R. 4	Não

3. E por que vocês não concluíram o PROERD

R. 1	Muita bagunça
R. 2	Muita bagunça, também na sala de aula
R. 3	Muita bagunça e eu esquecia o livro em casa
R. 4	Muita bagunça

4. O que vocês acharam do PROERD?	
R. 1	Eu achei ótimo, porque ensinava a gente o que era as drogas e as conseqüências
R. 2	Gostei muito, pois ensinava a gente a quando alguém oferecer drogas a gente a gente não aceitar
R. 3	Eu achei ótimo, porque ensinava a gente a ver a realidade
R. 4	Eu achei ótimo, porque muitas coisas que eu não sabia eu aprendi também

5. E vocês já conheciam algum tipo de droga?	
R. 1	Eu não
R. 2	Não
R. 3	Não
R. 4	Não

6. Vocês conhecem alguém que usa drogas?	
R. 1	Não
R. 2	Conheço
R. 3	Não
R. 4	Não

7. E vocês já viram alguém usar algum tipo de droga?	
R. 1	Eu já, em Arembepe. Ele estava fumando alguma coisa. Toda hora o cigarro apagava e ele acendia
R. 2	Também vi, usando maconha na Baixinha
R. 3	Vi, usando maconha
R. 4	Já, no Abrigo Salvador, usando maconha

8. Você já viu algum tipo de droga ou soube de algum tipo de droga aqui na escola?	
R. 1	Eu não
R. 2	Só bebida alcoólica, mesmo
R. 3	Não
R. 4	Não

9. Vocês conhecem bebida alcoólica?	
R. 1	Eu conheço
R. 2	Conheço
R. 3	Eu conheço várias
R. 4	Conheço

10. E vocês já chegaram a experimentar algum tipo de bebida?	
R. 1	Não
R. 2	Só champanhe
R. 3	Não
R. 4	Não

11. Tem alguém na família de vocês que usa bebida alcoólica?	
R. 1	Tem cerveja. Várias pessoas: minha mãe, meu pai, minha avó
R. 2	Meu pai, meu avô e meu tio
R. 3	Meu pai e minha mãe, algumas vezes
R. 4	Tem: meu tio, minha mãe e meu pai

12. Vocês já sentiram vontade de experimentar bebida alcoólica?	
R. 1	Eu não
R. 2	Não porque não faz bem para a saúde
R. 3	Não
R. 4	Não

13. Em relação ao cigarro, vocês conhecem cigarro?	
R. 1	Em minha família várias pessoas fumam, mas faz mal, aí eu não quero experimentar o cigarro
R. 2	Eu conheço, mas nunca quis experimentar porque ele não faz bem para a saúde
R. 3	Conheço minha tia
R. 4	Ninguém de minha família fuma

14. Vocês já souberam de algum caso ou viram alguém fumando aqui na escola?	
R. 1	Eu ainda não ouvi falar não
R. 2	Não
R. 3	Não
R. 4	Não

15. Vocês já sentiram vontade de experimentar cigarro?	
R. 1	Não
R. 2	Não
R. 3	Não
R. 4	Não

16. Tem alguém na família de vocês que usa cigarro?	
R. 1	Minha avó e minha mãe
R. 2	Só meus tios, minha avó e minha tia
R. 3	Ninguém
R. 4	Minha mãe não, minha avó só

17. E sobre violência o que é que vocês sabem sobre violência?	
R. 1	Eu conheço briga, somente
R. 2	Espancamentos, brigas
R. 3	Brigas
R. 4	Eu conheço briga também

18. Vocês já praticaram algum tipo de violência?	
R. 1	Eu não
R. 2	Só quando alguém vem me agredir é que eu tenho que fazer por legítima defesa
R. 3	Eu não
R. 4	Eu também, não

19. Vocês já presenciaram aqui na escola algum tipo de violência?	
R. 1	Só brigas
R. 2	Brigas
R. 3	Brigas, brigas, brigas
R. 4	Brigas

20. E quando foi que aconteceu isso aí?	
R. 1	Vários dias. Hoje não está acontecendo, é um milagre!
R. 2	Teve uma vez que os meninos juntaram uma "barreira" para pegar um do lado de fora
R. 3	Muitas vezes
R. 4	Várias vezes

21. E quando assim? No ano passado, no ano retrasado, este ano?	
R. 1	Desde quando eu estudo aqui, nestes dois anos teve brigas
R. 2	Os dois anos que estudo aqui os dois anos, foram brigas
R. 3	Todos os anos têm briga aqui, não tem um ano sem brigas
R. 4	Nos quatro anos que estudo aqui, nestes quatro anos eu vi brigas

22. Qual foi o tipo de violência que vocês presenciaram aqui?	
R. 1	Aluno contra aluno
R. 2	Aluno contra aluno
R. 3	Aluno contra aluno
R. 4	Aluno contra aluno

23. Em relação ao PROERD, qual a opinião de vocês sobre o PROERD?	
R. 1	Eu acho ótimo. Eu gostei do Programa
R. 2	Eu gostei
R. 3	Eu gostei
R. 4	Eu gostei muito

24. Por que foi que vocês gostaram do Programa?	
R. 1	Porque ensina o que a maconha faz, como é que a pessoa reage e várias coisas assim
R. 2	Ensinou as conseqüências de quando a gente usa droga
R. 3	Ensinou as prevenções as drogas
R. 4	Ensinou que nunca a gente deve fumar por causa do mal

25. O Programa abordou só drogas ou abordou sobre drogas e violência na escola?	
R. 1	Eles falaram com a gente para não bater em ninguém, não fazer nada disso
R. 2	Falou também
R. 3	Sim ele falou
R. 4	Falou

26. Vocês fariam de novo o Programa PROERD?	
R. 1	Sim, eu faria
R. 2	Sim, eu faria
R. 3	Sim, eu faria
R. 4	Sim

27. Por que vocês fariam o Programa de novo?	
R. 1	Sim, para aprender mais um pouco o que eu não aprendi ainda
R. 2	Para aprender mais um pouco da realidade
R. 3	Eu queria ter a oportunidade, porque devido à bagunça não pode ser realizado
R. 4	Para saber mais um pouco

28. Vocês recomendariam o PROERD para alguém?	
R. 1	Recomendaria para todos os meus primos
R. 2	Para todos os meus familiares e colegas
R. 3	Para minha família, meus colegas
R. 4	Para os meus primos

29. Como era o comportamento de vocês antes do PROERD?	
R. 1	O meu comportamento aqui nesta escola sempre foi bom
R. 2	O meu foi bom, mas às vezes eu bagunçava um pouco
R. 3	O meu sempre foi bom
R. 4	O meu foi bom

30. O que vocês acham do comportamento de vocês depois do PROERD?	
R. 1	O meu comportamento melhorou bastante
R. 2	O meu melhorou
R. 3	O meu também melhorou, muito mais
R. 4	O meu também, melhorou

31. Dêem uma opinião sobre o PROERD?	
R. 1	Eu achei ótimo, interessante e queria repetir o Programa
R. 2	Gostei muito e quero chance de repetir mais uma vez
R. 3	Gostei muito. Eu queria ter a chance de repetir e poder passar para outras pessoas
R. 4	Eu achei ótimo, interessante. Ensino várias coisas que nós podemos aprender hoje ou qualquer dia

32. Vocês acham que o Programa deveria ficar só na 4ª série ou passar para outras séries?	
R. 1	Deveria passar para outras séries, principalmente, para a 8ª série, pois existe rivalidade entre os alunos
R. 2	Para todas as séries. Para os alunos aprenderem que não deve ter rivalidade entre os amigos.
R. 3	Para o ginásio e para o 2º grau
R. 4	Deveria passar para 5ª, 6ª, 7ª e 8ª

12. 2. Grupo Focal com Policiais Militares da 26ª CIPM que trabalham na Operação Ronda Escolar

Perfil e Respostas dos Participantes

<i>Respondente</i>		<i>Formação</i>	<i>Tempo de Trabalho</i>		<i>Função na 26ª CIPM</i>
			<i>PM</i>	<i>PROERD</i>	
1	1º Ten PM Assis	Superior	10 anos	-	Coordenador da Ronda Escolar
2	1º Sgt PM Joane	Superior Incompleto	10 anos	02 anos	Rondante
3	Sd PM 1ª Cl Bispo	Médio	06 anos	-	Auxiliar da UPO / Ronda Escolar
4	Sd PM 1ª Cl Batista	Superior	05 anos	-	Auxiliar da UPO

1. Qual a sua opinião sobre o PROERD	
R. 1	É um Programa bom
R. 2	É um bom Programa, mas, deveria ser elaborado para a nossa realidade
R. 3	É um bom Programa
R. 4	É um bom Programa, porém devia ser montado para a necessidade de cada local onde vai ser aplicado

2. Você possui formação no curso do PROERD há quanto tempo?	
R. 1	Sim, a 02 (dois) anos
R. 2	Não
R. 3	Não
R. 4	Não

3. Há quanto tempo teve primeira experiência e trabalha com PROERD?	
R. 1	Há aproximadamente 03 (anos), mas não atuo na aplicação do Programa
R. 2	Há 02 (dois) anos, tempo em que trabalho com o Programa
R. 3	Há 03 (três) anos, mas não trabalho com o PROERD
R. 4	Há 02 (dois) anos, mas não trabalho no PROERD

4. Você conhece as bases do Programa?	
R. 1	Sim, pois participei do curso de formação,
R. 2	É um bom programa
R. 3	É um bom programa, apesar de não ter participado do curso
R. 4	É um bom programa

5. Em sua opinião o PROERD deve ou deveria ser mudado?	
R. 1	Deveria se adaptar a nossa realidade
R. 2	Deveria ser elaborado baseado na realidade do local onde será aplicado
R. 3	Deveria alcançar adolescentes de todas as idades
R. 4	Devia ser montado para a necessidade de cada local onde vai ser aplicado e alcançar todas as séries

6. O serviço de Ronda Escolar poderia prestar algum tipo de auxílio ao PROERD?	
R. 1	Ajuda, fornecendo dados das ocorrências.
R. 2	Ajuda, fornecendo dados e passando como é o perfil da escola e dos alunos
R. 3	Sim, fornecer dados sobre a escola, sobre os alunos
R. 4	Sim, ao fornecer dados estatísticos sobre o tipo de ocorrências naquela escola para o PROERD

7. Das ocorrências registradas pela Ronda Escolar, qual a visão dos senhores sobre a escola Manoel Vitorino?	
R. 1	É uma escola tranqüila, pois quase que não registramos ocorrência em relação a ela
R. 2	É uma das melhores escolas, pois os atendimentos são muito poucos
R. 3	Praticamente não existem ocorrências com os alunos desta escola
R. 4	Quase que não existem ocorrências com os alunos desta escola

8. Qual a opinião dos senhores sobre os alunos da Escola Manoel Vitorino?	
R. 1	Apesar de não ter contato com eles, mas pelos dados das ocorrências, parecem tranqüilos
R. 2	Tranqüilos
R. 3	Pelas ocorrências, parecem ser tranqüilos.
R. 4	Parecem ser tranqüilos, como os demais alunos de uma escola pública

9. O PROERD influenciou no comportamento dos alunos da Escola Manoel Vitorino?	
R. 1	Acho que sim
R. 2	A aplicação do Programa tem ajudado na melhoria do comportamento desses alunos
R. 3	Acho que sim
R. 4	Acho que sim

10. O PROERD deveria ser aplicado de que forma?	
R. 1	Deveria ser aplicado em várias séries
R. 2	Deveria ser aplicado em várias séries, principalmente, nos 1º e 2º grau
R. 3	Em todas as séries
R. 4	Nas séries do ensino fundamental e médio, principalmente

12.3. Entrevista com Mary Castro

1. Nome

R.; Mary Garcia Castro

2. Formação:

R. Sociologia, com Doutorado na Universidade da Florida e Pós-Doutorado em Sociologia e Estudos Culturais na Universidade de Nova York;

3. Linha de Debate

R. Juventude e o Debate sobre Políticas de Juventude, Jovens e Participação Política, Juventude e Sexualidade, Pesquisas sobre Migrações Internacionais, Gênero e Raça.

4. Se nas pesquisas em que desenvolveu já trabalhou sobre drogas e violência com jovens e criança?

R. Há muito tempo. Fez a pesquisa sobre drogas na escola com Mirian Abramoway, na época trabalhando na UNESCO, há aproximadamente 02 (dois) anos, sendo publicada entre os anos de 2004 e 2005. Sobre Violência na Escola, estava ainda na UNESCO, entre os anos de 2005 e 2006, e depois outra pesquisa sobre Juventude Geral, que abordava a exposição à droga e à violência, além de outros temas como trabalho, educação e uma pesquisa sobre racismo nas escolas;

5. Durante quanto tempo a Sr^a. trabalhou com pesquisas voltadas para drogas e violências nas escolas?

R. Com drogas, foi apenas um ano e meio. E com violência foi entre um ano e meio a dois,

6. Foi pela UNESCO?

R. Sim, foi pela UNESCO.

7. Nas pesquisas, o que a Sr^a. pôde constatar em relação a esse problema de drogas nas escolas?

R. Primeiro, que a droga é ao mesmo tempo um fantasma e uma realidade. Um fantasma porque, é um fantasma que assusta, tem às vezes, uma série de observações, de medo, de pais e de professores, e vai muito além do que de fato ocorre. E por outro lado, ocorre muito mais do que os professores e os pais sabem. Então, isso pode parecer um paradoxo. Porque os pais e os professores se assustam, mas nas escolas não tem droga, ou se tiver é muito pouco, então o que me surpreendeu foram as diferenças de informações de professores e de informações de alunos. Os alunos e muitos jovens lidam com uma tranquilidade como se tivesse uma certa banalização.

8. Nas pesquisas sobre drogas, a Sr^a pôde constatar o começo desse tipo de substância? Se existe uma idade padrão? A partir de que idade mais ou menos?

R. Olha, a nossa pesquisa foi em 2004, e tanto essa nossa pesquisa como outras que eu já li mais recente, chama atenção para um rejuvenescimento que estaria cada vez, iniciando com idade mais jovem. Mas, uma das idades assim, que nos pareceu, não é de maior entrada, mas como uma probabilidade grande é em relação a esta mais vulnerável, ao uso de drogas é aquela idade onde os jovens, são mais vulneráveis em relação a sua própria identidade e que dependem da opinião e do reconhecimento dos pais, é quando se sai da área da dependência, principalmente, da dependência afetiva, e uma dependência em relação aos pais, aos professores e aos adultos, e começa uma fase de registro de autonomia, de querer marcar uma própria identidade, diferente dos adultos, não dependência em relação aos adultos e demonstrar, nós encontramos vários jovens que tinham entrado em drogas, principalmente, drogas chamadas lícitas, álcool que isso é outra coisa que a sociedade fala muito pouco, mas o maior perigo, me parece, não é dizer que não

seja um perigo, as chamadas drogas ilícitas, mas as drogas lícitas, elas têm uma permissividade, até da família, muito grande é quando começa ir à festa, ir à festa sozinho, e muitos jovens que não sentiam nenhum prazer, porque quando você está na dependência, tem aquela primeira fase, que é a do prazer, é que a droga dar um prazer, depois não é o prazer da droga é o medo da droga, de ficar sem a droga, é uma dependência que é terrível, chega a doer. Então, quando muitos jovens bebiam não por gostar de bebida e não porque tinham dependência em relação à bebida, mas para se mostrar para os colegas. Então, essa questão da relação com os pares, e do afastamento, por isso que eu costumo dizer que os pais têm que fazer o possível de imprimir valores, imprimir informações, imprimir uma autodefesa nas crianças quando são crianças, que quando já passa de 13, 14 anos, é uma idade muito frágil, é a idade de maior vulnerabilidade é a idade entre 13 e 14 anos.

9. Mas esse começo da droga, do experimento da droga começa aos 13 e 14 anos, ou começa um pouco mais cedo, na opinião da Sr^a?

R. Nós encontramos, não existe assim uma marca rígida, nós encontramos jovens que já, principalmente, em drogas lícitas, como já falei, mas também em drogas ilícitas, de primeiro plano (como é chamada a maconha), é já aos 12 anos. Encontramos muitos casos, no Brasil a fora, e merla em Brasília, pois nós fizemos pesquisas em 14 capitais.

10. E no tocante a Bahia, a Sr^a fez alguma pesquisa, já constatou alguma coisa nas pesquisas da Sr^a em relação ao Estado da Bahia?

R. Não em profundidade. A Salvador no período da pesquisa de droga, não era a cidade que chamava a atenção, em relação ao consumo de drogas. O interessante que Salvador me chamou mais atenção em relação ao racismo e a homofobia. A intolerância em relação ao outro, ao outro em relação ao caso da orientação sexual. Mas drogas, uma das capitais que nos chamou mais atenção foi em 2004 e há muito tempo que eu não trabalho com o tema droga, mas foi no Rio Grande do Sul, foi Porto Alegre.

11. Em relação à violência, nas pesquisas da Sr^a, o que a Sr^a pôde constatar em termos de nível de violência, tipo: idade, sexo, a coisa já vem há muito tempo, ela se transforma no passado, na convivência com o outro. O que a Sr^a pode constatar?

R. Depende do tipo de violência. Há vários tipos de violência, a violência: física, verbal, a que fere, a que mata, a que machuca, a que ofende e hoje se fala muito no *bullying*, que é um tom de brincadeiras, com outro, que acaba machucando. Não é tão recente, têm estudos e estudos antigos que já falam em violência, mas há idéia de vários estudiosos que ela vem crescendo e ela está se transformando numa forma, inclusive, de comunicação, de xingamentos, de brigar e tipo de perda da capacidade de se comunicar, quando era por tapas, hoje por facas e por armas de fogo. Então, o que era antes uma ofensa, que se brigava muito que se chamava soco, que se chamava porradaria, as porradas são antigas, hoje estou com 65 anos e no meu tempo já havia muita briga na escola, mas era briga de punhos, de murros ou de empurrar, ou de xingar e hoje, às vezes, por motivos fúteis, se pega uma arma ou uma faca e se é de uma violência com danos físicos ou danos mais profundos.

12. Mas, nas pesquisas, a Sr^a pode constatar existe um padrão de violência entre as escolas, os adolescentes ou varia muito isso aí?

R. Varia. Algo que é o padrão, como estava lhe dizendo, de se comunicar até o nível das palavras e palavras violentas. E a forma como lida com a violência como algo mais banalizado, o que pode vir pelos jogos da internet. O meu neto, de 12 anos, diz assim; “Isso aí vovó é uma briguinha básica”. Uma briguinha básica, quando eu vou ver o jogo da internet, é um cara com uma metralhadora, atirando nos outros caras ou um carro batendo em outro carro, aí ele diz: “isso aí a gente vê toda hora”. Ou se você ligar o Jornal Nacional se transformou em moeda, moeda corrente, começa a fazer uma hierarquia de violências.

**13. Na opinião da Sr^a drogas e violência, uma está ligada a outra, não está.
O que a Sr^a acha em relação a isso aí?**

R. Este é um tema complexo, não é a minha opinião. Eu tive recentemente uma aluna no mestrado de família, que defendeu uma tese sobre drogas, sobre drogas na família, como é que a família reagia sobre drogas, e na banca dela teve um dos maiores especialistas sobre droga, que é Sebastião Neri, que é do CETAD e a tese do Sebastião Neri e de outros autores que eu li da área de medicina e da área de sociologia e de antropologia, é que a relação entre droga e violência, ela existe, mas não no sentido que a opinião pública, em sentido corrente dá, de que consumir um droga, ficou mais violento. É a violência para adquirir a droga, por exemplo: É a violência por estar exposto ao mundo do crime que é o mundo do tráfico, então, existe essa violência. Agora, segundo esses autores, como Neri e outros, no que a droga faz, ela tem uma série de efeitos negativos no organismo, mas a droga libera o seu psique, é um tipo de personalidade que você já é. Se você for uma pessoa intrinsecamente violenta, com a droga, sobre efeito de drogas e drogas pesadas, como a cocaína, heroína, pode ser até a maconha ou a bebida alcoólica, ela vai liberar mais agressividade. “Sebastião Neri, conta, que ele estava num programa de rádio, se não me engano, o de Mário Kertz, onde ele quase foi preso, que ele estava fazendo este comentário, um delegado disse: “estou aí para prendê-lo, pois ele está incentivando o uso de drogas. E o que foi que ele disse: Eu como um especialista disse: “Se for uma Irma Dulce que use algum tipo de droga, como maconha ou uma outra, o que ela vai fazer? É distribuir caminhões de comida para todo mundo, vai ficar doidona distribuindo comida. Se for um cara mal, perverso, ele vai começar a fazer atrocidades. Então, isso dizer que aqueles irmãos Cravinho mataram o pai da namorada porque estavam sob efeito de droga, eles já eram maus. Quando eles planejaram o assassinato de maneira cruel, com requintes de violência e de crueldade, não estavam sob o efeito de drogas. Eles estavam sob efeito de drogas na hora que mataram mas não quando planejaram. Então, você vai associar essa associação direta, é complicada. Agora, é claro que a droga desencadeia essa violência, devido proximidade com o mundo do tráfico. É um mundo de violência.

14. Em relação a drogas, escolas e violência. Pela experiência que a Sr^a tem, a Sr^a pode comprovar alguma coisa? Se existe uma ligação entre elas?

R. se ao mesmo tempo, eu não diria que tem ou não tem, mas como, lhe disse há especialista que questionam esta associação direta entre droga e violência, por outro lado, poucos especialistas, e também foi a nossa observação, podem questionar a relação entre drogas e desempenho escolar. Todos os casos que nós investigamos sobre jovens, que abusavam ou que tinham um consumo, tipo dependência de droga, inclusive tem esta questão, tem algum consumo, que não necessariamente, o terrível do consumo é que para começar você pode, segundo Neri, eu fumo um cigarro de maconha e você fuma um cigarro de maconha, a depender de uma série de circunstâncias e a depender do nosso organismo, eu posso desde o primeiro cigarro, que eu fume, eu ficar viciada e no dia seguinte eu querer mais, mais, mais, mais e, você não. Fumar hoje, fumar daqui a dois dias, a três dias. Então, é melhor nem começar, porque nenhum de nós nos conhecemos. Isso, sim, agora que o desempenho escolar em grande medida era afetado pelo consumo e muitas vezes não era necessariamente, pelos efeitos biológicos, de afetar o córtex, de afetar a inteligência, não. Afetar a auto-estima, a culpa. Você sabe que está fazendo alguma coisa errada, que vai magoar seus pais, inclusive muitos jovens se aproximam das drogas, porque eles já estão com problemas. Não é a droga que dá o problema, muitas vezes a aproximação das drogas é por problemas que são jovens. Então, o desempenho escolar e vimos, também, casos de violência para aquisição de drogas.

15. Em sua opinião, a família em relação a essa problemática: drogas e violência, como ela pode agir?

R. Eu não sou do grupo que acha que a culpa é da família. Mas, que por outro lado, há em alguns casos, uma omissão. Por que hoje em dia, pelo pouco conhecimento que se tem, pelo pouco conhecimento que se passa, pelo senso comum, por revistas, por programas de televisão, o mínimo você sabe sobre drogas. E uma das coisas que você sabe sobre drogas é que ela altera o comportamento. A pessoa fica mais inquieta, mais nervosa, os olhos ficam com a pupila dilatada e os pais que vêem um filho ter mudado na sua forma de ser e que finge que não viu. Ou há outra

idéia de que meu filho não é viciado. Quem é viciado é o outro, é o colega. O colega é quem traz meu filhinho não. Ele foi viciado por alguém. Aquele pozinho branco que está no computador, é talco. Aí é demais, a questão da droga é o momento que você intervém. Se tiver uma intervenção, no começo, dialogar, discutir quem são as companhias. Saber com quem os filhos andam, saber por que chegou tarde e a que horas vem chegando. Por que as notas baixaram o desempenho escolar?. Por que eu estou dizendo que o desempenho escolar é um dos primeiros a ser afetado? Se o meu filho mudou o desempenho, a família tem que saber. Ela tem uma intervenção e a pior intervenção é aquela de avestruz: Não sei, não vi, não sabe, não está passando comigo. Tem que intervir mesmo. Agora, não é com briga, não é com violência. É no diálogo e com atendimento especializado. Muitos casos, a depender do processo e dessa interação que nós estávamos falando: eu, as drogas e as circunstâncias, onere. Outros dizem, que é uma relação com três vertentes: a droga nunca é a droga sozinha, que droga e que circunstâncias e com que relações. É no ambiente que estou, em que ambiente que estou, com quem que eu ando e que droga é, porque por exemplo: é uma coisa, é um tipo de droga, mas o melhor não começar. É já advertir aos jovens que: não mamãe, foi só uma vez e pronto, não há isso de só uma vez. É melhor não começar e se já começou estimular meios de alternativas. Tem que dar alternativas para o jovem, os jovens hoje, Roberto, o que mais me surpreende, dos trabalhos dos jovens e os jovens estão desencantados, estão sem projetos, estão sem valores em termos de carreira, o que vão fazer da vida. Então, a droga é uma alternativa.

16. Em relação à prevenção a drogas e a violências, em sua opinião como pesquisadora, qual o melhor passo para se prevenir?

R. É uma pergunta crucial. Especialistas, jogos e toda a literatura que nós tivemos acesso são unânimes em dizer que é muito melhor investir em prevenção do que investir em remediar, porque muitas vezes não dá para remediar mesmo, pois os casos em sair de dependências são difíceis. Não é que sejam impossíveis, mas é muito difícil tirar um jovem já em estado de dependência química. Porque tem a dependência: física e psíquica. Então, a prevenção é o melhor. E, a prevenção é de que o jovem não sinta vontade, ele sabe que a droga, além de ter tido informações de que a droga tem efeitos negativos, efeitos não esperados, que não controlam,

que você pode não saber como sair delas, então é melhor não se familiarizar, porque não há uma convivência, não é um casamento harmônico com as drogas, com a maior probabilidade, é difícil. Agora, que tenha alternativa de outros interesses na vida, de outras fontes de alegria e de principalmente de alguns tipos de amizades. Está em escolas, em relações em que se vê com maior probabilidade, os filhos estão caminhando para as drogas, é melhor ver se saí de perto.

17. Qual a mensagem que a Sr^a deixaria em relação ao que seria mais útil uma pessoa em trabalhar com os filhos para essa prevenção de drogas?

Que eles nunca venham ter interesse pelas drogas, para que a vida não seja uma droga para eles.

12.4. Grupo Focal com os Policiais Militares da Administração do PROERD

1. Nome e Idade.

1. Nome e Idade.	
R. 1	Elsimar Leão, 36 anos
R. 2	Suzane Ribeiro de Melo, 29 anos
R. 3	Grasiele Souza, 32 anos

2. Qual a Escolaridade?

R. 1	3º grau no Curso de Oficiais da Academia de Polícia Militar da Bahia e em Ciências Contábeis
R. 2	3º grau no Curso de Oficiais da Academia de Polícia Militar da Bahia e Licenciatura em Educação Física
R. 3	3º Grau em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia

3. Qual o Tempo de Serviço na PM?

R.1	18 (dezoito) anos
R. 2	08 (oito) anos
R. 3	12 (doze) anos

4. Possui alguma especialização na área de educação?

R.1	Técnica de Ensino e Professor da Academia de Polícia
R. 2	Estou cursando uma Educação Física Escolar
R. 3	Especialização em Psicopedagogia

5. Há quanto tempo trabalham na área de ensino?	
R.1	05 (cinco) anos
R. 2	01 (hum) ano, só.
R. 3	Eu tenho muitos anos, eu fiz magistério, fiz pedagogia, eu tenho muitos anos, em torno de 15 (quinze) anos

6. Como vocês conheceram o PROERD?	
R.1	Eu particularmente conheci o Programa através da aplicação do Programa pela Academia de Policia, em razão da vizinhança da Academia e da figura dos Direitos Humanos, aqui na Policia Militar, que era o Cel QOPM Melo, e tomei conhecimento da aplicação através do Cel QOPM Melo.
R. 2	Eu conheci o programa depois que vim trabalhar aqui no Departamento de Ensino
R. 3	Conheci o Programa aqui no Departamento de Ensino quando eu vim trabalhar aqui na Seção do PROERD.

7. Há quanto trabalham com este Programa?	
R.1	Há 01 (hum) ano e meio
R. 2	Há 05 (cinco) meses
R. 3	Mais ou menos há 01 (hum) ano

8. Os senhores possuem formação para trabalhar com este Programa?	
R.1	Não. Na verdade para se trabalhar na Coordenação do Programa é necessário possuir o curso em três níveis, mas nós não possuímos esta qualificação.
R. 2	Não, ainda não.
R. 3	Não

9. Qual a opinião em relação ao modelo do curso?	
R.1	É um padrão nacional que obedece às linhas traçadas pela mãe maior do curso que são os Estados Unidos, e naturalmente com uma adaptação para a realidade brasileira, e tem muita eficiência porque ele trabalha com atividades lúdicas e voltado para o público específico que é criança e adolescente.
R. 2	Como ele vem com um padrão dos Estados Unidos, nós tentamos adaptar e trabalhar com a realidade da Bahia e a realidade de cada escola
R. 3	Apesar de vir praticamente pronto, acho bastante eficaz.

10. Na opinião dos senhores, em relação à Bahia, este Programa é satisfatório?	
R.1	Atualmente sim, em razão do desenvolvimento do Programa neste ultimo ano.
R. 2	É satisfatório.
R. 3	É satisfatório, sim

11. Em relação a Salvador, na opinião dos senhores o Programa é satisfatório?	
R.1	Em relação ao Estado da Bahia o Programa está crescendo, cada vez mais, e em relação a Salvador ele não é diferente. Salvador e Região Metropolitana estão crescendo muito em relação a aplicação do programa.
R. 2	Idem ao que o Capitão falou.
R. 3	A mesma coisa.

12. Na opinião dos senhores, o Programa deveria mudar ou deve em relação à alguma coisa?	
R.1	Naturalmente todo processo de ensino=aprendizagem é dinâmico e deve sofrer uma constância na remodelagem e em novas informações, adaptações e naturalmente não é diferente no currículo, sendo que houve uma adaptação no ano de 2007 e que já está sendo seguido por todo o Brasil.
R. 2	Naturalmente, pois como a gente vê a cada passar do tempo, tem sempre que está inovando e melhorando para poder melhor aplicar o Programa
R. 3	No caso a gente pode falar aqui do material didático que a gente tem acesso, que são: na cartilha do aluno, que esse sofre alterações que vai se atualizando. Sobre a metodologia só os Instrutores mesmo, porque estão no dia a dia em sala de aula para dizer o que melhorar,

13. Os senhores já aplicaram este Programa em alguma Instituição?	
R.1	Não, pois nós da administração não temos o curso de Instrutor, e para aplicar em sala de aula, só quem tem o curso de Instrutor.
R. 2	Não
R. 3	Não

14. Qual a opinião dos senhores em relação às drogas?	
R.1	As drogas sempre existiram. Desde as civilizações mais primitivas e vão continuar existindo para sempre, nunca vai haver a erradicação. Existe o convívio com a droga, até porque existem drogas legalizadas e usadas pela Organização Mundial de Saúde, então o que se faz é justamente a prevenção para que não se trabalhe mais na frente com redução de danos, então um trabalho preventivo-educativo.
R. 2	As drogas hoje em dia não têm mais aquela coisa de que: há, é só da classe mais baixa. Hoje em dia as drogas estão em todas as classes, não tem cor, não tem raça. Então a gente tem que trabalhar na base para quando chegue lá na frente, não tenha maiores problemas.
R. 3	As drogas estão aí, em todo lugar e elas são bem susceptíveis às crianças, então este Programa é realmente indicado para esse público que ainda não teve contato com a droga. O Programa quer resgatar estas crianças para que elas saibam dizer não as drogas. Então a droga vai existir, ela está aí, a gente tem que combater de alguma forma. Através deste Programa social a gente tem condição de combater, de conscientizar a população que ela é ruim, para que a gente tenha uma sociedade melhor.

15. Em relação às drogas na escola, qual a opinião dos senhores?	
R.1	As drogas são do conhecimento público e a escola é o ponto alvo do tráfico de drogas. Mas por que a escola? Lá você tem crianças e adolescentes, em fase de desenvolvimento, curiosidade, ou seja, com todos os ingredientes que alimentam esse mercado que é o das drogas. Então, lá é onde nós fazemos o nosso trabalho de prevenção.
R. 2	As crianças é um alvo mais fácil para os traficantes. Então, hoje é uma realidade a droga na escola, tanto o tráfico como o uso. Nosso trabalho é prevenir a esta crianças que ainda não tiveram este contato possam dizer não.
R. 3	É tudo aquilo em que já se foi falado antes. Que as crianças tenham essa conversa, esse diálogo com o Instrutor do PROERD e que ele passe as lições para que elas possam dizer não e a resistir aos conflitos.

16. Qual a opinião dos senhores em relação à violência?	
R.1	A violência hoje em Salvador está chegando a índices alarmantes. O ponto crucial de estatística é que dão visibilidade em relação à violência é o maior patrimônio que o ser humano pode ter é o da vida, é o homicídio. E hoje em Salvador, não existe menos que 20 (vinte) homicídios no final de semana. Então a violência está, realmente, num patamar de intolerância em Salvador.
R. 2	A violência vem crescendo, estão aí os dados estatísticos para mostrarem, todo dia é um homicídio, um crime, e o que a gente tem que fazer é prevenir e procurar trabalhar de forma que a gente diminua estes índices.
R. 3	A violência está crescendo muito. Na mídia a gente só vê isto: em jornal, revista, a gente só vê violência, Salvador também mostra isto, e acredito que as drogas, elas também, aumentam a violência. Então, se a gente combater um pouco, trabalhar em cima de crianças, que vai trabalhar em casa com seus pais, com seus familiares, já vai ajudar bastante nesta crise que a gente está passando.

18. Em relação à violência na escola?	
R.1	É um dos pontos cruciais de adolescentes e crianças. A violência ela ingressa a partir de conflitos mínimos, por conta de um simples apelido e por aí vai. Hoje a gente vislumbra o ingresso de armas brancas até armas de fogo, ameaças a professores. Então, hoje a violência na escola é um ponto de relevância no índice que alimenta a violência em Salvador.
R. 2	Temos que trabalhar esta violência porque, hoje em dia, está até difícil para o professor dar aula, o professor tem medo de ir para a sala de aula por que tem o seu aluno que ameaça, ameaça a sua família, que leva arma tanto branca quanto arma de fogo. Então o professor tem medo. Se a gente tratando a violência na escola, a gente pode diminuir mais essa violência, o professor pode dar aulas mais tranqüilo e com certeza vai chegar ao objetivo que é dar educação a criança.
R. 3	Em relação à violência na escola, a gente está vendo que está crescendo e está crescendo também nas famílias. Então não é um problema não só escolar, mas social e é refletido na escola. O que ele vê em casa e na sociedade, ela vai transpor isto em sala de aula com os coleguinhas. Os filmes e até desenhos que são violentos, hoje, que as crianças têm oportunidades de ver. Então isto está muito relacionado à família. A família também tem que passar por um Programa, ela tem que se conscientizar do seu papel social, da paz, da violência. Então, isto está refletindo. Então este trabalho tem que ser feito em sala de aula e também com as famílias.

19. Na opinião dos senhores existe uma ligação entre drogas e violência e violência na escola?	
R.1	Existe uma ligação muito íntima, sem muito aprofundamento, nós observamos que hoje os índices de homicídios entre Salvador e a Região Metropolitana, que são as maiores vitrines do Estado, observamos que 90% ou mais dos crimes estão ligados ao tráfico de drogas, cobranças por dívidas e por aí vai.
R. 2	Existe sim, está bem ligado e nós podemos observar que é cada vez mais a luta pelo ponto de droga, que cada vez os traficantes querendo trazer mais gente para o seu lado, tanto para traficar quanto para o consumo. Então existe sim a ligação das drogas não só as ilícitas como as lícitas. a gente vê muita violência nesses postos de gasolina que hoje já libera e o pessoal coloca carro de som alto, começa a beber e ali já gera violência, mortes acontecem. Então, está muito ligado e a gente tem condição de combater, de certa forma isso, com o trabalho feito nas escolas.
R. 3	Idem.

20. A PM em relação a essa situação de drogas e violência nas escolas, qual a opinião dos senhores?	
R.1	A PM atua, naturalmente pela função constitucional, de forma sempre preventiva e repressiva quando há a fragilidade da prevenção. Mas, já existe um Programa que vem sendo desenvolvido, já alguns anos junto às escolas, que é o Programa de Ronda Escolar, e hoje o Programa Educacional de Resistências às Drogas trabalhando, exclusivamente, na prevenção ou na educação, para evitar o ingresso de crianças no mundo das drogas
R. 2	A Polícia Militar vem fazendo esse trabalho de Ronda escolar há algum tempo e agora com o PROERD que vai tratar e trabalhar diretamente com as crianças em sala de aula. Ela vem se interessando pela prevenção, pois para a Polícia Militar não é interessante o aumento destes índices. Então, ela trabalha mais com prevenção.
R. 3	Então, vem trabalhando com a prevenção nas escolas, através do PROERD e a Ronda Escolar, além disso temos na Polícia Militar voluntários que fazem palestras em escolas, também, com o objetivo de prevenir para que os índices não aumentem.

21. Já que aqui se trabalha na Coordenação e execução deste Programa, existe um levantamento estatístico feito das escolas em que há mais estes tipos de incidências para ver os índices de incidências para que o PROERD seja aplicado nessa escola?	
R.1	Na verdade o atendimento é feito pelo pedido de diretores aos núcleos que são as Unidades Operacionais, onde a escola está inserida, mas existe um projeto ambicioso, nosso, que é de se construir um grande banco de dados com as crianças para que mais na frente a gente venha acompanhar o desenvolvimento e mensurar a eficácia, no sentido de verificar junto a uma central grande de operações, que nós temos em Salvador e toda a Região Metropolitana, para verificar possíveis envolvimento de crianças e adolescentes que foram formadas pelo Programa, para a gente medir se o Programa está sendo eficiente ou não, ou seja para ver os resultados, mas o nosso ideal hoje e nós estamos caminhando para isso é ver a construção do banco de dados para esse acompanhamento.
R. 2	É o que o Capitão falou. Não tenho nada a acrescentar.
R. 3	Como a coordenação trabalha em conjunto, não tenho nada a acrescentar.

22. Na a opinião dos senhores é de fundamental importância este link entre: Ronda Escolar, Unidade Operacional e vocês da Coordenação do PROERD para a execução do programa?	
R.1	É importante ter uma sintonia, até para que haja um compartilhamento d informações, para não se gerir nada de forma isolada sem conhecer nada do que está acontecendo ao redor. O que ocorre e tem que acontecer e não pode ser diferente, uma parceria, uma integração, tem que haver uma possibilidade para: uma discussão, um amadurecimento de idéias, troca de experiências, então tudo isto está contextualizado para que o programa seja cada vez mais, mais eficiente.
R. 2	A mesma coisa.
R. 3	Idem.

**12.5 Relação das Escolas e das UOp que participaram do PROERD
2008.1**

**QUADRO RESUMO / ESCOLAS E ALUNOS
PROERD 2008.1**

UNIDADE	ESCOLA	ALUNOS	Total das Escolas	Total de Alunos
12º BPM - Camaçari	Escola Profª Ilda Leal U. da	44	04	209
	Escola Helena Magalhães	70		
	Padre Paulo Mª Tonucci	70		
	Escola Santo Antonio	16		
18º BPM - Pelourinho	Escola Vivaldo Costa Lima	43	04	100
	Escola Municipal Teresinha Vaz	31		
	Colégio Francisco de Assis	26		
1ª CIPM - Pernambués	Escola Estadual Ministro	52	05	277
	Escola Estadual Professora	125		
	Escola Adroaldo Ribeiro Costa	22		
	Escola Municipal Hildete Bahia	34		
	Escola Polivalente do Cabula	44		
2ª CIPM - Barbalho	Colégio Estadual Victor Civita	59	01	59
3ª CIPM - Cajazeira	Centro Educacional Sol	57	04	472
	Escola Estadual Jesus Cristo	131		
	Escola Municipal Fazenda	218		
	Centro Educacional Recanto	66		
5ª CIPM - Vera Cruz	Colégio Thales de Mileto	40	06	190
	Escola Antônio Hermenegildo	26		
	Escola Antônio Carlos	29		
	Escola Aquilino do Santos	31		
	Escola Criança Feliz	32		
	Escola Turma da Mônica	32		
9ª CIPM - Piraíá	Colégio Estadual Artur Sales	39	04	196
	Escola Estadual Assis	42		

UNIDADE	ESCOLA	ALUNOS	Total das Escolas	Total de Alunos
	Colégio Estadual Teodoro	58		
	Escola Municipal Antônio	57		
11ª CIPM Barra	Escola Municipal Santa	86	04	333
	Escola Municipal Allan Kardec	60		
	Escola Municipal Paroquial da	40		
	Colégio Estadual João das	147		
13ª CIPM Pituba	Escola Estadual Professor Nogueira Passos	37	01	37
14ª CIPM Lobato	Escola Municipal Catarina	28	07	405
	Escola Municipal Senhor do	70		
	Escola Municipal Santa Luzia	37		
	Escola Municipal Eufrosina	70		
	Escola Municipal São Roque do	61		
	Escola Municipal Padre	96		
	Escola Estadual Tereza Helena	43		
16ª CIPM Comércio	Escola Órfãos de São Joaquim.	43	01	43
17ª CIPM Uruguai	Escola Constância Medeiros	54	10	1.100
	Escola Professor Freire Filho	54		
	Escola Municipal Henriqueta	141		
	Escola Municipal 1º de Maio	58		
	Centro Educacional Santa Rita	18		
	CPM Luiz Tarquínio	128		
	CPM Ribeira	250		
	CPM Dendezeiros	245		
	Escola Simões Filho	105		
	Escola Municipal do Uruguai	47		
26ª CIPM - Brotas	Escola Municipal Martagão	78	05	166
	Escola Novo Ideal	21		
	Colégio Resgate	55		
	Escola Sol Nascente	12		

UNIDADE	ESCOLA	ALUNOS	Total das Escolas	Total de Alunos
	Escola Municipal Joir Brasileiro	-		
31ª CIPM - Valéria	Escola Estadual Nossa	58	02	127
	Escola Municipal Professor Ítalo	69		
39ª CIPM - Imbuí	Escola Estadual Luiza Mahim	23	02	252
	ÍMEJA	117		
	Escola Estadual Professora	112		
40ª CIPM – Nordeste de Amaralina	ESCOLA COMUNITÁRIA	70	03	250
	ESCOLA CULTURAL DE	98		
	Escola Municipal Vale das Pedrinhas	82		
41ª CIPM Federação	Escola Municipal São José	34	04	205
	Escola Municipal Nossa	52		
	Escola Municipal Braz do	35		
	Escola Municipal Padre José de	84		
48ª CIPM Sussuarana	Escola Municipal Acelino M. da Encarnação	134	01	134
49ª CIPM - São Cristóvão	Escola Municipal Célia	106	04	350
	Escola Municipal Barbosa	102		
	Escola Municipal Veloso	71		
	Escola Estadual 25 de Julho	71		
50ª CIPM - Sete de Abril	Escola Municipal Afrânio	132	02	231
	Escola Municipal Novo	99		
52ª CIPM – Lauro de Freitas	Escola Municipal Santa Rita	130	15	1299
	Escola Municipal Santa Júlia	93		
	Escola CAIC	71		
	Escola Municipal de Vida Nova	140		
	Escola Municipal Paulo Freire	87		
	Escola Municipal Cidade Nova	105		
	Escola Municipal Ismael	69		
	Escola Municipal Lagoa dos	54		
	Escola Municipal Jardim	106		

UNIDADE	ESCOLA	ALUNOS	Total das Escolas	Total de Alunos
	Escola Municipal Mario Covas	73		
	Escola Municipal Jardim	76		
	Escola Municipal N S de	18		
	Escola Municipal D Avelar	90		
	Escola Municipal Vila Praiana	126		
	Escola Municipal Jacira	61		
58ª CIPM Cosme de Farias	Escola Saturnino Cabral	62	05	295
	Escola Municipal Lélis Piedade	76		
	Escola de 1º Grau Brigadeiro	52		
	Escola Estadual Santa Rita	32		
	Escola Maria Quitéria	73		

Fonte: PROERD – BA 2008

13 Anexo

13.1. PORTARIA Nº. 038 – CG/07 do Comando Geral da Polícia Militar da Bahia - PMBA

**POLÍCIA MILITAR DA BAHIA
LJNG**



LEGISLAÇÃO, JURISPRUDÊNCIA E NORMAS GERAIS

Subcomando-Geral - n.º 004 - 25 de junho de 2007

4. PORTARIA Nº 038 – CG/07

“Institui o Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD, no âmbito da PMBA, como medida proativa para o controle da violência e criminalidade, em complementação às ações preventivas referentes ao consumo indevido de substâncias entorpecentes”.

O CORONEL PM COMANDANTE-GERAL DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA, no uso de suas atribuições,

RESOLVE

Art. 1º - Instituir o Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD, na Polícia Militar do Estado da Bahia, como mais uma ação no sentido de controlar a violência e a criminalidade, a fim de complementar as ações preventivas ao uso indevido e tráfico de drogas.

Art. 2º - O PROERD, de acordo com as suas finalidades e características, compõe o rol de políticas educacionais desenvolvidas sob a competência institucional do Departamento de Ensino - DE da PMBA.

Parágrafo único - O PROERD tem como atributo administrativo o assessoramento político do Comandante-Geral, processado através do planejamento e controle pedagógicos, da programação e da implementação de estudos, pesquisas, exposições de motivos, análises e pareceres técnico educacionais, além de diagnoses laborais, na seara educacional de crianças e adolescentes, objetivando garantir o desenvolvimento e execução do programa, por vezes em integração com órgãos afins em projetos delimitados.

Art. 3º - O PROERD tem por gênese o Projeto *Drug Abuse Resistance Education* (DARE), inicialmente desenvolvido e aplicado pelo Departamento de Polícia e o Distrito Escolar Unificado da Cidade de *Los Angeles*/EUA.

Art. 4º - O termo PROERD constitui marca própria registrada pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro - PMRJ, junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial, estando sob proteção de lei específica.

Art. 5º - A Aplicação do PROERD em escolas das diversas redes de ensino deve ser precedida de parcerias firmadas pela Corporação, através do Departamento de Ensino, com o respectivo segmento interessado, nas esferas estadual, municipal ou particular.

Art. 6º - A estrutura determinada para a administração do PROERD na Corporação, verticalmente hierarquizada, fica assim definida:

1. Coordenação Geral;
2. Coordenações de Áreas;
3. Coordenações Setoriais e Regionais.

I - Das competências específicas das coordenações.

a) Da Coordenação Geral - Compete a responsabilidade pela gestão do PROERD no Estado da Bahia, para elaboração e deliberação de programas pedagógicos a serem processados pelas Coordenações subordinadas, assim como todo o planejamento e controle de metas para o desenvolvimento de atividades e a administração de recursos de forma geral.

Sua compartimentação funcional compreende o Coordenador Geral do Programa, a cargo do Diretor do Departamento de Ensino, o Vice-Coordenador Geral, a cargo do Chefe da Coordenação de Planejamento e Controle Pedagógico, e a Comissão de Orientadores Educacionais, composta por Oficiais técnicos em educação do Departamento de Ensino, que, sob a administração do Vice-Coordenador Geral, otimizarão o programa de metas educativas projetadas pelos gestores do programa.

b) Das Coordenações de Áreas - São subdivididas em duas, quais sejam: *Coordenação de Área 1*, responsável pela gestão de todas Unidades localizadas na Capital e Região Metropolitana de Salvador (RMS), e a *Coordenação de Área 2*, com atribuições similares à anterior, contudo, atreladas às Unidades localizadas no interior do Estado.

Sua compartimentação funcional compreende respectivamente dois coordenadores de áreas, sob a competência de dois Tenentes Coronéis a serem nomeados pelo Comandante-Geral da Corporação.

c) Das Coordenações Setoriais e Regionais - A designação de *Setorial* se refere às Unidades funcionalmente subordinadas à *Coordenação de Área 1* e a expressão *Regional*, àquelas da mesma forma relacionadas à administração da *Coordenação de Área 2*. Ambas imbuídas da execução dos projetos educacionais.

Enquanto as Coordenações Setoriais se organizam a partir dos Comandos de Unidades Operacionais da Capital e RMS, orientadas pela Coordenação de Área 1;

as Coordenações Regionais se instituem a partir de cada um dos Comandos de Policiamento Regional (CPR) que, sob a orientação da Coordenação de Área 2, desenvolverão ações educacionais para os fins já anteriormente prescritos.

Em qualquer das duas Coordenações executivas mencionadas, os Comandantes de Unidades Operacionais assumirão diretamente ou por delegação, a deflagração das regências educacionais, seguindo o padrão PROERD de qualidade, na capacitação de crianças, no que concerne à sua doutrina internacional.

Essa departamentalização verticalmente hierarquizada, conforme já expresso, será esquematizada conforme o Anexo "A" desta Portaria.

II - Das Competências da Comissão de Orientadores Educacionais.

Compete à Comissão de Orientadores Educacionais, o planejamento, o acompanhamento técnico-pedagógico, o controle, e a secretaria dos eventos educacionais especificamente de acordo com as seguintes atribuições:

a) Do Planejamento Educacional Compete ao Setor de Planejamento Educacional:

- Planejar as atividades do PROERD em âmbito estadual, atendendo aos objetivos da política educacional definida pela Coordenação Geral, estabelecendo em conjunto com as demais coordenações o calendário de eventos:

- Elaborar planejamento semestral;
- Elaborar relatório semestral para análise do Coordenador Geral;
- Elaborar diretriz para captação de recursos;
- Difundir dados de metodologias educacionais de interesse das Unidades envolvidas;

- Planejar cursos, divulgando-os em instrumentos próprios;

- Manter intercâmbio com instituições, governamentais ou não, ligadas às áreas de educação, de prevenção e tratamento de dependentes químicos;
- Organizar atividades voltadas ao aprimoramento profissional dos Policiais Militares docentes, incluindo seleção de material técnico e artigos divulgados pela imprensa.

b) Do Acompanhamento Técnico-pedagógico

Compete ao Setor de Acompanhamento Técnico:

- Acompanhar a realização de cursos; acompanhar a aplicação do PROERD sob seus diferentes aspectos;

- Supervisionar a atuação do policial militar docente nas escolas;
- Garantir a uniformidade na aplicação do Programa;
- Avaliar as atividades dos policiais militares docentes, fornecendo-lhes apoio e orientação permanente;

- Conhecer as características e peculiaridades de cada escola envolvida no Programa, bem como as dificuldades que se apresentam aos Policiais Militares para o fiel cumprimento das ações previstas;

- Zelar pelo cumprimento dos acordos firmados em relação à aplicação do PROERD;
- Encaminhar à Coordenação Geral do PROERD relatório semanal de supervisão técnica;

- Planejar atividades pedagógicas e organizar encontros institucionais periodicamente.

c) Do Controle Pedagógico

Compete ao Controle Pedagógico a *coordenação técnica* dos projetos educacionais devidamente programados, através das seguintes atribuições:

- Receber de cada Coordenação de Área a relação de alunos e calendário de formaturas, nos prazos preestabelecidos;

- Manter contato permanente com o Oficial de Planejamento e Vice-Coordenador Geral do Programa, inteirando-se de qualquer alteração na sua aplicação;

- Sugerir medidas que dinamizem a aplicação do PROERD e as solenidades de formatura, levando em consideração os recursos da Corporação, tais como Banda de Música, Canil etc.;
- Elaborar e encaminhar à Vice-Coordenação Geral relatório semanal e semestral das atividades do PROERD e coordenar o preenchimento do banco de dados.

d) Da Secretaria

Compete à atividade de Secretaria:

- Confeccionar, receber e controlar documentação;
- Organizar arquivos;
- Confeccionar Calendário Geral das solenidades de encerramento, para publicação;
- Distribuir policiais militares instrutores nas escolas de suas respectivas áreas de atuação;
- Criar, atualizar e controlar banco de dados relativo ao Programa;
- Controlar material e acervo técnico (biblioteca);

Acompanhar a confecção do calendário de férias, em sintonia com os comandos de OPM, observando que não sejam interrompidos os trabalhos de docência exercidos pelos policiais militares pertencentes ao PROERD;

Encaminhar ao Departamento de Comunicação Social da PMBA o Calendário de Eventos e *release* sobre as atividades do PROERD para ser divulgado na imprensa;

- Compilar as matérias veiculadas pela mídia e mediar a seleção de candidatas desenvolvida pelas Coordenações de Áreas por determinação da Vice-Coordenação Geral.

Art. 7º - Cabe ao policial militar instrutor do PROERD a iniciativa, atitude participativa permanente, soluções alternativas na resolução de problemas e a busca sistemática de parceria e interação com a comunidade escolar.

Art. 8º - Os procedimentos específicos das diversas atribuições inerentes ao Programa estarão regulamentados em documentos próprios de orientação.

Art. 9º - Compete ao policial militar instrutor do PROERD:

- Ministrar aulas;
- Organizar e participar de reuniões com pais e responsáveis;
- Confeccionar o planejamento didático de aulas e palestras;
- Detalhar o calendário de aulas nas diversas turmas;
- Participar de atividades extracurriculares nas escolas em que atuar;
- Preencher e verificar agenda, bem como o Formulário de Programação Semanal do Policial Militar Instrutor, enviando cópia à Coordenação Setorial do PROERD;
- Sugerir escolas para inclusão no planejamento de palestras;
- Remeter à Secretaria do PROERD as notícias veiculadas na imprensa local sobre o Programa;
- Manter-se atualizado, por meio de artigos técnicos, sobre drogas, seus efeitos, aumento no consumo, ou qualquer outro tema ligado às drogas que possa interessar à aplicação do PROERD;
- Remeter à Coordenação Setorial do PROERD cadastro de alunos, conforme formulário padrão, especificando escola, turma e dados gerais do aluno;
- Produzir, ao final de cada semestre, relatório sobre a aplicação do PROERD em cada escola, encaminhando à Coordenação Setorial, conforme modelo específico;
- Produzir e remeter à Coordenadoria Setorial relatório periódico sobre o desenvolvimento do PROERD, indicando aspectos positivos e negativos vivenciados - nos casos de primeira atuação do docente em escolas, os relatórios devem ser

confeccionados e remetidos semanalmente, às sextas-feiras, conforme modelo próprio;

m) Elaborar e remeter à Coordenadoria Setorial, com antecedência, calendário das solenidades de encerramento do programa, nas escolas de sua atuação;

n) Elaborar e remeter à Coordenadoria Setorial, parte especial a respeito de eventos e/ou ocorrências que fujam à rotina escolar e dificuldades com o corpo docente do estabelecimento de ensino;

o) Detectar problemas relacionados com a segurança na sua área de atuação, discutindo as possíveis soluções com a comunidade e informando a Coordenadoria Setorial para adoção das medidas necessárias em conjunto;

p) Alimentar o banco de dados da Coordenadoria Setorial, informando ocorrências policiais, notícias de uso e tráfico de drogas e vitimização de crianças e adolescentes;

q) Participar de todas as atividades de reciclagem programadas pelas Coordenadorias Setorial e Geral, buscando, também, por iniciativa própria, seu aperfeiçoamento técnico, repassando aos demais integrantes do PROERD suas experiências;

r) Manter-se atualizado quanto aos conhecimentos pedagógicos e sobre drogas.

Art. 10 - O apoio a ser proporcionado pelos Comandantes das OPM constitui condição imprescindível para o sucesso do PROERD.

Art. 11 - Dentre outras atribuições, mostram-se relevantes as seguintes iniciativas:

a) Indicar um Oficial Subalterno (Tenente) ou Intermediário (Capitão) que tenha aptidão para o Programa, a fim de coordenar as atividades do PROERD em sua Unidade;

b) Comparecimento às solenidades de encerramento do PROERD, fazendo-se acompanhar de integrantes da OPM, designados de forma variada dentro das diversas graduações e postos;

c) Relacionamento com a comunidade escolar;

d) Relacionamento com organizações que atuem na questão das drogas;

e) Relacionamento com a comunidade local, buscando proporcionar esclarecimentos relativos à iniciativa da Polícia Militar;

f) Incentivo ao comparecimento de segmentos representativos da comunidade às atividades do PROERD, em especial às solenidades de encerramento;

g) Empregar o policial militar instrutor do PROERD exclusivamente na aplicação do Programa.

Art. 12 - Deverá o Comandante fazer acompanhamento das atividades do PROERD, apresentando à Coordenadoria Regional, quando for o caso, sugestões julgadas importantes para o aprimoramento do Programa.

Art. 13 - É previsto o 5º uniforme para o desenvolvimento das atividades do PROERD nas escolas e para as solenidades de formatura.

§ 1º - As situações, nas escolas ou fora delas, vinculadas ao Programa, que recomendem a participação do policial militar instrutor em trajes civis, deverão ser do prévio conhecimento da Coordenação Setorial e, neste caso, deverá o instrutor do PROERD utilizar camisa com a logomarca do Programa, calça e sapato;

Art. 14 - Durante sua atuação em sala de aula, o policial militar instrutor não deverá, em hipótese alguma, portar arma de fogo.

Art. 15 - O PROERD aplicado por policiais militares fardados, inclui, além do desenvolvimento do conteúdo específico em 10 lições destinadas aos alunos na faixa etária estabelecida, a realização de reuniões com os pais dos alunos, corpo docente e coordenação pedagógica das escolas.

Art. 16 - As aulas serão ministradas uma vez por semana, ao longo de um semestre letivo, com duração de 45 a 60 minutos, contando com a presença dos professores em sala de aula. Ao policial militar é destinado 4 (quatro) turmas por dia, no máximo, sendo em cada uma delas responsável pelo desenvolvimento do Programa. Durante sua permanência na escola, o policial militar promoverá visitas a outras turmas e conviverá ao longo do dia com toda a comunidade escolar.

Parágrafo Único – somente em casos excepcionais poderão ser ministradas duas ou mais aulas em uma mesma semana, com autorização prévia da Coordenadoria Setorial e direção da escola.

Art. 17 - As aulas serão ministradas com auxílio de material didático do PROERD, para crianças na faixa etária de 09 a 12 anos.

Parágrafo Único – A conclusão do Programa é marcada por uma solenidade de entrega de certificados aos alunos concluintes.

Art. 18 - Para seu uso exclusivo, o policial militar instrutor do Programa disporá de Manual com os procedimentos didáticos relativos ao desenvolvimento do conteúdo do PROERD.

Art. 19 - O policial militar candidato ao Curso de Formação de Instrutores do PROERD deverá preencher os seguintes requisitos básicos:

- a) Ser voluntário;
- b) Não ser dependente químico (inclusive de álcool e tabaco);
- c) Não ser fumante;
- d) Ter, no mínimo, 02 (dois) anos de serviço na atividade-fim da Corporação;
- e) Preferencialmente, aqueles que possuam experiência e/ou formação em atividades educacionais, inclusive com crianças, e boa oratória;
- f) Ter boa caligrafia e bom conhecimento da Língua Portuguesa;
- g) Estar classificado, no mínimo, no “Bom” comportamento;
- h) Ter boa conduta pessoal e profissional;
- i) Não estar respondendo a processo civil, criminal ou administrativo;
- j) Ter, no mínimo, Nível Médio de formação educacional;

Art. 20 - A aplicação do PROERD por policiais militares está condicionada a habilidade específica obtida através de aprovação em cursos regulares próprios.

§ 1º - Os cursos a que se refere este artigo são denominados Cursos de Formação de Docentes do PROERD (Instrutor) e Curso de Formação de Multiplicadores do PROERD (Mentor).

§ 2º - Cada Coordenador Setorial indicará, à Coordenadoria Estadual do PROERD, policiais militares para o Curso de Formação de Instrutores e Curso de Formação de Mentores, de acordo com o número de vagas.

Art. 21 - O policial militar habilitado que não tenha aplicado o conteúdo do Programa em sala de aula por um período superior a dois anos e deseje retornar a desempenhar as funções para as quais foi capacitado, deverá ser avaliado por uma banca composta por instrutores em atividade.

Art. 22 - A postura, a pontualidade, a organização, a boa apresentação pessoal, a educação, o respeito, dentre outras, são virtudes que deverão ser cultivadas pelo policial militar do PROERD em sua atuação nas escolas.

Art. 23 - Durante o desenvolvimento de suas atividades nas escolas, o policial militar docente deverá manter um relacionamento estritamente profissional com a direção, corpo docente, corpo discente, demais funcionários e integrantes da comunidade. Em caso de constatação de fato negativo ocorrido na escola, que comprometa a imagem da Polícia Militar ou do PROERD, motivado por educadores, ou mesmo por alunos, este deverá ser imediatamente comunicado ao Coordenador Setorial.

Art. 24 - Ao policial militar docente não é permitido tecer considerações sobre a administração da escola, atuação de professores e funcionários.

Art. 25 - Ao policial militar instrutor do PROERD é vedado, quando nas dependências da escola e imediações, bem como em eventos em que esteja representando o PROERD, inclusive de folga, o consumo de bebida alcoólica.

Art. 26 - É vedada a aplicação do Programa por policiais militares que não tenham formação dada pelo PROERD, constituindo falta passível de apuração, cabendo aos Comandantes a fiel Coordenação do Programa.

Parágrafo Único - Mesmo ao policial militar docente é vedada a aplicação do Programa em estabelecimentos de ensino ou afins não indicados pela Coordenação do Programa ou sem autorização da Coordenação Setorial ou Regional.

Art. 27 - Cabe ao policial militar docente o fiel cumprimento das lições previstas nos currículos do Programa, devendo eximir-se de considerações diversas aos seus conteúdos, tais como religiosas, político-partidárias, classistas etc.

Art. 28 - É vedado ao policial militar docente solicitar recursos financeiros ou materiais sob alegação de destinação ao PROERD, sem aquiescência do Coordenador Setorial.

Art. 29 - Para fins de estatística e suporte às ações repressivas será criado um Banco de Dados relacionando fatos típicos de consumo e tráfico de drogas nas escolas de atuação do PROERD.

§ 1º - A elaboração do cadastro e gerenciamento dos dados compete à Coordenadoria Regional.

§ 2º - Os dados obtidos serão remetidos à Coordenadoria Geral pelo Coordenador Regional, observadas as condições de sigilo exigidas para cada situação.

Art. 30 - Nas ocorrências policiais envolvendo alunos, professores ou funcionários da escola, em seu interior ou cercanias, e que requeiram uma pronta ação, caberá ao policial militar docente adotar as medidas que se fizerem necessárias, solicitando, posteriormente, o apoio do policiamento para o encaminhamento da ocorrência.

Parágrafo Único - As ocorrências havidas, independente do encaminhamento feito e do registro, deverão constituir objeto de parte especial, dirigida ao Coordenador Setorial, que remeterá cópia à Coordenação Regional e esta à Coordenação Geral, para fins de inclusão no Banco de Dados.

Art. 31 - As notícias chegadas ao policial militar docente sobre possíveis casos de envolvimento de alunos com o uso de drogas deverão ser tratadas juntamente com a direção do estabelecimento de ensino e responsáveis pelo aluno, respeitadas as prescrições legais, devendo o policial militar docente fornecer a relação de instituições de atendimento ao dependente químico e as orientações necessárias quanto ao encaminhamento para tratamento.

§ 1º - Na hipótese de comprovação do uso de substâncias entorpecentes por alunos da escola de atuação do policial militar docente, com conseqüente encaminhamento ao tratamento, o fato deverá constar de relatório específico.

§ 2º - O envolvimento do policial militar docente nesta situação ocorrerá com discrição e cautela, podendo, se necessário, indicar técnicos para a abordagem do assunto.

§ 3º - Não cabe ao policial militar docente interferir nos procedimentos adotados pela administração do estabelecimento de ensino quanto à disciplina do corpo de alunos.

Art. 32 - As notícias chegadas ao policial militar docente acerca de tráfico de drogas no âmbito da escola e suas cercanias serão imediatamente comunicadas ao Coordenador Setorial, que através de mecanismos próprios comunicará à

Coordenadoria de Missões Especiais e à Coordenação Geral do PROERD, para a adoção das medidas necessárias ao enfrentamento do problema.

Art. 33 - A concessão de entrevistas à imprensa local pelo policial militar docente será autorizada e programada pelo Coordenador Geral ou Regional/Setorial, desde que solicitada com antecedência.

Art. 34 - O calendário de férias dos policiais Militares docentes do PROERD coincidirá, preferencialmente, com o período de férias escolares.

Art. 35 - Os demais afastamentos previstos no Estatuto dos Policiais Militares serão concedidos pela Coordenação Setorial, de forma a não causar prejuízos ao desenvolvimento do Programa. As permutas só serão permitidas entre os docentes com a devida autorização do Coordenador local do Programa.

Art. 36 - Os afastamentos para licença especial deverão ser comunicados à Coordenadoria Setorial, para que esta, em tempo hábil, possa comunicar à Coordenadoria Regional, a fim de que seja viabilizada a substituição do policial militar docente.

Art. 37 - A necessidade de afastamento do policial militar docente em caráter extraordinário deverá ser solicitada com um mínimo de 72 (setenta e duas) horas de antecedência, ao Coordenador Setorial, que comunicará sua concessão ao Coordenador Regional, bem como as medidas adotadas para a substituição do docente e/ou compensação da aula, caso a ausência seja de caráter emergencial.

A Coordenadoria Setorial deverá encaminhar um docente para substituí-lo.

Art. 38 - O deslocamento do policial militar docente para as escolas deverá ter o apoio da OPM onde o policial estiver aplicando o Programa.

Art. 39 - A presença de policiais militares nas escolas para aplicação do PROERD aumenta também a possibilidade de redução de outros problemas locais afetos à segurança pública, em decorrência da excelente oportunidade proporcionada àqueles policiais militares de integrarem com a comunidade local, e assim melhor conhecerem tais problemas e possíveis soluções.

Art. 40 - O PROERD será desenvolvido em todo o Estado da Bahia, por meio do Batalhão de Polícia Militar ou Companhia Independente de Polícia Militar, que também coordenará policiais militares docentes do PROERD de Unidades Especializadas para que apliquem o Programa na sua circunscrição, sendo todos os dados centralizados na Coordenadoria Geral do Programa.

Art. 41 - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

**ANTONIO JORGE RIBEIRO DE SANTANA - CEL PM
COMANDANTE-GERAL**

**JAIRO JOSÉ DA CUNHA - CEL PM
SUBCOMANDANTE-GERAL**

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)